

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LINHA DE PESQUISA: POLÍTICA E IMAGINÁRIO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

GIANE APARECIDA BARROSO

PENSANDO A GUERRA DO PARAGUAI:

REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS

OUTUBRO - 2005

GIANE APARECIDA BARROSO

**PENSANDO A GUERRA DO PARAGUAI:
REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado da Universidade Federal de
Uberlândia, em cumprimento às exigências
para a obtenção do título de Mestre em
História, sob a orientação da professora Dra.
Christina da Silva Roquette Lopreato.

UBERLÂNDIA - MG

2005

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo sistema de Bibliotecas da UFU
Sistema de Catalogação e Classificação

B277p Barroso, Giane Aparecida, 1980-
Pensando a Guerra do Paraguai : representações simbólicas
/ Giane Aparecida Barroso. - Uberlândia, 2005.
120f. : il.
Orientador: Christina da Silva Roquette Lopreato.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Mestrado em História.
Inclui bibliografia.
1. História social - Teses. 2. Historiografia - Teses. 3. Paraguai,
Guerra do, 1864-1870 - Teses. 4. Brasil - História - Séc. XIX -
Teses. 5. História da América - Séc. XIX - Teses. I. Lopreato,
Christina da Silva Roquette. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Mestrado em História. III. Título.

CDU: 930.2:316(043.3)

“O correr da vida embrulha
tudo, a vida é assim: esquentando e
esfriando, apertando e daí afrouxando,
sossegando e depois desinquieta. O
que ela quer da gente é
coragem.”

(Guimarães Rosa)

GIANE APARECIDA BARROSO

**PENSANDO A GUERRA DO PARAGUAI:
REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora em ____ / ____ / ____.

Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato
(Orientadora)

Prof. Dr. Fábio Henrique Lopes
(Membro)

Profa. Dra. Jacy Alves Seixas
(Membro)

OUTUBRO - 2005

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho seria praticamente impossível sem a inestimável colaboração daqueles que de alguma forma estiveram ao meu lado no caminho percorrido.

Minha gratidão para todos aqueles que acreditaram e me fizeram acreditar que este sonho poderia se tornar realidade, em especial, à tia Neuza, e aos amigos Walter, Silvana e Paulo. Junto destes, com especial reconhecimento, agradeço ao professor e amigo Fábio Lopes pela inigualável contribuição ao ajudar-me a confiar e, acima de tudo, a “lutar” pela realização deste sonho.

Meu eterno agradecimento aos meus pais, Rosa e Laércio, pelo estímulo incessante, por todo carinho e pelo auxílio financeiro quando necessitei. Ao lado deles, estendo meu agradecimento ao Marcus, pela compreensão e à minha irmã, Gisele, por ter complementado minha alegria do primeiro ano no mestrado (2003) ao dar a luz às minhas queridas sobrinhas: Giovana e Maísa.

Pela acolhida (até então eu era uma “estranha”) e amizade sincera, meus agradecimentos a Jeanne Silva, que, sem suas “mãos e pés” a tramitação final do trabalho não teria sido possível; a Rosa Maria Pelegrine, por ser um exemplo de “super-mulher” e por todas às vezes que sua sinceridade me serviu de propulsão; e aos respectivos e inesquecíveis familiares de ambas amigas.

No campo da discussão acadêmica, agradeço a todos os professores do curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia, pela contribuição obtida nas disciplinas cursadas — *Historiografia*, ministrada pela Dra. Jacy Alves Seixas; *História*

Política nos Escritos sobre o Brasil, pela Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato; *Estudos Alternativos em Política e Imaginário*, pela Dra. Karla Adriana Martins Bessa; e *Seminário de Pesquisa*, pela Dra. Maria de Fátima Ramos de Almeida — e no Núcleo de Estudo em História Política (NEPHISPO). Meus agradecimentos, em especial aos professores: Dr. Antônio de Almeida e Dra. Jacy Alves Seixas, por terem aceitado analisar e discutir o relatório de qualificação e, principalmente, pelas sugestões que foram de singular importância para o desenvolvimento e finalização deste trabalho.

O meu particular e mais intenso reconhecimento e gratidão à professora, orientadora e amiga, Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato, pela inestimável contribuição intelectual, compreensão, atenção e, sobretudo, confiança no meu trabalho e na minha pessoa. Guardarei e tentarei aplicar em todos os aspectos da minha vida a sua primeira e constante orientação: “desesperar, jamais!”

Agradeço à Coordenação e ao Colegiado do curso de Mestrado em História pela sensibilidade diante das dificuldades dos alunos não-bolsistas para realizarem suas pesquisas de pós-graduação.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram no desenvolvimento deste estudo.

RESUMO

Esta dissertação problematiza as elaborações discursivas de alguns estudiosos da Guerra do Paraguai (1864 – 1870) a partir de duas representações simbólicas: o Paraguai e Francisco Solano López.

Os autores selecionados para esta pesquisa tratam o Paraguai, desde o período da colonização e/ou a partir da sua independência (1811), e Solano López, presidente paraguaio (1862 – 1870), com um acento diferencial, mas com perspectivas dessemelhantes; isso possibilita confrontar os diferentes discursos para perceber as divergências, as convergências e os complementos. Neste sentido, há uma tentativa de dialogar com os autores e fazer com que dialoguem entre si para que o estatuto de verdade, almejado nos discursos através da coerência e das convicções de seus argumentos, possa ser ressaltado e questionado.

Portanto, o objetivo proposto neste trabalho é analisar criticamente as singulares construções imagéticas que permitiram divergentes configurações do Paraguai e de Solano López enquanto representações importantes. Este é um dos caminhos possíveis para se pensar o conflito de meados do século XIX e para se compreender alguns argumentos explicativos que resultaram em uma múltipla e intrigante interpretação de um mesmo fato histórico: a Guerra do Paraguai.

ABSTRACT

This essay raises issues about studies elaborated by some scholars in Paraguay's war (1864 – 1870) from two symbological characters: Paraguay and Francisco Solano Lopez.

The selected authors for this research treat Paraguay, since the period of colonization and/or from its independence (1811), and Solano Lopez, paraguayan president (1862 – 1870), with special focus, but with no similar perspectives; this enables to confront the different issues to notice the divergences, the convergences and the compliments. This way, there is an effort to dialogue with the other authors and make them dialogue among themselves so that the statute of the truth, pursued in the studies through the coherence and conviction of the arguments, can be emphasized and inquired.

Therefore, the aim proposed in this work is to critically analyze the single image buildings, which allowed divergent configurations about Paraguay and Solano Lopez as important characters. This is one of the possible ways to think about the conflict in the middle of the 19th century and to understand some explaining arguments that turned out in a multiple and intriguing interpretation of the same historical fact: Paraguay's War.

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo I – O Paraguai nos discursos sobre a guerra	11
1.1. Importância da história do Paraguai	13
1.2. Paraguai: visões múltiplas	21
1.2.1. “O jugo de mão de ferro com luvas de veludo”	22
1.2.2. Paraguai “revestido de aço”	35
1.2.3. Progresso econômico ou retrocesso político?	43
Capítulo II – Francisco Solano López: função simbólica	57
2.1. Militar de confiança à presidente do Paraguai	59
2.2. Presidente e marechal: sua importância no conflito	81
2.3. Construções de símbolos: herói ou tirano sanguinário?	103
Considerações finais	107
Bibliografia	115

INTRODUÇÃO

A primeira inquietação sobre o tema desta pesquisa, a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), conflito bélico entre a Tríplice Aliança — formada pelo Império do Brasil e pelas Repúblicas da Argentina e do Uruguai — e a República do Paraguai, ocorreu no curso de graduação. O interesse singular pelo assunto se deu com o despertar de um forte sentimento de indignação ao entender que o “autônomo” Paraguai teria sido “destruído” neste conflito. Confesso que, de início, julguei o fato. Pensei na situação atual do Paraguai e imaginei como estaria se o conflito de meados do século XIX não tivesse acontecido. Este “julgamento” proporcionou uma sequência de questões que, acaso do destino, ou não, trouxeram-me até aqui.

Entretanto, uma discordância fez com que eu me envolvesse ainda mais com a temática: um interlocutor tinha um sentimento oposto ao meu, um outro entendimento sobre o conflito. Por ter estudado a guerra na compreensão de autores militares, entendia o Paraguai não como vítima, mas sim, o Brasil, que simplesmente reagiu para defender-se das ameaças de um “megalomaniaco” que governava o Paraguai na época: Francisco Solano López. Essa discordância intrigou-me e não conseguindo dar por encerrado o assunto, iniciei a pesquisa.

Percebi que o mais interessante não era buscar a vítima ou o agressor do conflito, mas compreender o porquê de interpretações tão contraditórias que ora atribuíam uma qualificação a um país ora a outro. Essa, portanto, era a problemática inicial. Em nenhum momento tive a intenção de “encontrar” uma causa motriz para, a partir dela, construir

mais uma explicação para a Guerra do Paraguai. E, apesar de ser um trabalho historiográfico, não quis limitar a pesquisa a um simples balanço e, muito menos, a um julgamento de parte dessa historiografia.

No decorrer do mestrado, as fontes de pesquisa foram delimitadas depois de um intenso levantamento bibliográfico, a partir do qual tive ciência e consciência da vasta produção historiográfica sobre o conflito. Como se trata de uma dissertação de mestrado, trabalho árduo, ainda mais quando se refere à questão do tempo disponibilizado para sua confecção, fiz a escolha de analisar parte da produção bibliográfica nacional/estrangeira editada em português, mais especificamente as obras: *A história da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*¹, do general Augusto Tasso Fragoso; *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*², do Sir Richard Burton; *A guerra do Paraguai, a grande tragédia rioplatense*³, de León Pomer; *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*⁴, de Júlio José Chiavenatto; e *Maldita guerra: nova história da guerra do Paraguai*⁵, de Francisco Doratioto. Interessante lembrar que cada interpretação é carregada de subjetividade de autores com formações diferenciadas, isto é, as obras abordadas são resultado de pesquisas realizadas por um viajante (Burton), um militar (Fragoso), um jornalista (Chiavenatto) e dois historiadores (Pomer e Doratioto) em tempos e contextos diferentes.

Outras possibilidades de análise foram apontadas e passei a trabalhar no sentido de identificar as aproximações e os distanciamentos existentes nas obras selecionadas. Até então, as fontes eram manuseadas como representantes das diversas visões que podem ser agrupadas nas conhecidas correntes interpretativas historiográficas: *tradicional* ou *oficial*;

¹ Fragoso, Augusto Tasso. *A história da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 5 volumes. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado Maior do Exército, 1934.

² Burton, Richard Francis. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Tradução e notas de José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1997.

³ Pomer, León. *A guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. Tradução de Yara Peres. São Paulo: Global, 1980.

⁴ Chiavenatto, Julio José. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

revisionista; e *recente*.⁶ É possível encontrar um breve mapeamento dessas correntes na obra *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*⁷, do historiador Ricardo Salles, além de jornais⁸ e revistas⁹ que trataram sobre a guerra.

O que permitiu reconhecer a qual corrente uma determinada obra pertence foi, basicamente, a aproximação existente na compreensão dos motivos que levaram a deflagração da guerra. Por exemplo, na primeira corrente interpretativa, conhecida como *tradicional* ou *oficial*, entende-se que a iniciativa de guerra partiu do ditador paraguaio Solano López envolvido pelo sentimento de *ambição* e *orgulho*,¹⁰ e seus autores no Brasil são principalmente os próprios militares, participantes do movimento. Essas obras foram construídas a partir da ótica dos vencedores, ou seja, do Império Brasileiro, mais especificamente, do Exército. Limitando-se a uma história factual ou a relatos de participantes do conflito, a corrente *tradicional* enfoca com precisão os detalhes das ações militares. Entre as narrativas que podem ser reconhecidas nesta corrente interpretativa, estão: *Reminiscências da Campanha do Paraguai*¹¹, do general Dionísio Cerqueira; *Retirada da Laguna*¹², de Alfredo Taunay; *Os voluntários da pátria na Guerra do Paraguai*¹³, do general Paulo de Queiroz Duarte; a obra do cônsul, inglês, Sir Richard Francis Burton, *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*, que serviu de fonte para

⁵ Doratioto, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁶ A terceira e última corrente não tem uma denominação precisa e para designá-la na proposta inicial uso o termo *recente*.

⁷ Salles, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁸ Por exemplo: Colombo, Sílvia. As últimas do Chaco. *Jornal Folha de São Paulo*, 30 mar. 2002. cad. Ilustrada. p. E 10.

⁹ Por exemplo: A Guerra do Paraguai: as origens que sacudiu o continente. *Nossa história*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Ano 2, nº 13, nov. 2004. (edição especial sobre a Guerra do Paraguai)

¹⁰ Cf. Fragoso, *op. cit.*, p. 264, v. I.

¹¹ Cerqueira, General Evangelista de Castro Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai: 1865-1870*. 4 volumes. Rio de Janeiro: Livraria de A. G. Guimarães, 1870

¹² Taunay, Alfredo d' Escagnolle. *A retirada da Laguna*. São Paulo: Melhoramentos, 1946.

¹³ Duarte, General Paulo de Queiroz. *Os voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

Fragoso. Talvez, a obra mais representativa desta corrente seja *A história da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, do general Frago, de cinco volumes.

Com severas críticas à corrente *oficial*, uma nova interpretação surgiu: a *revisionista*, baseando-se na visão economicista e na inserção do fato no contexto do imperialismo britânico. Esta corrente interpretativa colocou em cena um novo personagem: o capital inglês e atribuiu a ele a responsabilidade do conflito. As duas obras *revisionistas* mais conhecidas no Brasil são: *A guerra do Paraguai, a grande tragédia rioplatense*, do argentino León Pomer e *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*, do jornalista brasileiro Júlio José Chiavenatto, esta última a mais polêmica por considerar a Tríplice Aliança — Brasil, Argentina e Uruguai — fantoches nas mãos da Grã-Bretanha.

E a mais *recente* corrente questiona as duas anteriores, propondo-se a uma nova análise do conflito partindo e limitando-se ao contexto regional de disputa de fronteiras e hegemonia que permearam a formação e a consolidação dos Estados Nacionais. Nas palavras do historiador brasileiro que desenvolveu um minucioso estudo sobre o conflito, Francisco Doratioto, a Guerra do Paraguai foi *fruto das contradições platinas, tendo como razão última a consolidação dos Estados nacionais na região*.¹⁴ Sua obra, *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai* pode ser considerada a mais destacada da corrente *recente*. Anterior a Doratioto, outros autores já questionavam as interpretações *tradicional* e *revisionista*, como por exemplo, Ricardo Salles, em *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*¹⁵; e Alfredo da Mota Menezes, em *Guerra do Paraguai – como construímos o conflito*.¹⁶

¹⁴ Doratioto, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 93.

¹⁵ Salles, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

¹⁶ Menezes, Alfredo da Mota. *Guerra do Paraguai: como construímos o conflito*. São Paulo/Cuiabá: Contexto/Editora da UFMT, 1998.

A pesquisa tomou novos rumos após a significativa contribuição dos professores da banca de qualificação. Deixei de lidar com as obras selecionadas (fontes) como representantes das respectivas correntes e passei a tratá-las de acordo com a singularidade percebida em cada narrativa. Muitas mudanças, portanto, ocorreram, mas o que não mudou foi o sentimento de inquietação diante das divergências percebidas entre os discursos, da ambição dos autores em serem imparciais e das tentativas de escreverem a “verdade” sobre a Guerra do Paraguai.

Para dar embasamento à parte das minhas intrigas, recorro-me a George Duby, cético em relação à objetividade, que nos leva a pensar a subjetividade do historiador presente nos discursos históricos:

*Fomos progressivamente descobrindo que a objectividade do conhecimento histórico é um mito, que toda a história é escrita por um homem e que quando esse homem é um bom historiador põe na sua escrita muito de si próprio.*¹⁷

A contribuição de Duby é ainda maior quando afirma que os discursos históricos são criações, nos quais a sensibilidade e a arte de escrever desempenham um papel necessário.¹⁸ Por concordar com este autor, as minhas fontes foram criticamente analisadas não como um reflexo ou projeção do “real”, mas como práticas discursivas datadas; consciente de que jamais haverá uma verdade, única e objetiva.

Autores como Hannah Arendt¹⁹, Roger Chartier²⁰, Paul Veyne²¹ e Michel Foucault²² ajudaram a perceber e questionar essa noção de verdade, além de dar suporte teórico para a

¹⁷ Georges Duby. “O historiador, hoje”. In: DUBY, G. et alii. *História e nova história*. Campinas: Editora Teorema UNICAMP, 1986, p. 11.

¹⁸ Idem, p. 08.

¹⁹ Arendt, Hannah. “O conceito de história – antigo e moderno” e “Verdade e história”, in *Entre o passado e o futuro* [1961]. 3 ed. São Paulo: Perspectivas, 1992, pp. 69-126; 282-325.

²⁰ Chartier, Roger: “O mundo como representação”, [1989] *Estudos Avançados*, 11(5). São Paulo: Edusp, 1991.

²¹ Veyne, Paul. *Como se escreve a história* [1971]. 3 ed. Brasília: Editora da UNB, 1995.

possibilidade da proposta deste trabalho. Sobre a máscara colocada na vontade de verdade ambicionada nas práticas discursivas, Foucault alerta:

*(...) só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade (...).*²³

Para questionar o estatuto de verdade e buscar uma possibilidade de compreensão das múltiplas elaborações discursivas sobre a Guerra do Paraguai busco embasamento no conceito de representação trabalhado por Hannah Arendt e Chartier. Estes autores dão um novo sentido ao “real”, não mais aquele visado pelo historiador, mas o criado como representação, ou seja, a partir de atribuições de sentidos. Segundo Arendt, *a verdade factual (...) existe apenas na medida em que se fala sobre ela, mesmo quando ocorre no domínio da intimidade.*²⁴ Logo, não há diferença entre o real e a sua representação.

Nesta direção, para ter pistas da múltipla e complexa “realidade” configurada sobre a Guerra do Paraguai por parte dos autores selecionados, escolhi duas representações para serem analisadas neste trabalho: o Paraguai e o ditador paraguaio Francisco Solano López, as quais carregam um peso simbólico importante.

Estas representações simbólicas são como dois pilares construídos de maneira particular por cada autor, singularmente idealizados e trabalhados, para dar sustentação aos argumentos explicativos de cada interpretação. Portanto, de um modo geral, as construções sobre a Guerra do Paraguai se utilizaram desses pilares para dar firmeza às narrativas num

²² Foucault, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996; *O que é um autor?* Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3ª ed. [s.l.] Passagens, [s.d.].

²³ Foucault, *op. cit.*, p. 20.

²⁴ Arendt. *op. cit.*, p. 295.

infinito campo de possibilidades. As singulares configurações dessas representações simbólicas permitem aproximar e afrontar as interpretações sobre o conflito.

Neste estudo historiográfico, busco as concordâncias, as divergências e os complementos das idéias que considerei interessantes para se pensar o peso simbólico das duas representações trabalhadas. Investigo as imagens atribuídas ao Paraguai e ao ditador paraguaio considerando os argumentos peculiares nos quais cada autor se apóia para dar sentido à construção dessas figuras como representações simbólicas e, conseqüentemente, para dar sentido ao seu entendimento do conflito entre o Estado Paraguaio e a Tríplice Aliança.

Não tenho a pretensão de encontrar respostas para todas as perguntas que instigaram esta pesquisa, assim como para outras que aparecem no decorrer do seu desenvolvimento. Também não busco explicações objetivas para as diferentes configurações, tampouco, a que se pretende, a mais objetiva. Procuro problematizar e chamar atenção, nos próprios discursos analisados, para a impressão de “verdade” que estes discursos almejam transmitir através da coerência de idéias nas configurações das representações simbólicas. Digo isso por perceber que a leitura de cada obra analisada permite entender como os diferentes autores se apropriam de uma dada justificativa para interpretar a guerra, buscando fundamentá-la em argumentos convincentes.

Por fim, para registrar a minha intenção de não julgar a “verdade” pretendida pelos autores analisados, retomo a questão da diferença entre a história e a fábula, discutida por Michel de Certeau, refletida e compreendida por Chartier como um convite para a seguinte questão:

Em que condições pode-se considerar coerentes, plausíveis, explicativas, as relações instituídas entre, de um lado, os indícios, as séries ou os enunciados construídos pela operação historiográfica e, de outro, a

*realidade referencial que pretendem “representar” adequadamente? A resposta não é fácil, mas é certo que o historiador tem a tarefa específica de fornecer um conhecimento apropriado, controlado, dessa “população de mortos — personagens, mentalidades, preços” que são seu objeto. Abandonar essa intenção de verdade, talvez desmesurada mas certamente fundadora, seria deixar o campo livre a todas as falsificações, a todos os falsários que, por traírem o conhecimento, ferem a memória. Cabe aos historiadores, fazendo seu ofício, ser vigilantes.*²⁵

Vigilante e consciente da inevitável carga de subjetividade, desenvolvo este trabalho a partir de uma absoluta imersão nos discursos, não por acreditar que exista algo nas “entrelinhas”, mas para construir um diálogo com os autores e fazer com que estes dialoguem entre si.

O trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro, analiso o Paraguai, compreendido como uma importante representação simbólica do conflito, através das diferentes imagens construídas nos discursos abordados. Primeiramente, aponto as justificativas dos próprios autores para a acentuada importância atribuída aos aspectos históricos do Paraguai enquanto a mesma atenção não é verificada em relação aos outros países envolvidos na guerra. Isto permite averiguar a suspeita de que o Paraguai é tratado com um grande diferencial em relação aos demais países. Em seguida, volto o foco para as múltiplas visões que configuram imagens plurais do Paraguai que, independente dessas configurações, é tratado com unanimidade por todos os autores analisados. Para desenvolver a proposta de análise sobre as representações do Paraguai, escolhi três aspectos: social, militar e econômico, os quais são carregados de imagens que podem ser confrontadas entre os autores.

Considero o aspecto político — quer seja nos tempos remotos em que a região era colônia da Coroa Espanhola e que havia a presença de jesuítas, ou nos seqüentes ditadores que governaram o país após a independência (1811) —, importante para esta análise por

²⁵ Chartier, *op. cit.*, p. 100.

perceber que muitas vezes, ele é colocado, nos discursos, como a dinâmica que permite as mudanças ocorridas nos demais aspectos — social, militar e econômico. E, justamente, porque o aspecto político permeia os entendimentos dos autores sobre os outros aspectos abordados, não lhe reservo um espaço específico, mas busco refletir as suas questões ao relacioná-las com a sociedade, o caráter militar e a economia.

No segundo capítulo, procuro observar as imagens trabalhadas que possibilitam configurar Francisco Solano López como outra importante representação simbólica da Guerra do Paraguai, a qual apresenta-se como fundamental na múltipla elaboração discursiva sobre o conflito. Busco perceber a intenção das atribuições das diferentes imagens de acordo com os diversos entendimentos e perspectivas, a ponto de relacioná-las direta ou indiretamente à guerra.

Diferentes papéis foram tramados para o personagem Solano López nas narrativas analisadas, papéis importantes que serviram como verdadeiros pilares para múltiplos entendimentos sobre o conflito, principalmente sobre a questão dos motivos que levaram à sua deflagração. Para uma melhor compreensão do campo de possibilidades de configurações da representação de Solano López, apresento uma genealogia de cada construção interpretativa, entrecruzando umas com as outras para apontar este personagem (re)construído em cada narrativa com uma função simbólica, que ajuda a entender as divergências existentes nas obras selecionadas.

O segundo capítulo está organizado em três partes relacionadas ao percurso de Francisco Solano López. Na primeira delas, busco evidenciar as considerações sobre a vida de Solano, enquanto militar, filho do ditador Carlos López, até chegar à presidência do Paraguai. Em seguida, analiso as imagens configuradas do seu posicionamento enquanto presidente e enquanto marechal do Exército em pleno conflito contra a Tríplice Aliança. Nessa parte, chamo atenção para as configurações das duas funções simultâneas de Solano:

chefe de Estado e chefe militar e, principalmente, a sua relação com a sociedade e com o Exército.

Por fim, analiso as diferentes configurações da morte do ditador paraguaio, em 1870. Os autores abordados narram o episódio da morte de Solano como um desfecho da configuração tendenciosa, ou não, que permite, como já dito, sustentar as singulares interpretações sobre a grande guerra. O principal objetivo dessa parte é perceber que, assim como a representação do Paraguai, o ditador Solano López foi trabalhado como um diferencial nos discursos, a ponto da sua representação ser entendida e (re)construída como um dos principais meios, para alguns autores, para se chegar a uma explicação para o conflito.

O que estimula a análise das duas representações simbólicas — o Paraguai e Solano López — através das múltiplas imagens que lhes constituem é saber que o historiador tem um campo de possibilidades infindável, e que, neste caso, esta proposta de trabalho é uma delas para se pensar a Guerra do Paraguai.

CAPÍTULO I

O “Paraguai” nos discursos sobre a guerra

Múltiplas são as representações sobre o Paraguai de meados do século XIX: moderno, atrasado, livre, totalitário, entre outras. A configuração deste país é uma preocupação percebida nos discursos que buscam construir uma explicação para as origens do maior conflito bélico da América Latina: a Guerra do Paraguai (1864 – 1870) que envolveu, de um lado, a Tríplice Aliança, formada pelo Império do Brasil e pelas Repúblicas da Argentina e do Uruguai, e do outro, a República do Paraguai.

Os recortes, as inúmeras possibilidades de perspectivas de análises e as interpretações das fontes escolhidas pelos pesquisadores, eivadas de subjetividade ainda que negada pelos autores, é o que permite as múltiplas configurações do Paraguai enquanto representação simbólica. Este país, ora interpretado como “vítima”, ora “algoz”, que dá embasamento aos argumentos explicativos de cada discurso para a eclosão da guerra.

Portanto, cada representação construída sobre o Paraguai pelos discursos analisados neste trabalho, entre muitos outros possíveis, pode ser um caminho para a compreensão das diferentes e polêmicas interpretações das origens do conflito bélico que assolou parte do território da América do Sul durante mais de cinco anos.

Em outras palavras, entendo que esta pluralidade de imagens constitui as diferentes representações do Paraguai, cada qual servindo de pilar para os autores desenvolverem suas diferentes narrativas acerca de um mesmo episódio: a Guerra do Paraguai. Por isso, busco elucidar, com base nas análises historiográficas, nas possibilidades de dialogar com os diferentes discursos e fazer com que dialoguem entre si, as múltiplas imagens do Estado Paraguaio.

Antes disso, penso que cabe um questionamento: quais as justificativas dos próprios autores para que os aspectos históricos do Paraguai sejam colocados em evidência nos seus discursos? Para que respostas possíveis possam satisfazer tal questão, a próxima etapa será tecida a partir de algumas análises sobre as tentativas — explícitas ou implícitas — percebidas nas obras dos autores em explicar o porquê consideram tão importante a narrativa dos antecedentes históricos paraguaios.

1.1. Importância da história do Paraguai

Na primeira frase do Ensaio Introdutório da obra *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*, editada na Inglaterra em 1870, que reúne as cartas do viajante Richard Francis Burton, que passou pela experiência de ser cônsul no Brasil na época da guerra contra o Paraguai, Burton confessa: *eu pretendia poupar meus leitores da mortificação de ler este ensaio e a mim mesmo de escrevê-lo.*²⁶ Ele referia-se às longas páginas dedicadas à uma melhor compreensão do Paraguai. Instigada por esta afirmativa de Burton, procurei diversos sentidos que poderiam ser atribuídos ao termo mortificação para, quem sabe, amenizar a sensação de desprazer que o autor conseguiu transmitir ao leitor. Percebi, então, que a “negatividade” transmitida por essa palavra é inevitável. Porém, ao refletir sobre o porquê dessa “confissão”, pensei que caso Burton tivesse considerado importante dedicar-se à narrativa dos antecedentes dos outros países envolvidos na guerra, talvez julgasse tal tarefa também mortificante devido ao seu estilo de narrativa escolhida para o restante da sua obra: o de narrador de cartas endereçadas a um destinatário anônimo, que propunha expor relatos *simples e sem adornos daquilo que se apresenta a quem visita o local de uma campanha que, em nossos dias, traz morte e desolação aos belos vales dos rios Paraguai e Uruguai.*²⁷

Ao distanciar-se de uma narrativa descritiva de experiências vivenciadas, dedicou o Ensaio Introdutório ao resultado de uma pesquisa — mortificante, talvez — que possibilitou um rápido conhecimento de vários aspectos do Paraguai.

Mesmo considerando um desprazer, o viajante Burton afirma que seu ensaio *propõe-se dar um resumo da geografia e da história do Paraguai, o mais sucinto possível, sem ficar reduzido a um mero rol de nomes e datas*²⁸, abordando desde a origem da palavra “Paraguai”, os aspectos culturais e sociais da região, até os detalhes físicos e morais da *raça paraguaia*²⁹. Além disso, ainda faz um *resumo histórico*, tratando dos aspectos políticos, que se divide, segundo ele,

*naturalmente em quatro épocas distintas: ERA DA CONQUISTA (1528-162); O PERÍODO DE REGIME COLONIAL E JESUÍTICO (1620-1754); O GOVERNO DOS VICE-REIS (1754-1810); e a ERA DA INDEPENDÊNCIA (1811).*³⁰

A pesquisa realizada pelo viajante Burton apóia-se em obras de outros pesquisadores e viajantes, artigos de jornais, almanaques, opiniões populares e descrições a partir de suas observações. Diversificadas fontes permitiram construções, mesmo que resumidas, dos muitos aspectos do território paraguaio e do seu povo. Seria difícil encontrar em outra obra uma atenção tão próxima aos mínimos detalhes oferecidos ao leitor sobre a nação paraguaia. Questiono-me quão rica teria sido sua contribuição para os outros países envolvidos no conflito, caso semelhante pesquisa sobre eles tivesse sido de seu interesse.

Para Burton, a necessidade de escrever tão detalhadamente sobre o Paraguai é explicada devido ao seu *espanto ao constatar a extensão da ignorância no que concerne à*

²⁶ Burton, *op. cit.*, p. 27.

²⁷ Idem, p. 19.

²⁸ Idem. Ibidem, p. 28.

²⁹ Idem. Ibidem, p. 33.

³⁰ Idem. Ibidem, p. 44. Denomina ERA DA CONQUISTA o período que corresponde desde a chegada dos europeus (espanhóis) até a fase da conquista do território. Após a conquista, o Paraguai viveu O PERÍODO COLONIAL E JESUÍTICO caracterizado pela ordem imposta pelo sistema colonial e, posteriormente, pelos jesuítas, além da submissão dos guaranis. Com o fim das missões jesuíticas, inicia-se o que Burton chama de GOVERNO DOS VICE-REIS justamente devido à criação do Vice-Reino do Rio da Prata que marcou os

chamada “China americana”.³¹ Refere-se, nesse caso, à falta de conhecimento dos seus compatriotas — ingleses —, os quais, segundo o autor, somava-se uma *incorrigível falta de interesse*.³²

Além da ignorância e da falta de interesse, outro fator pode ser levado em consideração: a desproporção — três contra um — que cria a necessidade de falar que nação era essa que vivia isolada, conhecendo somente uma forma de governo: a ditadura, que, sozinha, se levantou contra o “gigante” Império Brasileiro e as duas Repúblicas platinas, Uruguai e Argentina.

Menos detalhista que Burton, León Pomer — historiador argentino — trata sobre o Paraguai somente depois de fazer uma longa consideração às mudanças mundiais ocorridas com a revolução industrial que, segundo seu entendimento, permitiu que as grandes potências européias, principalmente da Grã-Bretanha, não negassem esforços bélicos ou diplomáticos para sustentar a necessidade de matéria-prima e mercado consumidor para suas indústrias.

Pomer volta-se para os aspectos históricos do Paraguai desde a época colonial até o governo de Francisco Solano López, tendo como enfoque principal as características econômicas. Por exemplo, ao tratar da época colonial, o historiador argentino diz que *no final do século XVI formaram-se estâncias de gado e inicia-se a exploração de erva-mate*³³ e, após uma página de narrativa sobre o desenvolvimento econômico, ele assegura que *no final do século XVIII, a economia local depende da exportação de tabaco, açúcar, madeira dura, mel, doce, couro e, acima de tudo, erva-mate (...)*.³⁴ A narrativa da história do Paraguai é fundamental para o autor dar embasamento às suas reflexões sobre o peculiar

primeiros passos para a independência. Por último, a ERA DA INDEPENDÊNCIA tendo como marco o nascimento da República do Paraguai.

³¹ Idem. Ibidem, p. 27.

³² Idem. Ibidem, p. 19.

³³ Pomer, *op. cit.*, p. 29.

desenvolvimento econômico da nação guarani. Pomer encerra a parte colonial com a seguinte reflexão:

*O Paraguai, ao contrário de outras regiões da América hispano-portuguesa, não teve grandes plantações tropicais nem consideráveis fazendas de gado. Isso possibilitou o desenvolvimento de uma classe de camponeses livres, pequenos, paupérrimos mas livres dos latifundiários e mercadores.*³⁵

Reconstruir um contexto mundial embasado nas transformações decorrentes do capitalismo e posteriormente tratar de um território cujo povo mantinha-se (ou era mantido?) “isolado”, permitiu, segundo Pomer, entender o Estado Paraguaio como um *antagonista*³⁶ às forças capitalistas que, na região, tinham nos comerciantes de Buenos Aires os seus maiores representantes. Tal antagonismo é explicado pelo historiador através da configuração de um Paraguai que, devido aos acontecimentos históricos — principalmente as políticas governamentais do país —, teve a possibilidade de ser estruturado de forma diferenciada em relação aos demais países da América espanhola. Segundo Pomer, *o Paraguai constituirá um obstáculo na medida em que está dirigido por governos ciumentos de sua soberania e dignidade nacional.*³⁷

Diferente de Burton e Pomer, o historiador Francisco Doratioto, assim como o jornalista Julio José Chiavenatto e o General Augusto Tasso Fragoso, iniciam suas reflexões sobre a guerra a partir da independência do Paraguai (1811). Entretanto, há um distanciamento de Fragoso para com os outros dois autores, pois atribui igual importância aos antecedentes históricos dos países que formaram a Tríplice Aliança, enquanto os

³⁴ Idem, p. 31.

³⁵ Idem. Ibidem, p. 35.

³⁶ Idem. Ibidem, p. 23.

³⁷ Idem. Ibidem, p. 74.

demais autores se limitam a mapear a situação política dos aliados, do período correspondente à guerra.

Fragoso explica que a *guerra da Tríplice Aliança (...) seria incompreensível a quem lhe desconhecesse os antecedentes*.³⁸ Mais adiante, reforça ao dizer que

sem o conhecimento, ainda que nas suas linhas gerais, da vida dos quatro países — Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai — (...), não se podem apreender com clareza os acontecimentos sangrentos de 1865 a 1870, e formular sobre eles juízo sereno e decisivo.³⁹

Ao atribuir importância à *vida dos quatro países*, o militar refere-se à vida política, compreendendo-a como uma *evolução*.⁴⁰ E para essa confecção, Fragoso acredita que é necessário voltar e remexer o passado para conhecer a verdadeira história. Em suas palavras, para aprofundar o conhecimento sobre a guerra, *há mister volver ao passado e perscrutar (...) a história (...)*.⁴¹

Doratioto também vislumbra a possibilidade de dar às *vozes do passado, (...) o espaço para serem ouvidas com respeito*⁴², e diz que sua obra é uma

análise mais objetiva da Guerra do Paraguai, (...) apoiado em vasta e diversificada documentação, (...) busca explicar as origens da guerra e o seu desenvolvimento.⁴³

Há muitas maneiras de se pensar a construção historiográfica, porém, pensar conforme Doratioto e Fragoso é não compreender que os documentos poderiam ser

³⁸ Fragoso, *op. cit.*, p. 6, vol. I.

³⁹ Idem.

⁴⁰ O autor deixa claro seu entendimento sobre essa questão até mesmo nos subtítulos relacionados ao assunto, por exemplo: *A evolução política do Uruguai (...)*, *A evolução política da Argentina (...)*.

⁴¹ Fragoso, *op. cit.*, p. 6, vol. I.

⁴² Doratioto, *op. cit.*, p. 21.

⁴³ Idem.

criticamente analisados, com maior liberdade, tendo a plena consciência de que jamais se chegará a uma verdade objetiva, e que a objetividade é um mito.⁴⁴

Doratioto *busca explicar as origens da guerra*⁴⁵ e inicia seu livro com o capítulo *Tempestade no Prata*, no qual desenvolve considerações sobre o período de 1811 a 1862, no subitem intitulado *O Paraguai de Francia e Carlos López: a defesa da autonomia (1811-62)*. Nesta parte, Doratioto tem a preocupação de narrar o percurso político da República Paraguaia e suas implicações, atento às relações internacionais desse país. Assim, considera os aspectos históricos do Paraguai e as suas relações externas e/ou a falta delas, fatores de extrema importância e que estão diretamente envolvidos nas origens da guerra.

Percebe-se, então, que nos discursos de Fragozo e de Doratioto, o conflito para ser compreendido, tem que ser apresentado em uma sucessão de acontecimentos, embasados em documentos que demonstrem uma certa “legitimidade”, e seguir o “antigo” modelo de continuidade com causa-consequência. Tal construção é uma necessidade para atender ao propósito — muito improvável — de se escrever uma história objetiva.

Já Chiavenatto alega que seu livro *é*

*uma abordagem crítica da Guerra do Paraguai, (...) uma análise rápida, mas que pretende ser abrangente, da história do Paraguai desde os tempos de El Supremo, o ditador Francia, passando por Carlos Antonio López (pai de Solano), que pode ser considerado o criador do Paraguai moderno, e terminando com Francisco Solano López (...).*⁴⁶

⁴⁴ Cf. George Duby. “O historiador, hoje”. In: Duby, G. et alii. *História e nova história*. Campinas: Editora Teorema UNICAMP, 1986.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 13-14.

O jornalista sofre severa crítica na Introdução da obra de Doratioto, com a alegação de que os argumentos usados na sua narrativa vão *contra a realidade dos fatos e não tem provas documentais (...)*.⁴⁷

Chiavenatto, no entanto, chama a atenção do leitor para que seu livro seja *lido como se fosse uma reportagem, escrita com paixão (...)*.⁴⁸ E sua biografia, no final da obra, explica que essa *paixão* iniciou *a partir de 1971, impressionado com a expansão do subimperialismo brasileiro no Paraguai* e, a partir daí, *começou a estudar a história daquele país [Paraguai]*. O seu envolvimento pode ser percebido no seu relato:

*percorreu praticamente todos os países da América do Sul por terra, numa velha motocicleta, acreditando que é impossível escrever corretamente a história destes povos oprimidos sem um contato direto com a sua realidade.*⁴⁹

Jornalismo e história são campos distintos e, conforme a visão de alguns historiadores, os jornalistas são *destituídos de perspectiva história e do recuo necessário para transformar o “testemunho”/envolvimento em análise histórica*, restando, assim, a possibilidade de uma *trama factual que compõe o instante presente, o imediato*.⁵⁰

Chiavenatto ousa fundir seus estudos históricos com sua narrativa de estilo jornalístico, porém, como já apontei, seu discurso é alvo de críticas por parte, principalmente, de historiadores.

O aspecto histórico do Paraguai, resumido em resistência ante o avanço imperialista colonizador, é colocado como eixo central e dinâmico da narrativa de Chiavenatto, onde

⁴⁷ Doratioto, *op. cit.*, p. 20.

⁴⁸ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 14.

⁴⁹ Idem, p. 208. Esta experiência vivida por Chiavenatto pode ser comparada com as viagens do Che Guevara abordadas no filme “Diário de Motocicleta”. Chiavenatto, assim como Che, ficou sensibilizado diante da sofrida realidade dos povos com os quais tivera contato. Talvez, isso explique o posicionamento de ambos ao voltar-se contra o sistema capitalista, mesmo em épocas tão diferentes.

tudo gira em torno desse país que, no final, segundo o autor, saiu *mitilado, castrado, que nunca mais pôde reerguer-se (...)*.⁵¹

Os discursos colocados em evidência nesse trabalho têm a preocupação de voltar a atenção, uns mais, outros menos, para os aspectos sociais, econômicos e políticos do Paraguai por considerá-los importantes na análise da guerra e, no caso de Burton, pode-se somar a questão da ignorância por parte dos estrangeiros em relação a tudo que se refere a essa nação.

O Paraguai é concebido, pelos diferentes autores pesquisados, com um acento diferencial em relação aos demais países envolvidos na guerra, cuja narrativa de sua história, seja ela, desde a colonização e/ou a partir da independência, é fundamental para melhor compreensão da guerra.

Estes autores, mesmo tendo em comum a idéia de que o aspecto histórico do Paraguai é um fator indispensável para a compreensão da guerra, têm suas narrativas tecidas com distanciamentos significativos nas características atribuídas à formação desse país. Portanto, o Paraguai não é configurado de forma homogênea nas obras analisadas.

O próximo passo será justamente uma análise de como os discursos constroem o percurso para a constituição do Paraguai enquanto uma nação singular frente aos demais países que se envolveram no conflito bélico, conhecido como a Guerra do Paraguai.

⁵⁰ Cf. Flávia Biroli, em palestra transcrita com o título *O “atual” e o “histórico” no jornalismo — uma discussão sobre a imprensa e história no Brasil contemporâneo*. Palestra proferida no Imes/Fafica – Instituto Municipal de Catanduva, em setembro de 2002.

1.2. Paraguai: visões múltiplas

O Paraguai mostra-se como um fenômeno excepcional (...).

León Pomer⁵²

O Paraguai é uma esfinge.

Tasso Fragoso⁵³

Os discursos sobre o Paraguai tentam “explicar” esse *fenômeno*, ou, ainda, “desvendar” os segredos dessa *esfinge*. Resultam daí, as múltiplas narrativas sobre este país que, na segunda metade dos oitocentos se envolveu num conflito de envergadura maior que a nação podia suportar.

Não busco o discurso mais “convvincente” ou quem sabe o mais próximo ao “real”, por entender as narrativas históricas como construções interpretativas. Para esta proposta de análise do Paraguai enquanto representação simbólica, escolhi três aspectos para serem trabalhados: social, militar e econômico. Cada um destes é tratado em conjunto com um

⁵¹ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 164.

⁵² Pomer, *op. cit.*, p. 47.

⁵³ Fragoso, *op. cit.*, p. 94, vol. I.

quarto aspecto: o político. Utilizo os discursos como fios para tecer possíveis distanciamentos ou aproximações sobre os aspectos escolhidos para ter, por fim, uma trama cuja finalidade é pensar as múltiplas imagens que representam o Paraguai.

1.2.1. “O jugo de mão de ferro com luvas de veludo”

Burton, no Prefácio da sua obra, chama atenção para os discursos sobre a República do Paraguai, correntes na época do conflito, e os expõe da seguinte forma:

*Os que à distância lêem os noticiários só vêem uma das duas faces inevitáveis. Uns reconhecem uma nação esmagada ao peso de seus inimigos; exaurida de sua população para saciar a sede de sangue de uma guerra inclemente; e isolada de toda e qualquer comunicação com o mundo exterior, embora cada vez mais inflamada pela firme determinação de lutar ou morrer, antes de submeter-se ao jugo de uma força poderosa que a esmaga lenta, mas seguramente. Outros nada observam a não ser uma raça semibárbara riscada do mapa, uma obscura nacionalidade devorada, como dizem os cafres, por seus vizinhos (...).*⁵⁴

Duas visões sobre o Paraguai, portanto, são percebidas na citação acima e pode-se constatar que não há contradições entre elas no que se refere ao povo paraguaio, pois ambas rotulam-no como vítima da guerra. Todavia, diferencia-se pelas tentativas de explicar o motivo que levou a tal situação: na primeira visão, o povo é vítima da *sede de sangue*, que certamente provém do ditador paraguaio Solano López; e a segunda, o povo é

⁵⁴ Burton, *op. cit.*, p. 19.

considerado *uma raça semibárbara riscada do mapa por seus vizinhos*. Burton deixa clara sua discordância da segunda visão, pois não atribui a responsabilidade da “desgraça” do povo paraguaio aos países da Tríplice Aliança, e adjetiva os portadores desta idéia, de *cafres* (ignorantes).

Mais adiante, Burton mostra ao leitor o que considera sua visão “imparcial” da guerra:

*Vista imparcialmente, a Guerra do Paraguai não é outra coisa senão a condenação de uma raça que procura livrar-se de uma tirania, por ela mesma escolhida, tornando-se “chair à canon” mediante um processo de aniquilamento.*⁵⁵

As idéias exploradas por Burton possivelmente foram reflexos das informações divulgadas na época⁵⁶ e que estavam carregadas de intenções propagandistas provindas do lado oposto ao paraguaio. Este autor, ciente de tal situação, diz:

*Todos os relatos que até agora [1870] são necessariamente unilaterais: os aliados — brasileiros, argentinos e orientais — contam e recontam sua própria versão dos fatos, ao passo que os paraguaios têm sido forçosamente emudecidos.*⁵⁷

Percebidos unicamente como vítimas, o povo paraguaio é considerado por esse autor *uma raça semibárbara (...) longe de ser sem importância própria e toda especial*.⁵⁸ Uma nação inferiorizada por conhecer somente o despotismo, primeiramente jesuítico, e depois, com os ditadores que deram continuidade ao sistema autoritário implantado no período colonial.

⁵⁵ Idem, p. 23. (grifos do autor)

⁵⁶ Burton estava de licença do cargo de cônsul no Brasil quando percorreu os campos de batalha da guerra e pôde ter contato com as informações da época.

⁵⁷ Burton, *op. cit.*, p. 25.

⁵⁸ Idem, p. 23.

Para Burton, como resultado do despotismo teocrático dos jesuítas, o que se tem no

Paraguai

Não é um povo, mas um rebanho, um “servum pecus” que não conhece outra lei a não ser a de seus superiores e cuja história pode ser resumida em submissão absoluta, fanatismo, obediência cega, dedicação heróica e bárbara ao tirano que o governa, combinados com ignorância crassa, ódio e desprezo pelo estrangeiro.⁵⁹

Em outras palavras, no entendimento de Burton, o povo paraguaio desde a presença dos jesuítas, limita-se ao conhecimento de si enquanto submissos a uma liderança nefasta que o mantém na ignorância. Este molde construído pelos jesuítas constituiu uma nação, vítima, portanto, da “confusão” entre poder e fé. Pensar em um povo como *rebanho* remete pensar que ele necessariamente deve ser conduzido por um pastor.

Na compreensão de Burton, o sistema implantado nas missões explica a mentalidade paraguaia modelada para submissão presente na história paraguaia até a guerra contra a Tríplice Aliança. Para este autor, os discursos transmitidos pelos jesuítas eram para ensinar os guaranis

a se considerarem uma raça escolhida, santa, privilegiada e eleita por Deus, além de se mostrarem maravilhados por serem tão patriarcalmente governados, como se o fossem por caciques, prostravam-se de corpo e alma diante dos padres; olhavam para eles como um cachorro olha para o dono e a eles atribuíam a própria existência física, bem como a espiritual.⁶⁰

Continua ao dizer que os *guaranis eram ensinados pelos padres a ouvir e obedecer como meninos de escola.⁶¹* Portanto, no discurso de Burton, uma mentalidade coletiva de obediência cega foi sendo constituída com os discursos dos padres jesuítas que, com isso, moldaram um povo passivo aos mandos e desmandos dos governantes após independência.

⁵⁹ Idem. Ibidem, p. 48. (grifos do autor)

⁶⁰ Idem. Ibidem.

⁶¹ Idem. Ibidem, p. 49.

Em contrapartida, Pomer e Chiavenatto acreditam em uma obediência consciente dos paraguaios. Diferente de Burton, esses autores atribuem o mérito do surgimento de um povo consciente e obediente ao ditador José Gaspar Rodríguez Francia (1811 – 1840), primeiro governo após independência (1811).

A longa duração da ditadura de Francia, quase três décadas, tanto para Pomer como para Chiavenatto, é interpretada de forma absolutamente positiva para o Paraguai. Nas palavras de Chiavenatto, *El Supremo, utilizando-se do poder da sua “ditadura perpétua”, tornava todos iguais dentro do Paraguai.*⁶² E continua: *o Paraguai praticamente era um só: coeso e obediente diante da chefia de El Supremo.*⁶³

Segundo Chiavenatto, Francia governou um país cujo povo foi capaz de reconhecer seus esforços para manter a soberania da nação. Por isso, é nesse governo que se

*cria um povo com uma nascente consciência histórica. Quando desloca do centro do poder político e econômico os herdeiros do colonialismo espanhol e distribui as terras e seus frutos ao povo (mantendo a propriedade em sua absoluta maioria em poder do Estado), lança as raízes de uma consciência nacional que se dispõe posteriormente a morrer em defesa de sua sociedade.*⁶⁴

A mentalidade coletiva do povo paraguaio, neste caso, já é tratada de *consciência nacional*, diferentemente de Burton que retoma uma temporalidade mais remota para se pensar o início da formação dessa mentalidade. Surgem, aqui, algumas questões: até que ponto a independência, ao possibilitar a constituição da idéia de nação institui uma nova mentalidade, a nacional? Ou ainda, qual o período de transição para se poder assegurar uma mudança de mentalidade? Para tais questionamentos não há respostas precisas e deixo

⁶² Chiavenatto, *op. cit.*, p. 21.

⁶³ Idem, p. 17.

⁶⁴ Idem. Ibidem, p. 22.

para o leitor refletir sobre as análises apresentadas dos discursos de Burton, Pomer e Chiavenatto.

A narrativa de Pomer reforça a idéia de consciência nacional a partir do primeiro governo após a independência:

*No fundo, tudo é muito simples: o povo adquire consciência de que constrói uma pátria para si mesmo. E intui, ou sabe, que o austero e implacável Francia estima essa gente humilde.*⁶⁵

E continua sua exaltação à ditadura francista ao narrar que um enviado do Brasil, Correa da Câmara, em 1825, *ante ao governo de Assunção, dirá que “sem contradição” o país guarani é a primeira potência da América do Sul, com exclusão do Brasil.*⁶⁶

Chiavenatto contribui no sentido de interpretar a ditadura de Francia como benéfica ao Estado Paraguaio ao dizer que:

*A partir da independência o Paraguai é a única república da América Latina que não sofre a presença dos caudilhos nem é conturbada por revoluções ou golpes. É um país coeso, com autoridade centralizada e que pode dar-se ao verdadeiro luxo, no primeiro quartel do século XIX, de gozar uma autêntica paz política.*⁶⁷

Burton, no entanto, assegura que a ditadura francista

*era, evidentemente, uma reprodução, num molde até mais rigoroso, do sistema de redução jesuítica, que prosperou porque a mentalidade popular estava preparada para ela.*⁶⁸

⁶⁵ Pomer, *op. cit.*, p. 45.

⁶⁶ Pomer, *op. cit.*, p. 46. (grifos do autor)

⁶⁷ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 15.

⁶⁸ Burton, *op. cit.*, p. 65.

Essa mentalidade de “rebanho”, que resultou na aceitação de sucessivos governos autoritários, levou o povo a revelar-se, segundo Burton, *entusiasmado tanto pelo sistema quanto pela administração do El Supremo*.⁶⁹

Pomer mostra que a consciência do povo paraguaio, iniciada no governo de Francia, também é percebida no governo de Carlos López, pois

*(...) em 1846, o cônsul norte-americano Hopkins, que escreveria uma carta a Rosas, nos seguintes termos: “... é a nação mais poderosa do novo mundo, depois dos EE.UU.” (...) “seu povo é o mais unido” (...) “o governo é o mais rico de todos os Estados deste continente”.*⁷⁰

Mesmo colocando a hipótese do cônsul norte-americano ter exagerado *quando se referia à “nação mais poderosa”, o “governo mais rico”*; para Pomer, *havia acertado numa coisa essencial: “o povo mais unido”*.⁷¹

A unidade que o autor acredita existir no Paraguai está diretamente ligada à obediência, a qual, mesmo compreendida por fatores diferentes, é consensual nos diferentes discursos. Para Burton, essa obediência tem suas raízes nos ensinamentos dos jesuítas que influenciaram, de modo geral, a mentalidade paraguaia, tendo continuidade com os governantes após independência. Já para Chiavenatto, assim como para Pomer, a ditadura de Francia foi o grande marco que contribuiu para conscientizar o povo, e, assim, mantê-lo obediente até o governo de Francisco Solano López. Segundo estes dois autores, ao lutar bravamente na guerra, o povo demonstrou ter uma mentalidade consciente.

Fragoso, no entanto, preocupado em discorrer sobre os antecedentes da guerra, volta-se exclusivamente para o percurso político dos países envolvidos e, por isso, a sociedade paraguaia não é consideravelmente analisada. Ao pensar o governo de Francia,

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Pomer, *op. cit.*, p. 49.

⁷¹ Idem. (grifos do autor)

Fragoso dá seu parecer, de modo geral, sobre o povo paraguaio, considerando-o fácil de se manipular devido à política isolacionista desse ditador. Segundo o militar,

A reclusão em que foi mantido por largos anos pelos seus dominadores libertou-os das lutas internas que dilaceravam os vizinhos do sul, mas em compensação estorvou-lhe o progresso e freou-lhe as energias. Sem comércio, sem indústria, sem imigração e quase sem cultura, o heróico povo está fatalmente destinado a ser instrumento dócil e quase inconsciente nas mãos de um tirano [Solano López], até que recobre a sua merecida liberdade e se emparelhe com os seus irmãos do mesmo continente.⁷²

Assim, Fragoso atribui a responsabilidade da postura obediente do povo paraguaio ao isolamento a partir do governo de Francia tornando-o, posteriormente, um *instrumento dócil* para os planos expansionistas do presidente Solano López. A falta de consciência que permitiu a existência de uma obediência inquestionável é compreendida por Fragoso devido à *reclusão* que impossibilitou o contato do povo paraguaio com o mundo exterior, pois este poderia incentivar questionamentos e, conseqüentemente, novas posturas.

Assim como a obediência — consciente ou não —, o fato do Paraguai ter permanecido isolado até o governo de Carlos Antonio López (1840-1862) também é aceito entre os autores destacados nesse trabalho. Todavia, os argumentos utilizados para explicar o isolamento paraguaio são divergentes. Como já mencionado anteriormente, Fragoso, Chiavenatto e Doratioto tratam do Paraguai a partir da independência, diferentemente de Burton e Pomer que constroem suas narrativas desde a fase colonial.

Doratioto e Fragoso compreendem que o isolamento do Paraguai foi idealizado por Francia para afastar qualquer possibilidade de contato com outros povos que pudessem ameaçar a única forma de governo conhecida por este povo: a ditadura. Segundo Fragoso,

⁷² Fragoso, *op. cit.*, p. 94-95, vol. I.

*O único meio que se lhe deparou para domina-lo e ao mesmo tempo evitar-lhe o contágio das perturbações da Argentina e do Uruguai foi isolá-lo totalmente de contatos com o exterior; por isso o seu programa de governo reduziu-se a manter um Paraguai fechado, fora do convívio da civilização (...).*⁷³

Em outras palavras, Doratioto e Fragoso concordam que:

*Francia isolou seu país como a melhor forma de manter a independência em relação a Buenos Aires e à sua própria ditadura (...). Eliminou qualquer oposição por parte de setores da elite a seu projeto isolacionista.*⁷⁴

Para esses autores, o isolamento do Paraguai foi planejado pela administração de “El Supremo” para manter-se no poder e livrar o país dos conflitos internos que assolavam as repúblicas platinas. Neste contexto, o Império Brasileiro, segundo Fragoso, *segue sereno o seu caminho, enquadrado na fórmula monárquica, mas fomentando o seu progresso e dilatando a sua cultura espiritual.*⁷⁵ Sobre essa suposta tranquilidade no Império, Burton faz uma análise quase “profética”, pois alega que a guerra pode colocar à *prova os gigantescos poderes do Brasil e ameaçar graves conseqüências para seu imperialismo democrático e de boa índole (...).*⁷⁶ De fato, a historiografia mostra que o caminho seguido pelo Brasil foi de tutor das questões platinas, até o abalo da sua serenidade na guerra contra o Paraguai.⁷⁷

Distante dos problemas vividos na região platina, a República do Paraguai viveu até o governo de Carlos López uma experiência peculiar na América Latina: um absoluto isolamento. Tanto Fragoso como Doratioto acreditam que o isolamento foi intencional e

⁷³ Fragoso, *op. cit.*, p. 54, vol. I.

⁷⁴ Doratioto, *op. cit.*, p. 24-25.

⁷⁵ Fragoso, *op. cit.*, p. 95, vol. I.

⁷⁶ Burton, *op. cit.*, p. 23.

⁷⁷ Sobre o abalo da serenidade, na pessoa do imperador, ver Lília Moritz Schwarcz, *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; sobre a relação da Guerra do Paraguai com a crise do Império, ver, entre outros, Wilma Peres Costa. *A espada de Dâmocles: o exército, a*

fazia parte do programa de governo, do projeto, de Francia para, com isso, manter-se protegido de duas ameaças: do exterior, o perigo do contexto conflituoso de consolidação dos estados nacionais; e do interior, as disputas internas pelo poder, comum nas repúblicas vizinhas. Todavia, uma configuração diferente é possível de ser percebida nos discursos de Pomer e Chiavenatto.

Ao criticar os autores que defendem o isolamento do Paraguai como uma *medida* de governo, Chiavenatto acentua que *Francia foi forçado a isolar o país*.⁷⁸ Na obra de Pomer — usada como referência bibliográfica pelo jornalista — o autor aponta as tentativas do ditador em selar relações comerciais que foram fracassadas devido aos tratados não cumpridos pela cidade portenha de Buenos Aires, situação tão cara ao Paraguai que dependia de seus vizinhos argentinos para interligá-lo com o mundo exterior através do Oceano Atlântico. O historiador alega que seria possível tal relação, caso não viesse a *submeter o Paraguai mediante a extorsão econômica*.⁷⁹ Por não abrir mão da soberania de sua pátria, *Gaspar Rodrigues de Francia isola o Paraguai porque é a única maneira de criar uma defesa sólida*.⁸⁰

Pomer e Chiavenatto entendem que Francia optou por isolar o Paraguai para manter sua independência e soberania.

Para compreender o isolamento responsável por *nada a respeito do Paraguai* ser *conhecido fora do país e de seu governo muito pouco se saber*⁸¹, Burton buscou explicações na implantação do despotismo jesuítico. Diferente dos demais autores, o viajante não atribui o isolamento, quer seja ele uma vontade política ou a única alternativa para manter a soberania, ao governo do “El Supremo”. Este autor defende que o

guerra do Paraguai e a crise do Império. São Paulo: HUCITEC/Ed. da Unicamp, 1996 e Ricardo Salles. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁷⁸ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 17.

⁷⁹ Pomer, *op. cit.*, p. 40.

⁸⁰ Idem, p. 41.

isolamento do Paraguai é muito mais antigo, *e não com o Dr. Francia, como vulgarmente se supõe.*⁸²

Segundo Burton, assim como para Fragoso e Doratioto, o isolamento foi intencional, porém, não do ditador paraguaio Francia, mas sim, dos jesuítas.

*Os jesuítas implantaram seu sistema através de meios eficacíssimos entre os bugres, isto é, o jugo de mão de ferro com luvas de veludo. O objetivo principal deles era o total isolamento, de modo a isolar as missões do mundo exterior (...).*⁸³

Como já dito anteriormente, para Burton, a ditadura de Francia foi uma reprodução do sistema jesuítico. Em outras palavras, não houve mudança brusca, positiva ou negativa a partir desse governo como alegam os demais autores. Permaneceu o despotismo, o isolamento e um povo conformado em ser “rebanho”.

Burton, que também dedica parte da sua narrativa à ditadura francista, afirma ser *evidente que Francia não pertencia àquela horda de tiranos para o qual o mundo olha com interesse efêmero.*⁸⁴ Para ele, todos os aspectos — psicológicos e físicos — dos governantes paraguaios eram importantes. Assim, configura psicologicamente Francia como um homem *de mentalidade ascética, amante do estudo e da solidão*, dedicado à leitura da política francesa que, estimulava nele o sonho de *se tornar cônsul, ditador e imperador*⁸⁵, certamente referindo-se ao exemplo de Napoleão Bonaparte (1800 – 1815).

Encontrar algum tipo de crítica do inglês ao “*Ditador Perpétuo*”⁸⁶ é uma tarefa difícil, pois considera que *ridicularizar um homem desses é evidentemente um absurdo; a*

⁸¹ Burton, *op. cit.*, p. 22.

⁸² Idem, p. 48.

⁸³ Idem. Ibidem, p. 50.

⁸⁴ Idem. Ibidem, p. 67.

⁸⁵ Idem. Ibidem, p. 56.

⁸⁶ Esta denominação refere-se a um título vitalício de ditador que foi atribuído ao primeiro presidente paraguaio: José Gaspar de Francia. Segundo Burton, *no dia 1º de maio de 1816, o quarto Congresso reuniu-se em Assunção e elegeu o Dr. Francia como “Ditador Perpétuo” da República (...); tornava-se*

tentativa só pode ricochetear sobre os que o fazem.⁸⁷ O autor chama atenção para o seguinte:

*Escritores hostis apregoavam que aquela terra infeliz vivia, embrutecida, sob a paz dos túmulos imposta por ignorância e terror, suportando um despotismo de isolamento e de desolação mais letal e mais funesto que todas as guerras civis e a anarquia.*⁸⁸

Próximo ao discurso acima, encontra-se o entendimento de Fragoso ao afirmar que *em vista do atraso em que se encontrava o Paraguai, não lhe foi difícil adquirir um rápido ascendente sobre os seus compatriotas.*⁸⁹

O autor refere-se à ascendência fácil de Francia por ser um homem com uma certa cultura, em meio ao ignorante povo paraguaio. Apesar de ressaltar a formação cultural do “Ditador Perpétuo”, Fragoso aponta-o *dotado de caráter desumano*⁹⁰ por considerá-lo um dominador que tinha um único objetivo: manter-se no poder. Fragoso, portanto, pode ser incluído entre os *escritores hostis* que configuram o Paraguai como uma *terra infeliz*.

Em contrapartida a essa compreensão, Burton entende o governo de Francia e a continuidade do isolamento do Paraguai como a única alternativa para manter o povo em uma terra feliz, caracterizada pela ausência dos conflitos internos que assolavam as demais repúblicas vizinhas. Segundo este autor, Francia

Defendia sua incomunicabilidade apontando, triunfal, para as desastrosas revoluções e as guerras fratricidas nas quais o federalismo e um abuso

“Excelentíssimo” e “El Supremo” — naquele tempo um título reconhecido. Hoje soa como se fosse blasfêmia. (p. 62) Fragoso, que também chama atenção para esse assunto, concorda com Burton ao afirmar que assim que Francia conseguiu do congresso a criação [1814] do governo unipessoal por cinco anos, foi investido com o título expressivo de “Ditador do Paraguai”. E continua dizendo que esse mesmo congresso lhe conferia [em 1817], por maioria considerável, a denominação de “Ditador Perpétuo” do Paraguai”. (p.54 , vol. I)

⁸⁷ Burton, *op. cit.*, p. 63.

⁸⁸ Idem, p. 65.

⁸⁹ Fragoso, *op. cit.*, p. 54, vol. I.

⁹⁰ Idem.

*chamado liberdade afogaram as repúblicas vizinhas. Naquele retirado reino dos jesuítas, ele podia mostrar ao mundo a única exceção à anarquia republicana, um povo tranqüilo e poderoso, contente e até feliz.*⁹¹

Além disso, Burton não concorda com a característica de *desumano* que Fragozo atribui ao Dr. Francia, ao dizer que o *ditador, aparentemente impassível e fleumático, era sensibíllissimo a qualquer coisa que lembrasse pretensão a predomínio, superioridade ou influência de estranhos.*⁹² Ao concordar com a idéia de que Francia tinha aversão a possibilidade de perder seu domínio para “estranhos”, Doratioto explica o que levou o ditador paraguaio a secularizar a Igreja:

*Essa medida foi uma reação do “Ditador Perpétuo” à ordem do papa Leão XII, em 1824, de que arcebispos e bispos na América apoiassem os esforços de Fernando VII, rei da Espanha, para restabelecer sua autoridade sobre as antigas colônias.*⁹³

Burton completa quando diz que por meio da secularização, *ele [Francia] governou a diocese e fez da Igreja a criada, como ela deve ser, e não a amante do Estado; a polícia moral, e não a soberana.*⁹⁴

Ao tratar da relação Estado/Igreja, Chiavenatto afirma que:

*Francia faz a Igreja Católica romper com Roma: a Igreja no Paraguai agora é nacional.(...) E mais: (...) determina a liberdade de crença no país e extingue para sempre os tribunais da Inquisição. Não satisfeito, e para constar que a Igreja tem que ser nacional, manda esculpir no frontispício de todos os templos o emblema da República do Paraguai.*⁹⁵

⁹¹ Burton, *op. cit.*, p. 65.

⁹² Idem, p. 64.

⁹³ Doratioto, *op. cit.*, p. 25.

⁹⁴ Burton, *op. cit.*, p. 61.

⁹⁵ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 20-21.

Entende que o “*Ditador Perpétuo*”, através de um extremo nacionalismo, tinha o objetivo de acabar com qualquer camada social privilegiada dentro do Paraguai que pudesse ter algum poder, seja ele, econômico ou político, tornando, assim, *todos iguais dentro do Paraguai*.⁹⁶

Nesta direção da idéia de nivelamento dos poderes existentes no Paraguai, Pomer afirma que *Francia nacionalizava a igreja paraguaia eliminando toda a dependência de autoridade estrangeira*.⁹⁷

Para Burton, a relação de Francia com a Igreja não estava relacionada às questões de poder como alegam Chiavenatto e Pomer, mas sim, à ideologia. Diz que o ditador

desejava ser um católico, não um católico romano. Um de seus ditados favoritos era: “Sabem para que servem os padres? Fazem-nos acreditar mais no diabo do que em Deus”.⁹⁸

Esta máxima até parece ironia do destino, pois Francia não tinha noção que, conforme afirma Burton, o seu governo seria considerado um reforço do sistema implantado por padres jesuítas.

As análises realizadas até aqui possibilitaram perceber que há uma ligação direta entre o isolamento do país que ora é compreendido como uma tática intencional realizada por Francia, ora é sustentado como uma única alternativa encontrada por esse ditador diante de um encurralamento, ora é fundamentado no sistema implantado pelos jesuítas, e a formação de uma mentalidade cuja consciência, ou a falta dela, possibilitou a existência e permanência de um povo obediente e, conseqüentemente, coeso.

Também permitiram perceber que há uma complexa discussão entre os autores com os quais dialogo e busco fazer com que dialoguem entre si sobre uma possível formação do

⁹⁶ Idem, p. 21.

⁹⁷ Pomer, *op. cit.*, p. 42.

povo paraguaio consciente ou alienado. Ambas configurações encontradas nos discursos analisados, indiscutivelmente, resultam em um povo obediente e permite colocar em evidência outro aspecto importante desta nação: o caráter militar.

1.2.2. Paraguai “revestido de aço”

Para Burton que considera um erro pensar os paraguaios como uma *raça homogênea*, percebo que somente o aspecto militar é passível de seus elogios. No seu entendimento, a *raça paraguaia pode ser dividida em quatro tipos diferentes*⁹⁹: branco, mulato (branco com índio ou negro), índio e negro. Esta heterogeneidade pode explicar o porquê, no Paraguai, existiam bons soldados “cegamente” obedientes. Segundo Burton,



*Num único ponto importante o soldado paraguaio é deficiente — a inteligência. Carece de iniciativa; seu braço é melhor do que a cabeça. É esse o resultado inevitável da mistura do sangue índio com o sangue europeu; (...) bons soldados, mas com falta de cérebro.*¹⁰⁰

Portanto, no sentido de força, a heterogeneidade da raça vem ser positiva, pois

⁹⁸ Burton, *op. cit.*, p. 61.

⁹⁹ Idem, p. 33.

¹⁰⁰ Idem. Ibidem, p. 37.

*O soldado paraguaio certamente tem lutado, em seu ódio contra a anarquia estéril da raça mais pura e, ao resistir às usurpações de seus vizinhos, com tenacidade de propósito, com uma furiosa intrepidez e com um impassível menosprezo pela morte que lhe fazem a mais elevada das honras.*¹⁰¹

Mais adiante, o autor volta-se para os aspectos culturais, os quais contribuem ainda mais para o desenvolvimento das potencialidades militares. Ele diz:

*O homem que convive com feras rapidamente se brutaliza. Um único dia na cabana de um gaúcho é bastante para mostrar como sua crueldade nasce e se cria. As crianças já nascem laçando cães, gatos e aves domésticas, fazendo-os de bola, enquanto um menino investe com uma faca rombuda contra o pescoço de um cordeiro sob o olhar divertido da irmãzinha.*¹⁰²

Na perspectiva de Burton, essa brutalidade resultou em bom soldado, *um selvagem que se compraz em mutilar o cadáver inimigo e que pendura um colar de orelhas no mastro de seu navio.*¹⁰³

Quase tudo parece contribuir para o aumento da aptidão militar nos paraguaios. Pomer entende que esse caráter é responsabilidade da educação dos jesuítas, que fizeram dos índios *soldados e marinheiros.*¹⁰⁴ A “educação” jesuítica é mais profundamente tratada por Burton quando analisa o segundo período político do Paraguai, *Período de regime colonial e jesuítico*, e percebe que

*dois aspectos importantes das missões jesuíticas têm sido ignorados ou desconsiderados: a organização militar e o trabalho secreto dos missionários nas minas de ouro.*¹⁰⁵

¹⁰¹ Idem. Ibidem.

¹⁰² Idem. Ibidem.

¹⁰³ Idem. Ibidem, p. 37.

¹⁰⁴ Pomer, *op. cit.*, p. 42.

¹⁰⁵ Burton, *op. cit.*, p. 51-52.

O primeiro aspecto, *que os pregadores de uma religião de paz e boa vontade entre os homens introduziram no seio de seus cristãos novos*¹⁰⁶, satiriza Burton, vem ao encontro da afirmação de Pomer e o motivo para essa organização militar é, ainda segundo o viajante, a defesa na disputa política entre a Coroa Espanhola e a Coroa Portuguesa. O segundo aspecto, mantido na mais *profunda obscuridade*, diz respeito à necessidade de *soldados disciplinados para defender suas minas*.¹⁰⁷ As missões jesuíticas necessitavam de soldados para preservar seu domínio e sua fonte de riqueza.

Após a independência, os governos permaneceram estimulando o caráter militar dos paraguaios, que teve, desde Francia, uma singular atenção. Para Burton,

O Dr. Francia tinha um bichinho de estimação — o Exército — (...). Disciplinava com severidade suas tropas, mas só quando estavam mobilizadas; em outras ocasiões ficavam livres. (...) Na realidade, ele fundou uma estratocracia que colocava o elemento militar acima do civil; todo cidadão era obrigado a tirar o chapéu a uma simples sentinela..

Em outras palavras, a instituição mais importante paraguaia era o Exército sob as ordens de um ditador que moldava uma sociedade que deveria estar preparado para manter a independência de seu país a qualquer custo. Neste sentido, Burton explica por que considera os militares fundamentais no Paraguai:

*Convencido de que sua ditadura é um protesto do “Espírito da Ordem” contra o “Espírito da Anarquia”, e acreditando que a independência de seu adorado país e talvez sua própria existência dependem de uma força militar poderosa, organiza um simulacro de Exército regular e, depois de leitura atenta de livros e livros, ele próprio o instrui.*¹⁰⁸

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem. Ibidem, p. 52-53.

¹⁰⁸ Burton, *op. cit.*, p. 60 (grifos do autor)

O “*Espírito de Anarquia*” pairava sobre as repúblicas vizinhas que viviam em constantes disputas entre aqueles que lutavam pela centralização do poder e outros que defendiam a descentralização. Francia investe na formação de um Exército, vendo neste o pilar que deveria ser o mais resistente do Estado para sustentar o “*Espírito da Ordem*”. Burton chama atenção para a formação, em um primeiro momento, de um *simulacro de Exército*, ou seja, de um arremedo de Exército, mas que, posteriormente, se tornará uma instituição de defesa importante para o Paraguai garantir sua independência. E, em um segundo momento, a formação deste fortalecido Exército regular passa a ser, segundo Doratioto, o principal setor que, mais tarde, no governo de Carlos López (1840-1862), começaria a receber investimentos de tecnologias modernas.

Lembro aqui que o isolamento do Paraguai no período de Francia é explicado pelos autores como uma maneira, forçada ou não, de manter a independência e o controle sobre o país. Retomo a questão do isolamento para tentar associá-la ao investimento militar do “Ditador Perpétuo” que, Burton também interpreta como sendo uma outra maneira de preservar seu país e seu poder ditatorial.

Pensar o isolamento e a preparação militar possibilita uma análise de um Paraguai que, segundo o viajante,

*estava revestido de aço por todos os lados e pronto para lutar. E dizer que ainda hoje ouvimos falar da “pequenina e pacífica República do Paraguai”.*¹⁰⁹

Nesta citação, Burton ressalta mais uma vez a importância do caráter militar paraguaio que fez da *pequenina* república um tanque de guerra pronto para a defesa e/ou o ataque que poderia ameaçar o seu “*Espírito da Ordem*”.

¹⁰⁹ Idem, p. 61. (grifos do autor)

Francia governou o Paraguai criando, de certa forma, uma “armadura” em torno deste país. No sentido de preservar a independência paraguaia, o seu sucessor, Carlos Antônio López (1840 – 1862), segundo Doratioto, no *plano interno (...) deu continuidade ao autoritarismo francista*, porém, começou a *se articular externamente na defesa de sua independência*¹¹⁰. Essa nova política externa — inexistente durante a ditadura francista — que, no entendimento desse autor, *demandava a modernização da economia*, encontrou Rosas (ditador argentino) *como obstáculo*.¹¹¹ Assim, ao negar ao Paraguai o direito de *trânsito*, fundamental para a proposta de abertura do país para o comércio, Carlos Antonio López colocou o Exército paraguaio à prova e, após ser atacado pelos soldados de Buenos Aires, percebeu, segundo Burton, a necessidade de voltar-se *novamente para seu Exército e criar novos campos de instrução*.¹¹² Isto demonstra que o Exército ainda continuava uma instituição frágil, a demandar investimentos para torná-lo mais profissional. Pois, governos autoritários só se sustentam com a força militar bem treinada para amedrontar e combater, se for o caso, os desafios internos e/ou externos.

A necessidade de fortalecimento interno também é percebida por Fragozo que, ao narrar o encontro (1862) do Dr. Juan José de Herrera, representante diplomático uruguaio no Paraguai, com o presidente Carlos López, diz que este último

declarou que a “necessidade primordial destes países assim ameaçados era trabalhar sem descanso e em recíproca coadjuvação para solidificar o ‘governo da ordem’; que sem ordem interna ‘forte e respeitável’ nada seria possível”.¹¹³

¹¹⁰ Doratioto, *op. cit.*, p. 26.

¹¹¹ Idem.

¹¹² Burton, *op. cit.*, p. 71.

¹¹³ Fragozo, *op. cit.*, p. 158, vol. I. (grifos do autor)

Carlos López permanece nos moldes ideológicos deixados por Francia, no que se refere à política interna, compreendendo que o Exército é fundamental para *solidificar o “governo da ordem”*. E Fragoso continua sua narrativa:

Ao Paraguai — disse ele — não lhe é possível descuidar-se um só momento dos perigos imediatos que o rodeiam nas suas fronteiras. De um lado tem os mais “incorrigíveis anarquistas” e do outro os “macacos”¹¹⁴, sempre “traíçoeiros e simuladores”. As forças do Paraguai estavam sempre reunidas para fazer frente a um dos dois, ou a ambos juntos. Os anarquistas eram os homens mais “falsos” e mais “corrompidos”; nunca abandonaram a idéia de absorver o Paraguai (...) Os macacos eram os inimigos mais “tenazes”, porém ao mesmo tempo os mais “covardes”.¹¹⁵

Fragoso configura um Paraguai alarmado, por consciência da sua fragilidade, diante de duas ameaças, com igual peso, dos seus inimigos fronteiriços — Brasil e Argentina.

A imagem de coragem, porém impetuosa, que Fragoso constrói do ditador Carlos López, conforme citação acima, diverge de Doratioto que chama atenção para o conselho dado por Carlos Antonio López a seu filho, Solano López: “(...) o Paraguai tem muitas questões pendentes, mas não busque resolve-las pela espada, mas sim pela caneta, principalmente com o Brasil”.¹¹⁶ Doratioto, mesmo distanciando-se de Fragoso na configuração, concorda com este no que diz respeito a um Paraguai consciente da sua fragilidade diante do Brasil.

Doratioto conclui que Carlos López *tinha consciência da debilidade do seu país* (...) ¹¹⁷ e que estava muito distante de se colocar em pé de igualdade com o Império Brasileiro. Devido a esta consciência, Carlos López aconselha seu filho de que a

¹¹⁴ Segundo Burton, os *paraguaios hispânicos chamam os brasileiros de “rabilongos”, os de rabos compridos (macaco); e os de fala guarani, de cambahis, ou negros. Em território argentino, os luso-americanos são sempre chamados de “macacos”*. E os brasileiros chamam o paraguaio de *mulo teimoso, o cavalo que dá coice ou um bêbado*. (cf. p. 35) Percebe-se, portanto, que estas adjetivações eram costumeiras e de época.

¹¹⁵ Fragoso, *op. cit.* p. 158, vol. I. (grifos do autor)

¹¹⁶ Doratioto, *op. cit.*, p. 41.

¹¹⁷ Idem.

diplomacia seria o caminho mais indicado para lidar com as desavenças com países como o Brasil, e não o uso da força armada.

Pomer, por sua vez, assegura que até mesmo Bartolomé Mitre, presidente argentino, sabia das condições militares do Paraguai que

*Aparece como força que pode decidir em qualquer obstinação interna argentina. Tê-lo como inimigo ou aliado poderá ser decisivo: lá existe um povo coeso em torno de seu governo e com uma relevante aptidão militar.*¹¹⁸

É para esse Paraguai, com aptidão militar significativa que, em outubro de 1864, já no governo de Francisco Solano López (1862 – 1870), o governo do Uruguai, enfrentando uma crise política e cujo poder estava ameaçado por uma possível intervenção direta do Império do Brasil, se volta em busca de auxílio.

*Cabe, pois, ao Paraguai, a glória invejável de levar seu poder e suas armas ao próprio teatro dos acontecimentos, para libertar o grande princípio da independência e o futuro destes povos.*¹¹⁹

A citação de Fragozo mostra que o conhecimento sobre a aptidão militar dos paraguaios e o investimento feito durante toda a história deste povo transpunham suas fronteiras territoriais a ponto de ser considerado, pelos blancos¹²⁰, o único país com condições para, além de manter sua própria independência, zelar pela independência dos outros povos.

Ficou evidente que a questão da aptidão militar do povo paraguaio está presente e é recorrente nos discursos que convergem para a idéia de Burton sobre um Paraguai sendo

¹¹⁸ Pomer, *op. cit.*, p. 135.

¹¹⁹ Fragozo, *op. cit.*, p. 205, vol. I.

¹²⁰ A República do Uruguai vivia uma intensa disputa política entre dois partidos: Blanco e Colorado. No momento em que as relações diplomáticas do Uruguai com o Brasil, assim como com a Argentina foram abaladas, os blancos estavam no poder.

uma *Esparta crioula*.¹²¹ Uma analogia é possível ser feita neste caso, pois a pólis grega tinha uma importante característica: militarização. O Paraguai, segundo os autores trabalhados, também tinha preocupação de dar uma formação militar aos cidadãos para que se tornassem bons soldados, aptos para o combate, seja para defesa ou ataque.

Compreendo, portanto, que o aspecto militar compõem a representação simbólica do Paraguai, pois assim como o isolamento, o entendimento sobre todo investimento na formação militar foi configurado a partir de um entendimento plural, o qual contribuiu para as diferentes interpretações sobre o Paraguai.

Seja para preservar a independência ou o constante posicionamento de defesa da nação e do governo, os discursos chamam atenção para o aspecto militar, porém, a partir de perspectivas distintas. Ou seja, os autores citados entendem que o aspecto militar foi tratado de maneira prioritária no Paraguai pelas administrações que ali passaram, mas a justificativa para essa atenção especial é variável nos seus discursos: uns, consideram que era para manter o país “protegido” das conturbações externas; outros acreditam que todo esse preparo militar seria para dar sustentação ao poder autoritário dos seus governantes.

Ainda sobre o aspecto militar, Doratioto compartilha as idéias dos demais autores ao chamar atenção para um descompasso decorrente desta atenção focalizada para formar um bom Exército:

*O Paraguai que Solano López recebeu para chefiar era uma nação unificada, sem dívidas e, graças à presença de técnicos estrangeiros, com avanços tecnológicos em relação a outras nações do continente. Essa modernização, todavia, era de caráter militar ou defensivo, enquanto o camponês paraguaio utilizava ainda técnicas de cultivo de dois séculos de idade.*¹²²

¹²¹ Burton, *op. cit.*, p. 20.

¹²² Doratioto, *op. cit.*, p. 44. (meus grifos)

Para Doratioto, o aspecto militar era ressaltado nos governos, principalmente no de Carlos López, que ao mudar a postura da política externa abriu o Paraguai para a entrada de tecnologia direcionada e limitada ao caráter militar. O autor chama atenção para o descaso percebido em relação a outros aspectos, como por exemplo, o social e o econômico.

Os autores concordam que havia um intenso investimento na militarização da nação paraguaia, porém, limitar a modernização desse país à esse aspecto, é discutível entre eles.

1.2.3. Progresso econômico ou retrocesso político?

As condições econômicas do Paraguai são motivos de divergências entre os autores analisados. Uns configuram este país, no momento da deflagração da guerra, com uma economia “atrasada”, outros, “progressista”. Múltiplos são os entendimentos que permitiram tais configurações que são analisadas neste subitem.

Doratioto afirma que Carlos López buscava tirar o Paraguai do isolacionismo e para isso,

implementou, pouco a pouco, uma estratégia de “crescimento para fora” (...) passou por uma rápida modernização, basicamente militar, sem o

*concurso de capitais estrangeiros, pagando à vista a tecnologia e os especialistas estrangeiros que importava.*¹²³

Neste sentido, este autor aproxima-se de Fragoso que pouco se refere à questão de um suposto desenvolvimento, em outros aspectos além do militar, no governo de Carlos López limitando-se ao seguinte comentário: *dos três povos platenses de origem espanhola, o Paraguai, é, sem dúvida, o mais atrasado*¹²⁴. E completa, sem muito se aprofundar, que este país, ao lançar-se na guerra, era *sem comércio, sem indústria, sem imigração e quase sem cultura*.¹²⁵ A superioridade brasileira nem é discutida por ele, por considerá-la ponto pacífico.

Ao discordar do entendimento de Doratioto e Fragoso, Pomer e Chiavenatto consideram que o Paraguai de Carlos López é um país completamente voltado para o crescimento econômico. Segundo o jornalista,

*Ele [Carlos López] cria, praticamente, sobre a estrutura sócio-econômica deixada por Francia, o Paraguai moderno. No seu tempo há um grande progresso, surgem fábricas, os estaleiros produzem muitos navios (...).*¹²⁶

Pomer complementa a afirmação ao asseverar que no governo de Carlos López

*O Paraguai avança. Constrói estradas de ferro, telégrafo, fábricas de pólvora, papel, louça, enxofre e tintas. (...) O presidente também contrata técnicos estrangeiros para dirigir e organizar empresas de capital estatal.*¹²⁷

¹²³ Idem, p. 29.

¹²⁴ Fragoso, *op. cit.*, p. 94, vol. I

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 15.

¹²⁷ Pomer, *op. cit.*, p. 48.

A necessidade dos investimentos citados acima é comentada por Burton — que se distancia de Chiavenatto e Pomer ao considerar este “desenvolvimento” possível dentro das possibilidades limitadas de *um país pobre e semicivilizado*¹²⁸ — da seguinte forma:

*Sob o regime do López sênior, o país foi rasgado de estradas, a despeito das numerosas dificuldades apresentadas por lamaçais e pântanos. (...) Uma linha férrea com ramais foi proposta para se estender de Assunção até Villa Rica, uma distância de 108 milhas. A linha foi iniciada em 1858, totalmente financiada pelo governo paraguaio; estava para atingir Paraguari, faltando apenas uma distância de setenta e dois quilômetros quando os aliados tomaram Assunção.*¹²⁹

Percebe-se que este autor, assim como Doratioto, chama atenção para o fato do investimento ser feito totalmente com recursos nacionais. Chiavenatto e Pomer concordam com Burton e ressaltam que o governo paraguaio não precisou de capital estrangeiro para realizar suas obras:

*Como no Paraguai o capital inglês nunca conseguiu predominar e não existia uma classe dominante a serviço do imperialismo estrangeiro, não houve problemas para o presidente Carlos Antonio López criar uma infraestrutura básica de desenvolvimento industrial e cultural. Dessa forma, a primeira ferrovia do país é planejada por um engenheiro inglês, Paddison, com capitais nitidamente nacionais e dirigida pelo Estado.(...) Assim, chegam engenheiros, professores, arquitetos, geólogos, médicos, instrutores militares e até jornalistas. Eles chegam para estabelecer as bases do desenvolvimento: constroem fábricas e hospitais; fundam-se diversas empresas. Todos esses técnicos são pagos em moeda-ouro.*¹³⁰

Um Paraguai que até o governo de Carlos López mantinha-se isolado e basicamente dependente da produção agrícola, como conseguiu capital para tantos investimentos?

As respostas encontradas nos discursos remetem ao governo de Francia, o “El Supremo”. Uma das duas explicações que pude encontrar no discurso de Chiavenatto está

¹²⁸ Burton, *op. cit.*, p. 43.

¹²⁹ Idem.

na própria citação acima: *não existia uma classe dominante*, pois Francia conseguiu acabar com os privilégios da oligarquia confiscando seus bens.

Pomer contribui com a afirmação do jornalista ao dizer que o “Ditador Perpétuo” buscava consolidar a independência política do Paraguai com a independência econômica e

*o escasso comércio exterior não lhe proporcionava rendas abundantes, o que o levará a buscar dinheiro onde haja. E esse dinheiro será extraído da Igreja e dos ricos (...).*¹³¹

O pouco comércio que existia, segundo Burton, *era proibido, ou melhor, era monopolizado.*¹³² Ou seja, o Estado também encontrava meios de manipular as transações comerciais e, assim, enriquecer-se.

A outra explicação de Chiavenatto tem suas bases na produção:

*Toda essa riqueza, em mãos do Estado, obtida em regime de produção comunitária, numa espécie de cooperativismo socializado, que já por si estimula a cobiça internacional, ainda é um aspecto da infra-estrutura do Paraguai.*¹³³

Nesta passagem, o autor se refere a um sistema econômico idealizado por Francia que consistia na criação de “Estâncias da Pátria”, ou seja, terras de propriedade do governo que eram arrendadas a camponeses ou explorada pelo Estado.¹³⁴

Em todos os discursos analisados, com exceção de Fragoso que não trata dos aspectos econômicos, somente políticos e militares, o governo paraguaio mantinha em suas mãos o controle de toda a economia do país: produção, comércio, importação e exportação. O que diferencia uma interpretação de outra é a intenção deste monopólio.

¹³⁰ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 30

¹³¹ Pomer, *op. cit.*, p. 41.

¹³² Burton, *op. cit.*, p. 63.

¹³³ Idem, p. 31.

Chiavenatto e Pomer compreendem que Francia estabeleceu uma *política definida em favor de um Estado que se pretendeu popular*.¹³⁵ O jornalista fala sobre a forma de governo cujo poder era centralizado nas mãos de Francia e considera-o benéfico, ao dizer que o

*(...) absolutismo total — Francia dispunha simplesmente da vida e dos bens de qualquer paraguaio — teve resultados práticos que desmentem o estreitismo político que pretendiam imputar a El Supremo.*¹³⁶

Ao exaltar a ditadura francista, Pomer questiona:

(...) que outro Estado monopoliza quase inteiramente o comércio exterior, possui “estâncias da pátria”, favorece o artesanato local e vela pelos camponeses?

*O fato de Francia governar sem um poder Legislativo não nos diz muito sobre sua pessoa, e sim sobre a estrutura econômico-social paraguaia.*¹³⁷

Governar sem um poder legislativo e muito provavelmente com um judiciário amordaçado é exercer um autoritarismo que diz muito da pessoa de Francia que se revela um ditador absoluto e independente. Para Pomer, a intenção de Francia em centralizar todas as atividades econômicas no Estado era voltada para beneficiar seu povo. E continua ao dizer que:

*existirá no Paraguai de Francia uma autocracia paternalista, severa e austera ao mesmo tempo, sem cortesãos ou protegidos que vivam dos favores oficiais. Um regime no qual as convicções pessoais do chefe supremo não serão distorcidas por interesses privados. E essas convicções favorecem o povo; um povo que Francia trata como criatura, guiando seus passos (...).*¹³⁸

¹³⁴ Ver Doratioto, *op. cit.*, p. 25; Chiavenatto, *op. cit.*, p. 20; Pomer, *op. cit.*, p. 43.

¹³⁵ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 23.

¹³⁶ Idem, p. 22.

¹³⁷ Pomer, *op. cit.*, p. 47.

¹³⁸ Idem.

Francia se revela, segundo Pomer, como o “criador”, aquele que guia suas criaturas. Pomer reinventa o jesuitismo com a missão do “Bom Pastor” de conduzir e prover que nada falte para seu rebanho. Mesmo com essa reinvenção do jesuitismo para justificar o autoritarismo com uma boa intenção, Pomer constrói a figura do Francia como um ditador pleno.

Doratioto aproxima-se de Pomer e Chiavenatto no que se refere à explicação da origem dos recursos financeiros, porém, percebe outras intenções por parte do governo paraguaio:

O isolamento do Paraguai, afastado das lutas platinas, implicou o estabelecimento de um tipo de economia no qual o Estado se tornou regulador de todas as atividades e detentor do monopólio do comércio de erva-mate, da madeira e do tabaco, os produtos mais significativos da economia nacional. Ao confiscar terras da elite tradicional, o poder econômico do Estado paraguaio fortaleceu-se.¹³⁹

Para este autor, o monopólio em todos os aspectos econômicos permitia ao ditador Francia manter afastado as disputas de poder, pois, assim, seria fácil dar continuidade ao seu projeto isolacionista que preservava para si a ordem interna e o controle político da nação.

Doratioto discorda da imagem construída de um Paraguai que viveu em seu segundo governo — de Carlos López —, uma *ebulição de progresso*, o qual, tornava-se *cada vez mais evidente em termos concretos*¹⁴⁰, ou ainda, que resultou em um país que, no governo de Solano López, *avança e se coloca à frente das nações desta parte do mundo*,

¹³⁹ Doratioto, *op. cit.*, p. 25.

¹⁴⁰ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 31.

(...) onde *há uma política coerente de progresso econômico e social*.¹⁴¹ Contra este entendimento, Doratioto reage:

*É fantasiosa a imagem construída (...) de que o Paraguai pré-1865 promoveu sua industrialização a partir “de dentro”, com seus próprios recursos, sem depender dos centros capitalistas (...).*¹⁴²

Em sua tese, defende a idéia de que houve uma contribuição do capital estrangeiro, pois a maior parte das importações paraguaias provinha da Inglaterra e os comerciantes *concediam aos importadores paraguaios um crédito de oito meses para o pagamento das mercadorias*.¹⁴³

E continua:

*Também é equivocada a apresentação do Paraguai como um Estado onde haveria igualdade social (...). A realidade era outra e havia uma promíscua relação entre os interesses do Estado e os da família López, a qual soube se tornar a maior proprietária “privada” do país enquanto esteve no poder. Os núcleos econômicos dependiam diretamente do aparelho de Estado para se apropriar de parte do excedente gerado pela economia (...).*¹⁴⁴

Doratioto assegura que é um engano se pensar o governo ditatorial paraguaio preocupado com o público. Expressa o que é comum se encontrar nas análises sobre a política dos países platinos: os interesses são públicos e os benefícios privados. Diferente, portanto, de Pomer e Chiavenatto que entendem os governos paraguaios interessados no público em benefício também do público.

Neste sentido, Burton aproxima-se de Doratioto ao alegar que

¹⁴¹ Pomer, *op. cit.*, p. 54.

¹⁴² Doratioto, *op. cit.*, p. 30.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Idem. Ibidem.

*o país é, de fato, uma grande estância da qual o supremo magistrado atua como proprietário (...). Um governo absolutista, uma autoridade suprema compra de seus súditos pelo preço que melhor lhe convém; vende o produto e emprega recursos para manter certo nível de prosperidade. (...).*¹⁴⁵

Pomer e Chiavenatto, ao contrário, compreendem a propriedade estatal como o lugar onde havia um regime de produção comunitária possibilitando às pessoas terem acesso à terra. Essa autoridade dos ditadores paraguaios a que Burton se refere é entendida por Chiavenatto como único meio para a “real” liberdade dos paraguaios. Segundo este autor, na ditadura francista, o povo

*aceita as normas de El Supremo e enche os depósitos do Estado daquilo que produz. Dedicado exclusivamente ao trabalho, vigiado pessoalmente por El Supremo com leis rigorosas, encontra uma desconhecida liberdade. A liberdade de não ser perseguido por oligarquias improdutivas.*¹⁴⁶

Para Chiavenatto, o povo tinha consciência de que o presidente paraguaio retornaria seus esforços da melhor maneira possível em benefício do público para preservar a liberdade e a igualdade entre todos. Mas é possível um questionamento: que liberdade é essa que se embasa em leis rigorosas e constante vigilância do superior? Para Chiavenatto, a condição do Paraguai não “depender” economicamente dos estrangeiros, e, muito menos, de uma oligarquia, era suficiente para se considerar livre. Reafirma esta idéia de liberdade ao dizer que:

*Francia está organizando uma nação livre e demonstrando que é possível sobreviver sem a submissão a interesses estrangeiros e sem sustentar uma oligarquia parasita.*¹⁴⁷

¹⁴⁵ Burton, *op. cit.*, p. 40.

¹⁴⁶ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 22.

¹⁴⁷ Idem, p. 20.

Por isso, as medidas tomadas por Francia — normas, vigilância, leis repressivas — não são consideradas contrárias à liberdade, pois, como já foi citado, segundo Chiavenatto, *o povo adquire consciência de que constrói uma pátria para si. E intui, ou sabe, que o austero e implacável Francia estima essa gente humilde.*¹⁴⁸ Assim como Pomer, Chiavenatto constrói a figura de Francia como um ditador que utiliza a autoridade em benefício do povo.

Com uma compreensão diferente sobre as intenções políticas do “El Supremo”, Burton, Fragozo e Doratioto entendem os feitos do ditador como meios para manipular a sociedade em benefício próprio, assim como os seus sucessores o fizeram. De acordo com estes autores, os ditadores utilizaram o regime autoritário para manter-se no poder e, com isso, tirar proveitos pessoais.

Já Chiavenatto e Pomer analisam os três presidentes — Francia, Carlos López e Solano López — como representantes do Estado, que utilizaram o *absolutismo total* para favorecer a coletividade, acabar com as desigualdades sociais e colocar o Paraguai no caminho do progresso econômico sem a dependência do capital estrangeiro.

Percebe-se, nos autores pesquisados, que há uma discordância em relação às intenções políticas dos ditadores paraguaios e, também, sobre os investimentos econômicos.

Com exceção do investimento militar, reconhecido em todos os discursos analisados, Pomer e Chiavenatto divergem dos demais por considerarem que os ditadores fizeram mudanças na economia paraguaia ao transferir o poder, antes monopolizado pela oligarquia, para a mão do Estado e, assim, para o povo em geral. Estes autores entendem o Estado como a representação de uma sociedade politicamente organizada.

¹⁴⁸ Idem. Ibidem, p. 45.

Desde Francia, as políticas econômicas proporcionaram, segundo estes autores, um crescimento do Paraguai, pois segundo o jornalista Chiavenatto, *El Supremo demonstra que não há independência política sem independência econômica*¹⁴⁹. No governo de Carlos Antonio López houve uma grande entrada de tecnologia moderna no país e, *em 1850 (...) o Paraguai começou a desenvolver uma forte economia autônoma*¹⁵⁰. Por último, com Solano López, o Paraguai *avança e se coloca à frente das nações desta parte do mundo*.¹⁵¹ Segundo Pomer e Chiavenatto, governos autoritários possibilitaram o desenvolvimento do Paraguai, principalmente no aspecto econômico.

Ainda para estes dois autores, todo o progresso da economia paraguaia independente foi a mola propulsora do conflito bélico entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, pois

*a República do Paraguai, florescente e autônoma economicamente, [estava] desestabilizando um status quo que sustenta uma forma hierárquica de dominação mundial.*¹⁵²

Doratioto concorda com Chiavenatto sobre uma possível desestabilidade do *status quo*, entretanto, o entende de maneira diferente. Para ele, o Paraguai teria se lançado para fora de suas fronteiras, desde Carlos López, com o objetivo de preservar sua independência, seu governo e abrir-se para mais importações de tecnologia. Analisa, como já mencionado, a modernização do Paraguai limitando-se ao aspecto militar, portanto, toda importação era voltada para o melhoramento militar do país. Doratioto explica o que forçou o Paraguai a ter interesse no comércio externo:

¹⁴⁹ Idem. Ibidem, p. 20.

¹⁵⁰ Idem. Ibidem, p. 37.

¹⁵¹ Pomer, *op. cit.*, p. 54.

¹⁵² Chiavenatto, *op. cit.*, p. 62.

*O Estado guarani era dono, em meados do século XIX, de quase 90% do território nacional e praticamente controlava as atividades econômicas, pois cerca de 80% do comércio interno e externo eram propriedade estatal. Para manter seu ritmo de desenvolvimento, a economia paraguaia necessitava ampliar o comércio externo, de modo a conseguir recursos para importar tecnologia. Tal quadro levou o Paraguai a ter interesse fora de suas fronteiras, a participar das questões na Bacia do Prata (...). A ação no sentido de aumentar sua presença no Prata colocou Assunção em rota de colisão com o Império. Este buscava manter o status quo platino, que se caracterizava pelo desequilíbrio favorável ao Brasil, hegemônico na área por um sistema de alianças.*¹⁵³

Para Doratioto, o governo paraguaio estava interessado em manter os benefícios próprios que já havia conquistado, além da necessidade de permanecer investindo no aspecto militar, pois este era a garantia de sustentação do governo contra possíveis desavenças internas ou externas.

O *status quo* da região platina, segundo Doratioto, era mantido pelo Império e, com o paraguaio voltando-se para os negócios dessa região, tal situação estava ameaçada.

Pomer, assim como Chiavenatto, entende que o *status quo* era mantido pelo sistema econômico mundial — capitalismo —, representado pela hegemonia da Inglaterra devido o seu interesse na economia platina, mais especificamente na matéria-prima barata e no mercado consumidor. Estes autores consideram a economia paraguaia contrária ao liberalismo econômico, uma das características atribuídas à civilização moderna.

Chiavenatto afirma que o Paraguai

representava um insulto aos padrões que o imperialismo inglês impôs à América do Sul, onde predominava a hipocrisia eivada na corte imperial brasileira e nos salões da burguesia portenha, para criar uma cortina de fumaça encobrindo o assalto econômico praticado pela Grã-Bretanha no hemisfério sul. O Paraguai, um país mediterrâneo esquecido do mundo, começa a ser notado além dos salões diplomáticos de Buenos Aires e Rio. Seu progresso começa a preocupar a própria metrópole inglesa. Já não são

¹⁵³ Doratioto, *op. cit.*, p. 44.

*apenas os representantes do capital inglês, especificamente do Plata, que reagem ante a perda do Paraguai, que começou em 1811 com Francia.*¹⁵⁴

Para este autor, o Paraguai, ao sair do isolacionismo afrontou os padrões impostos pelo imperialismo, e chamou a atenção com um progresso preocupante.

Pomer contribui para marcar a posição paraguaia frente ao sistema capitalista mundial, ao analisar que, para além da economia:

*Um despotismo implantado desse modo era como um obstáculo no caminho da civilização. Insignificante em si mesmo, o Paraguai podia impedir o desenvolvimento e o progresso de seus vizinhos*¹⁵⁵.

Segundo este autor, tanto a economia como a política do Paraguai poderia ser considerada um empecilho no sistema mundial que pregava a idéia de civilizar, que *no pensamento de Urquiza — mas não apenas no seu — é abrir portas ao povo guarani a capitais e indivíduos estrangeiros.*¹⁵⁶ Ou seja, perder o que Pomer e Chiavenatto chamam de “liberdade”.

Para expressar a mesma condição paraguaia de empecilho, Chiavenatto, no lugar de obstáculo, usa a imagem de uma peça destoadada da engrenagem:

*A grande máquina do capitalismo internacional não pode ter uma pequena peça destoando da engrenagem. É fácil perceber que o Paraguai será vítima desse sistema internacional — os ingleses, do seu ponto de vista imperialista, dominador, violento e desprovido de qualquer ética, guiados apenas pelo cálculo econômico, estão certos: é preciso destruir e substituir a pequena engrenagem que não se ajusta à máquina.*¹⁵⁷

¹⁵⁴ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 34.

¹⁵⁵ Pomer, *op. cit.*, p. 57.

¹⁵⁶ Idem, p. 270. Urquiza era governador da província de Corrientes, na Argentina.

¹⁵⁷ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 79-80.

Distante da análise de Pomer e Chiavenatto que entendem a eclosão da guerra devido à condição econômica autônoma resultado de uma política autoritária em benefício do povo, nacionalista ao extremo; os demais autores convergem não na idéia de defesa, mas de ataque planejado por parte do Paraguai. Burton e Doratioto alegam tensões nas questões fluviais. Segundo o viajante Burton, que declara sua posição favorável ao Império do Brasil, diz:

*Minhas simpatias vão para o Brasil, pelo menos enquanto sua “missão” for desferrolhar, literalmente e não livremente, o grande Mississipi do Sul; “manter aberto e desenvolver o magnífico sistema hidrográfico do Paraguai-Paraná-Prata” e varrer das margens de suas principais artérias as guardiãs e piquetes, as baterias e as ridículas pequenas paliçadas que só serviram para manter suas águas relativamente abandonadas e para transformar uma grande via fluvial pertencente ao mundo num mero monopólio do Paraguai.*¹⁵⁸

O discurso de Burton é de um inglês que demonstra ser um liberal a favor do livre trânsito fluvial por onde as mercadorias escoavam. Trata desta questão com sutileza ao atribuir ao Império do Brasil a “missão” de retirar o monopólio fluvial das mãos do Paraguai. No entanto, considera que, muito antes, o presidente López preparava-se para a guerra:

*Há pouca dúvida de que ele [Solano López] pensava travar uma guerra de autopreservação contra seus inimigos mortais do Partido Liberal, que ameaçavam encurralá-lo imediatamente. Diz-se que ele teria declarado então: “Se não travarmos uma guerra com o Brasil agora, teremos de travá-la numa época bem menos conveniente para nós”. (...) Além disso, ele sentia dolorosamente, no mais íntimo da alma, os “artigos zombateiros”, esses instrumentos afiados com que a imprensa de Buenos Aires adorava brincar, chamando-o, por exemplo, de “cacique”, e Assunção de “taba”.*¹⁵⁹

¹⁵⁸ Burton, *op. cit.*, p. 21. (grifos do autor)

¹⁵⁹ Idem, p. 82-83. (grifos do autor)

Com vistas a “autopreservação” e com a sua imagem satirizada, Solano López parte para a ação militar contra seus vizinhos. Assim também é entendido por Doratioto que trata das relações internacionais entre os países envolvidos na guerra.

As relações do novo governo [Solano López] deterioraram a partir de 1864 [dois anos de governo] de forma acelerada, tanto com o Império como com a República Argentina, levando o Paraguai à guerra contra esses dois países que, juntamente com o Uruguai, constituíram a Tríplice Aliança para enfrentar Solano López.¹⁶⁰

Fragoso, mais radical que os outros autores que consideram a possibilidade da guerra ter sido articulada por Solano López, atribui a este a completa responsabilidade pelo conflito. Afirma que havia um *plano diabólico* elaborado pelo próprio presidente paraguaio para tornar-se o *supremo árbitro das causas do Prata*.¹⁶¹

Afinal, como os autores configuram a imagem do ditador Francisco Solano López, a ponto de transmitir idéias divergentes que ora o transformam em herói, defensor da soberania do Paraguai das ameaças externas, ora em desumano, articulador da mais sangrenta guerra do cone sul?

No próximo capítulo, analisarei as imagens que configuram Solano López, pois considero, assim como as representações simbólicas do Paraguai trabalhadas neste capítulo, as representações desse ditador igualmente importantes para se compreender as divergentes interpretações sobre a Guerra do Paraguai.

¹⁶⁰ Doratioto, *op. cit.*, p. 38-39.

¹⁶¹ Fragoso, *op. cit.*, p. 198, vol. I.

CAPÍTULO II

Francisco Solano López: função simbólica

Devido às singularidades das interpretações, a Guerra do Paraguai foi configurada de múltiplas maneiras, e a especial atenção atribuída à história de um dos países

participantes dessa guerra — o Paraguai — constitui um dos pilares de sustentação dos argumentos explicativos divergentes entre os estudiosos do assunto.

As representações simbólicas do Paraguai antes da guerra são de grande importância para os estudiosos do assunto justamente por possibilitar caminhos interpretativos tão distintos. No entanto, conforme análises apresentadas no capítulo anterior, percebe-se que os diferentes discursos convergem em um sentido: o Paraguai é um país diferenciado no contexto platino, em meados dos oitocentos. E para complementar esta idéia de diferencial, os autores chamam atenção para o homem que governava o Estado Paraguaio ao eclodir a guerra: Francisco Solano López (1826 – 1870). A figura deste ditador que governou o país de 1862 com mãos-de-ferro e punhos-de-aço até sua morte no final da guerra, em 1870, pode ser considerada outro pilar fundamental para compreensão das divergências nos estudos sobre o conflito entre o Paraguai e a Tríplice Aliança.

Voltar-me-ei agora para as análises acerca da figuração deste personagem nos discursos abordados, pois o que se verifica é que a sua representação tem grande peso simbólico, em particular quando utilizada para preencher o quadro configurado — positivo ou negativo — tecido por cada autor sobre a posição do Paraguai nas origens do confronto beligerante de meados do século XIX. No decorrer deste capítulo, estabelecerei diálogos com os autores, e destes entre si, sobre as representações atribuídas ao personagem Solano López.

São ricas as perspectivas de análises dos autores trabalhados, pois elas tornam possível que se transite em diferentes campos: dos sentimentos, da política, do militarismo. Porém, não me apoiarei nestes aspectos para fragmentar este capítulo, mas, penso ser interessante dividir a análise das representações acerca de Francisco Solano López em três momentos, que sugerem mudanças importantes envolvendo a sua figura. No primeiro

deles, tratarei do período que vai do início da formação militar à presidência da república do Paraguai, enfocando as imagens atribuídas à sua pessoa que, neste período, trata-se, simplesmente, do “filho do ditador” Carlos López até chegar ao poder e, dois anos mais tarde, envolver-se na guerra. O segundo será dedicado à análise das configurações de Solano López no período de guerra, no qual era presidente e marechal do Exército. Já no terceiro momento, trabalharei com as imagens representativas que configuram o ditador como um símbolo, ora anti-heróico, ora heróico.

O valor das imagens atribuídas ao Solano López pelos discursos analisados permite compreender as suas diferentes configurações e as implicações disso nas explicações dadas à Guerra do Paraguai.

2.1. Militar de confiança à presidente do Paraguai

Desde a independência do Paraguai (1811) até a guerra iniciada em dezembro de 1864, o povo paraguaio conheceu somente regimes ditatoriais e por causa da situação de isolamento tão longamente vivida, outras formas de governo eram pouco conhecidas pela sua grande maioria. E dos três ditadores paraguaios — Francia, Carlos López e Solano López — o último, sem dúvida, tornou-se alvo de profundas análises entre os estudiosos da Guerra do Paraguai devido à sua atuação no conflito contra a Tríplice Aliança.

O personagem Francisco Solano López foi cuidadosamente trabalhado por diferentes ângulos na historiografia sobre a guerra. Cada discurso configura imagens do ditador a partir das perspectivas de análise dos autores, que, aliás, permitem muitas reflexões instigantes, como será percebido ao longo deste capítulo. Duas características de Solano López são ressaltadas nas obras analisadas: militar e política. Para entender como os autores tratam desses aspectos, ao chamar atenção para a trajetória de Solano López de militar a militar-político é preciso proceder à análise dos discursos elaborados ao seu respeito.

Penso ser necessário lembrar que o aspecto militar foi muito valorizado em todos os momentos históricos do Paraguai, sendo comum a educação militar básica entre os paraguaios. Por isso, não se pode afirmar que a militarização era restrita aos privilegiados.

Todavia, Francisco Solano López, por ser filho do ditador Carlos Antonio López, teve uma carreira distinta e promissora no Exército.

Segundo Doratioto,

*O único general — marechal por decreto com o início da guerra — do país era o próprio Solano López, que atingira tal posto não por méritos militares, mas, sim, devido à condição de filho do presidente Carlos Antonio López.*¹⁶²

E complementa ao detalhar que

*Este [Solano López], graças à nomeação de seu pai, chegou ao posto de general de Exército com apenas dezenove anos de idade e, com 23, já era ministro da Guerra e da Marinha.*¹⁶³

¹⁶² Doratioto, *op. cit.*, p. 92.

¹⁶³ Idem, p. 40.

Para este autor, conforme citações acima, as promoções de cargo de Solano López foram resultado do nepotismo de seu pai.

Chiavenatto concorda que Solano chegou ao posto de general não *pela sua extraordinária inteligência e aptidão militar*, porém, distancia-se de Doratioto, ao não considerar que se tratou de *um benefício dinástico de pai para filho*.¹⁶⁴ Com outra interpretação, o jornalista configura essa situação como uma *questão prática* diante da necessidade de um líder militar que pudesse defender o país da ameaça de anexação do ditador argentino Rosas. Diante das circunstâncias, tornou-se viável elevar o posto de Solano López que

*lhe esteve mais próximo, melhor entendia o seu governo e que mais facilmente ele [Carlos López] poderia instruir para a criação da defesa armada do Paraguai.*¹⁶⁵

Para Chiavenatto, portanto, Carlos López precisava de alguém de confiança para estar à frente do Exército.

A questão da desconfiança também é chamada atenção no discurso de Burton desde o primeiro governo do Paraguai, do ditador Francia. Para ele, “El Supremo”

*Provavelmente prevendo o trabalho traiçoeiro que generais e coronéis fariam em favor da República Argentina, não promovia oficial algum acima de posto de capitão.*¹⁶⁶

O receio de possíveis traições permaneceu não somente no período de governo do primeiro ditador, mas até o governo de Francisco Solano López, pois Burton acrescenta que

¹⁶⁴ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 48.

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ Burton, *op. cit.*, p. 61.

*Essa precaução tornou-se uma das fatalidades da presente guerra [Guerra do Paraguai], em que um soldado raso paraguaio, ignorante por natureza, olhava para o comandante e não via ninguém.*¹⁶⁷

A desconfiança por parte dos governos autoritários do Paraguai permite questionar a condição do povo paraguaio de um povo *tranqüilo (...), contente e até feliz*¹⁶⁸, como assegura Burton. Pois, se havia a preocupação da possibilidade de traição, provavelmente, havia a consciência de que parte do povo não estava tão feliz assim.

Ao distanciar-se da idéia da desconfiança e precaução por parte dos ditadores paraguaios em relação aos altos postos militares — defendida por Chiavenatto e Burton —, Doratioto, ainda que sob outra perspectiva, contribui com esta análise, pois afirma o seguinte:

*A oficialidade paraguaia restringia-se a cinco coronéis, dois tenentes-coronéis, dez maiores, 51 capitães e 22 primeiros-tenentes, demonstrando clara indigência de comando para uma força de milhares de homens.*¹⁶⁹

Portanto, as poucas promoções para os altos postos militares podem ser entendidas como uma forma de manter a força, representada pelo Exército, sob controle centralizado no ditador, assim como o poder político. Além disso, Doratioto mostra que a prática do nepotismo não se limitou ao governo de Carlos López e poderia sim ter a única finalidade de beneficiar os mais próximos. Afirma que

(...) quando se encontrava no poder, Solano López também proporcionou fulgurante carreira militar a seus filhos: Juan Francisco foi nomeado

¹⁶⁷ Idem.

¹⁶⁸ Idem. Ibidem, p. 65.

¹⁶⁹ Doratioto, *op. cit.*, p. 92.

*coronel com quinze anos de idade; Enrique chegou a tenente com onze anos e Leopoldo já era sargento com sete anos.*¹⁷⁰

Porém, ao se tratar da carreira militar especificamente de Solano López, percebe-se que as interpretações diferenciadas configuram sua rápida ascensão tendo como base dos distanciamentos as intenções de seu pai, o ditador Carlos Antonio López, que, simplesmente, pode ter beneficiado Solano por ser seu filho ou por necessitar de uma pessoa absolutamente confiável para estar à frente da “defesa” do Estado Paraguaio.

No entanto, uma intenção não anula a outra, é possível “unir o útil ao agradável”, ou seja, unir a idéia de que Carlos López precisava de alguém de confiança e, por isso, beneficiou Solano com altos cargos no Exército paraguaio, como pode ser ao contrário, querendo beneficiar seu filho, Carlos López aproveitou a necessidade de preencher altos cargos e assim o fez. Percebe-se, então, que a característica militar do personagem Francisco Solano López é configurada de acordo com o resultado das interpretações das intenções que levaram-no a ocupar altos postos militares.

Para Chiavenatto, Solano López superou as expectativas de atuação dos cargos que lhe foram confiados. Segundo ele, *Francisco Solano López fazia nascer a mais coesa e disciplinada força militar da América do Sul.*¹⁷¹

Pomer e Fragoso não tratam dos feitos militares de Solano do período que antecedeu a sua participação na política. Burton, no entanto, assinala os feitos do filho primogênito de Carlos López como militar e sua principal participação política no governo do pai:

Em 1845, iniciou sua carreira comandando o Exército Expedicionário paraguaio que marchara sobre Corrientes e, em 1849, pacificou as terras entre os rios Paraná e Uruguai até ao distante Cuais. Em 1854, foi enviado

¹⁷⁰ Idem, p. 40.

¹⁷¹ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 48.

*à Europa para travar conhecimento pessoal e firmar tratados de amizade com diversas cortes.*¹⁷²

Tanto Doratioto como Chiavenatto dizem que Solano foi enviado à Europa pelo seu pai como ministro plenipotenciário, ou seja, como representante do Estado Paraguaio.¹⁷³ Ainda que ao concordar com a missão política de Solano López na Europa, cada um desses autores chama atenção para aspectos diferentes. Segundo Burton,

*Dizem alguns que ele se portou como Pedro, o Grande, que estudava todas as coisas e que aproveitou o tempo da melhor maneira possível, enquanto outros procuravam incentivá-lo a uma vida de prazeres. (...) deliciava-se com a França e aprendeu bem o francês.*¹⁷⁴

Já o historiador Doratioto, ao tratar deste assunto, limita-se a dizer que a ida do filho mais velho à Europa era *para comprar armamentos e estabelecer contatos comerciais*, e assim o fez, conforme exemplificação citada na sua obra.¹⁷⁵ Chiavenatto, diferente de ambos autores comentados, entende que a passagem de Solano López pela Europa era para acentuar as relações externas do Paraguai com outras potências. Em suas palavras,

*A sua presença na Europa, entre outras coisas, fazia parte da consolidação da política de Carlos Antonio López de bem relacionar-se com as grandes potências da época. Na Europa, Solano López não só mantém contatos amistosos com os principais governantes como principalmente contrata mais técnicos e cientistas que virão para o Paraguai, aperfeiçoando e estimulando o progresso do país.*¹⁷⁶

E continua ao dizer que:

¹⁷² Burton, *op. cit.*, p. 77.

¹⁷³ Ver Doratioto, *op. cit.*, p. 29 e Chiavenatto, *op. cit.*, p. 49.

¹⁷⁴ Burton, *op. cit.*, p. 77.

¹⁷⁵ Doratioto, *op. cit.*, p. 29.

¹⁷⁶ Chiavenatto, *op. cit.* p. 49

*Não era um “filho do presidente” que fazia turismo: era o futuro estadista procurando objetivamente trazer para o seu país as condições básicas de desenvolvimento, importando não produtos manufaturados, mas homens e máquinas que fortaleceriam o Paraguai, com mais eficiência do que já se fazia, um parque industrial que era único na América do Sul.*¹⁷⁷

Chiavenatto atribui a Solano López uma imagem de um homem sério e comprometido com os negócios políticos, um homem que seria futuramente o estadista do Paraguai. No sentido da seriedade e do comprometimento, Chiavenatto aproxima-se de Burton que chama atenção para o aproveitamento intelectual que Solano López buscou obter.

Percebe-se que múltiplas visões são tecidas em torno da experiência política de Solano López na Europa. Para Doratioto tratou-se de *contatos comerciais*¹⁷⁸ com a finalidade de aprimorar o aspecto militar do Paraguai, conforme análises feitas no capítulo anterior. Chiavenatto, além das possíveis relações internacionais de comércio, entende que foi uma preparação para, mais tarde, dar continuidade à política externa de seu pai. Não descartando a finalidade entendida pelos autores de estreitar laços políticos e comerciais no exterior, Burton também se volta para o conhecimento que possivelmente foi adquirido por Solano López, no campo cultural.

Chiavenatto concorda com Burton no sentido que Solano López adquiriu mais conhecimento na Europa:

*Sua família era muito católica e bastante esclarecida intelectualmente (...). Solano vive retraído, junto à família, (...) ele tem os melhores mestres do país. Mas sua formação é autodidata e completa-se em Paris principalmente.*¹⁷⁹

Diferem, portanto, de Doratioto que não chama atenção para essa questão. No entanto, a viagem de Francisco Solano López à Europa (1854), analisada pelos autores abordados —

¹⁷⁷ Idem. (grifos do autor)

¹⁷⁸ Doratioto, *op. cit.*, p. 29.

com exceção de Fragoso e Pomer que não trabalham a figura de Solano López antes se tornar presidente — traz para discussão um aspecto da vida pessoal do personagem: um duradouro romance.

Doratioto dedica alguns parágrafos à vida afetiva de Solano que *em Paris, conheceu uma cortesã de luxo, a irlandesa Elisa Alicia Lynch*¹⁸⁰, a qual tornou-se sua companheira até ele ser morto em Cerro Corá, em 1870. Mas Doratioto deixa claro, em sua narrativa, que a senhora Lynch, até conhecer Solano, levava uma vida imoral, pois depois que se separou do marido,

*Passou a viver no “demi-monde” de Paris, povoado por mulheres indiferentes à moral da época, refinadas e capazes de agradar os homens também com conversas inteligentes.*¹⁸¹

Chiavenatto distancia-se da configuração da mulher que Solano apaixonara-se, tecida por Doratioto, ao asseverar que:

*Pessoalmente, a passagem por Paris marca definitivamente Solano López. Ali ele conhece Elisa Alice Lynch, uma irlandesa separada do marido. Ele tem vinte e oito anos e ela dezoito; madame Lynch, como passou a ser conhecida posteriormente, casou-se aos quinze anos com um francês e três anos depois separou-se dele. Une-se a Solano López que a trouxe para o Paraguai, vivem juntos até a morte (...).*¹⁸²

Outro entendimento ainda é possível ser encontrado na obra de Burton a respeito de Elisa Lynch:

¹⁷⁹ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 48.

¹⁸⁰ Doratioto, *op. cit.*, p. 29.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Chiavenatto, *op. cit.*, p. 49.

*Largada pelo marido na Rue Richer, ela acidentalmente conheceu o General López, que então se hospedava ao lado da “Maison Meublée Américaine”, e que persuadiu-a a seguir com ele para a América do Sul.*¹⁸³

Para Burton, o encontro de Solano López com a mulher com quem constitui sua família foi acidental, em contrapartida, para Doratioto, foi um encontro marcado que não teria importância o quanto pudesse custar.¹⁸⁴ Somente Chiavenatto se isenta dos detalhes de como os dois se encontraram, restringe sua narrativa com um simples “conhecer”. Mesmo assim, o jornalista responde aos “maus” comentários sobre Elisa Lynch

*Estas acusações a madame Lynch são grosseiras: ela apenas foi a mulher de Francisco Solano López, acompanhou-o até a morte em batalha, deu-lhe quatro filhos e se sobressaía principalmente por ser um tipo físico diferente no Paraguai. (...) Fora das especulações caluniosas (...) ela preferiu acompanhá-lo até o fim, passando por terríveis privações e sofrimentos, quando poderia simplesmente voltar em segurança e rica para a Europa.*¹⁸⁵

O discurso de Burton distancia-se de Doratioto em relação à “acusações” dos antecedentes morais de Elisa Lynch, embora comente que

*Antes das hostilidades começarem [guerra], ela [Elisa Lynch] sempre foi cortês com seus concidadãos solteiros, mas a peculiaridade de sua posição tornou-a ciumenta das esposas que, nas classes médias pelo menos, fazem muita questão de “certidão de casamento”.*¹⁸⁶

A citação acima deixa margem a questionamentos que podem ir ao encontro do entendimento mais taxativo de Doratioto. Porém, percebo que nenhum dos autores tece

¹⁸³ Burton, *op. cit.*, p. 80.

¹⁸⁴ Cf. Doratioto, *op. cit.* p. 29.

¹⁸⁵ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 50.

¹⁸⁶ Burton, *op. cit.*, p. 81. (grifos do autor)

comentários a respeito da posição de Solano López em relação à sua mulher, Elisa Lynch. Talvez por se tratar, segundo Burton, de *um homem tanto reservado e calado*.¹⁸⁷

Mesmo com características de um homem *reservado* e *calado*, possivelmente fruto da vida *retraída* no interior do Paraguai, o filho primogênito de Carlos López, segundo Chiavenatto, acompanha seu pai na vida política, participando *do governo paraguaio desde os dezoito anos*.¹⁸⁸

Francisco Doratioto, em sua narrativa sobre determinados episódios do governo de Carlos López acentua a presença do filho mais velho:

*Os López, pai e filho, estavam persuadidos de que mais cedo ou mais tarde o Brasil e a Argentina, apesar de todas as suas rivalidades, se entenderiam para fazer a guerra ao Paraguai.*¹⁸⁹

E explica os motivos para tal afirmação

*O presidente López temia, no início, que a Argentina pudesse atentar contra a independência guarani e, mais tarde, um conflito também com o Império, em decorrência das questões fluviais.*¹⁹⁰

Interessante notar que o autor aponta uma relação harmoniosa entre Solano e Carlos López. Outro exemplo dessa “boa” relação, encontrada na obra de Doratioto, é o posicionamento de ambos diante da frustrada tentativa da Confederação Argentina em derrubar o governador de Buenos Aires, Bartolomé Mitre, em 1861. Segundo ele,

Carlos López e Francisco Solano López ficaram alarmados com o desenrolar dos acontecimentos, pois “muito temem o general Mitre”. Esse sentimento de insegurança contribuiu para Solano López acreditar no

¹⁸⁷ Idem, p. 80.

¹⁸⁸ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 47.

¹⁸⁹ Doratioto, *op. cit.*, p. 35.

¹⁹⁰ Idem.

*boato, vindo de Buenos Aires, sobre intenções hostis do Império em relação ao Paraguai. Ele se mostrou “assustado” com esse rumor e, por esse motivo, segundo declarou ao representante brasileiro em Assunção, o governo paraguaio aumentou suas forças nas regiões próximas do Brasil. Carlos López declarou a Carvalho Borges [diplomata brasileiro] que não tinha esperança de viver em paz com o Brasil e que essa idéia o atormentava.*¹⁹¹

Mais uma vez, portanto, não se percebe distanciamento entre pai, ditador do Paraguai, e filho, ministro da guerra e da marinha. Essas experiências junto à Carlos López permitiu a formação política de Solano López que, conforme narrativa de Chiavenatto, *participou de todos os acontecimentos importantes do governo.*¹⁹²

Todavia, Doratioto que até então constrói a idéia da participação de Solano no governo, mais adiante, no episódio da morte de Carlos López, chama atenção para um possível descompasso entre pai e filho. Inclusive, a respeito da questão anteriormente tratada sobre o posicionamento alarmado de pai e filho diante da insegurança em relação aos vizinhos argentinos e brasileiros.

*Francisco Solano López estava em Humaitá, estratégica fortaleza às margens do rio Paraguai, no Sul do país, quando soube do agravamento do estado de saúde de seu pai. Retornou a Assunção e discordou quando Carlos López comunicou a decisão de nomear Angel Benigno López para vice-presidente. Solano López conseguiu que o moribundo alterasse o testamento, nomeando-o para esse cargo. Carlos Antonio López morreu em 10 de setembro de 1862. Momentos antes de expirar, alertou Solano López de que o Paraguai “tem muitas questões pendentes, mas não busque resolvê-la pela espada, mas sim pela caneta, principalmente com o Brasil”.*¹⁹³

Esta passagem leva o leitor a supor que Solano López não tivesse ciência dos acontecimentos políticos do seu país, das relações externas. Entretanto, como se viu nas páginas anteriores, o mesmo autor — Doratioto — mostra o contrário.

¹⁹¹ Idem. Ibidem, p. 37. (grifos do autor)

¹⁹² Chiavenatto, *op. cit.*, p. 51.

A respeito da intenção do ditador paraguaio em nomear seu filho mais novo para vice-presidente, Burton tece alguns comentários, a partir do que ele, enquanto viajante, ouviu dizer:

*Há quem diga à boca pequena que o preferido do velho López era seu filho caçula, Benigno, por ser menos violento e ambicioso que o primogênito.*¹⁹⁴

É possível perceber um certo distanciamento entre Burton e Doratioto na configuração da imagem de Benigno López, apesar de ambos concordarem que havia mais simpatia de Carlos López para com este filho. Para o viajante Burton,

*O caçula, Benigno, que sempre foi o predileto do pai, chegou a major no Exército e almirante na Marinha, mas gosta mesmo é de vadiar e “caçar mulheres” em sua terra.*¹⁹⁵

Portanto, percebe-se que o irmão mais novo de Solano López, apesar de ser o “predileto” do pai, não consta, nos discursos analisados, atuação na vida política em companhia do ditador Carlos López. Seu interesse, segundo a citação acima, era *vadiar e “caçar mulheres”*.

Em contrapartida, Doratioto faz a seguinte descrição do caçula:

*Angel Benigno estudou durante dois anos, na década de 1840, na Escola Naval da Marinha brasileira e era culturalmente superior a seu meio, possuindo idéias mais liberais que inspiravam desconfiança em seu irmão mais velho (...).*¹⁹⁶

¹⁹³ Doratioto, *op. cit.*, p. 41. (grifos do autor)

¹⁹⁴ Burton, *op. cit.*, p. 77.

¹⁹⁵ Idem, p. 70. (grifos do autor)

¹⁹⁶ Doratioto, *op. cit.*, p. 41.

O autor chama atenção para a formação do filho mais novo de Carlos López, cujo próprio nome —Benigno— é muito sugestivo para uma imagem do “bem” e o exalta em relação ao irmão Solano, o qual não tem narrado sequer a contribuição cultural que a sua viagem à Europa lhe proporcionou. Entende que as diferenças entre os irmãos podem ser percebidas pelas ideologias de cada um; Benigno era mais liberal enquanto Solano era conservador.

Burton aproxima-se de Doratioto ao concordar que a desarmonia entre os irmãos foi agravada por questões políticas com a morte do ditador Carlos López, e configura seu entendimento da seguinte forma:

*Sabe-se que a preferência do velho por Benigno, que ele de bom grado gostaria de ter visto como seu sucessor na cadeira presidencial e herdeiro do grosso de suas propriedades, originou uma rivalidade fatal entre os dois irmãos. A antipatia entre eles, todavia, provavelmente começou como resultado de mera incompatibilidade de caráter e terminou como ódio absoluto.*¹⁹⁷

Assim, para este autor, não poderia haver harmonia entre os dois irmãos, primeiro devido às diferenças de caráter, pois com traço aventureiro, Benigno vivia em função de vivências efêmeras, enquanto Solano López vislumbrava tornar-se imperador, como Napoleão, na França. Os dois filhos, com interesses distintos e extremos, diferenciavam-se do pai, Carlos López. Burton conta que:

*Já em 1854, um deputado subserviente propusera no Congresso fazer imperador o velho López, com a coroa sendo hereditária em sua família. Mas como registra o Capitão Page, ele já era “imperador de facto” e não queria adotar o odioso nome. Talvez seu filho cobiçasse essa coroa, de acordo com o princípio que, entre nós, torna a nobreza valiosa para um homem cujo pai a recusou.*¹⁹⁸

¹⁹⁷ Burton, *op. cit.*, p. 77.

¹⁹⁸ Idem, p. 82. (grifos do autor)

Chiavenatto difere de Doratioto e Burton, pois entende que Solano López foi cuidadosamente preparado por seu pai, Carlos López, para assumir seu lugar na presidência da República do Paraguai. Para ele, a idéia da preferência de Carlos López por Benigno não passa de especulação possível de ser desmentida se levar em conta a participação de Solano nos negócios políticos de seu pai.¹⁹⁹

Os autores abordados neste trabalho tecem suas narrativas sobre a ascensão de Francisco Solano López à presidência do Paraguai, no lugar de seu pai, o ditador Carlos López. León Pomer, com uma perspectiva economicista, preocupa-se em posicionar o leitor no que parece ser simples para ele: uma passagem do poder, ocorrida com a morte de Carlos López, para as mãos do seu filho mais velho, Solano López, este, que *continua a obra do pai*.²⁰⁰ Percebe-se, portanto, que Pomer tem a idéia de absoluta harmonia entre os López pai e filho, se considerar seu entendimento de que Solano permaneceu no caminho trilhado por Carlos López. Pois, para defender a tese de “continuidade”, o autor, possivelmente parte do princípio de que Solano López conhecia a fundo o governo de seu pai a ponto de governar nos mesmos moldes.

Chiavenatto contribui com o entendimento de Pomer ao argumentar que

*Para governar um país progressista como o Paraguai, política e economicamente estruturado, nada mais era necessário que seguir as diretrizes do velho Carlos Antonio López.*²⁰¹

No entanto, chama atenção para o fato de Solano ter sido “escolhido” pelo Congresso.

Afinal, o Paraguai era uma república e o poder não poderia ser hereditário:

¹⁹⁹ Cf. Chiavenatto, *op. cit.*, p. 47.

²⁰⁰ Pomer, *op. cit.*, p. 54.

²⁰¹ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 47.

*Carlos Antonio López morreu em 10 de setembro de 1862; em 16 de outubro do mesmo ano, o Congresso designou presidente da República seu filho, Francisco Solano López.*²⁰²

Fragoso configura o mesmo episódio a partir de um entendimento bastante distante de Pomer e Chiavenatto. Acentua a presença do autoritarismo no Paraguai a ponto de instigar uma análise sobre a forma como o governo era tratado: um “bem” privado, que poderia ser “deixado” a outrem por um simples testamento.

Substituiu-o interinamente seu filho Francisco Solano López, que ele próprio havia designado de-antemão, em testamento, para seu sucessor. Logo depois o Congresso confirmava por eleição a prevenida escolha paterna.

Esta configuração permite analisar a maneira peculiar de governar de Carlos López configurada por Fragoso. Um governo cujo papel político do presidente era o poder executivo, mas que foi exercido com autoridade ilimitada a ponto de deixar o “governo”, em testamento, para seu filho que, provavelmente pouco teve que se articular para intimidar o poder legislativo e, talvez, o judiciário. Penso ser interessante lembrar que se tratava de uma ditadura, a qual tinha suas bases nas forças armadas que eram chefiadas justamente por Francisco Solano López. Ao encontro desta reflexão sobre o ilimitado poder autoritário, Fragoso contribui com uma citação de um paraguaio da época:

*“O actual presidente do Paraguai recebeu o poder por testamento paterno. ‘A vontade livre e uniforme do Paraguai’, consultada mais tarde, manteve o referido poder nas mãos em que o finado presidente a tinha deixado em sua última vontade e em que se encontrava quando o voto a confirmou.”*²⁰³

²⁰² Idem.

²⁰³ Fragoso, *op. cit.*, p. 92, vol. I. (grifos do autor)

Ao utilizar tal citação, Fragoso aponta a fragilidade e a ilegitimidade do Congresso paraguaio que foi convocado para “escolher” o novo presidente e que demonstrou estar completamente envolvido e manipulado pelo jogo da política ditatorial a ponto de fazer valer a vontade de Carlos López e, principalmente, de Solano López, avalizando-a como a *vontade livre e uniforme do Paraguai*.

No entanto, Fragoso apesar de atribuir à vontade de Carlos López o peso maior no fato de Solano chegar à presidência, não nega a importante participação do Congresso para avaliar a situação. Difere, por isso, de Chiavenatto que não tem a preocupação de comentar sobre a “vontade” de Carlos López, uma vez que necessitaria, de qualquer maneira, da aprovação do Legislativo.

Mais detalhadamente, Burton e Doratioto desenvolvem suas análises sobre este episódio político do Paraguai — sucessão de Carlos López —, porém se distanciam no entendimento sobre como Solano López teria “conseguido” inaugurar o cargo de vice-presidente.

Segundo Doratioto,

*Em agosto de 1862, Carlos López, gravemente enfermo, fez seu primeiro testamento político, designando Angel Benigno López, um de seus cinco filhos, para assumir o cargo, até então inexistente, de vice-presidente. (...) Francisco Solano López (...) discordou quando Carlos López comunicou a decisão de nomear Angel Benigno López para vice-presidente. Solano López conseguiu que o moribundo alterasse o testamento, nomeando-o para esse cargo.*²⁰⁴

Nesta citação, o autor retoma a questão analisada sobre a “preferência” do ditador Carlos López pelo filho caçula. É possível perceber que Doratioto exalta a figura de Benigno López em detrimento do irmão mais velho, Solano López. Um dos motivos que podem ter

²⁰⁴ Doratioto, *op. cit.*, p. 40.

conduzido este autor a configurar uma imagem do caçula Benigno digna de elogios foi, possivelmente, a fonte utilizada que diz respeito à existência de um primeiro testamento de Carlos López designando o filho mais novo seu sucessor.

Provavelmente Burton não teve conhecimento da possível existência de um primeiro testamento cujo favorecido seria Benigno López. E, sem prolongar-se por demais, afirma que *no dia 15 de agosto de 1862, o Presidente López I, por um ato secreto (pliego de reserva), nomeou seu filho mais velho como vice-presidente.*²⁰⁵ Porém, como foi visto em outro momento deste trabalho, Burton não deixa de chamar atenção para os comentários correntes da época acerca da “preferência” do ditador Carlos López pelo filho caçula, mas, num segundo momento, volta sua narrativa para a presença e para os feitos de Solano López no governo de seu pai. A análise das suas idéias permite compreender o seu entendimento de que Francisco Solano López se preparava, com o consentimento de seu pai, para ocupar a presidência da República do Paraguai, em 1862.

Para Doratioto, Solano López que agiu no intuito de fazer seu pai mudar o testamento, também precisou articular sua eleição no Congresso para eliminar qualquer foco de rejeição à sua candidatura.

*Solano López assumiu, em caráter provisório, a chefia do Estado paraguaio e, em 16 de outubro, foi instalada a sessão do Congresso paraguaio, que não se reunia desde 1856, para eleger o novo presidente.*²⁰⁶

Este autor retoma a questão da fragilidade do Congresso na forma de governo ditatorial discutida anteriormente com Fragoso. Mas, acrescenta um dado importante: a inatividade destes parlamentares. Há, portanto, uma concordância entre Doratioto e Fragoso no que diz respeito à existência de um Congresso, simplesmente, de fachada.

²⁰⁵ Burton, *op. cit.*, p. 76.

²⁰⁶ Doratioto, *op. cit.*, p. 41.

Solano López, talvez, por ser filho do ex-presidente e/ou por estar à frente das forças armadas do Paraguai, buscou ser cauteloso para não deixar somente a impressão de que a sua posição de presidente seria resultado único e exclusivo da indicação deixada pelo seu pai ou por ter a força militar sob seu comando.

Neste sentido, Burton acrescenta outros detalhes:

*D. Francisco Solano López tomou as costumeiras precauções. Apoderou-se de todos os documentos paternos, dobrou as sentinelas, despachou para as ruas patrulhas reforçadas, convocou o Ministério ou Conselho de Estado, para quem leu o testamento indicando-o vice-presidente e, portanto, efetivo supremo magistrado, e ordenou que o Congresso nacional e eleitoral se reunisse.*²⁰⁷

Segundo este autor, a iniciativa de convocar o Congresso foi de Solano López e pode-se lembrar, neste momento, que Doratioto traz a informação de que a última consulta parlamentar aconteceu em 1856.

Para Doratioto, Solano López buscou todos os meios para que a presidência lhe fosse garantida:

*O deputado Carlos Riveros foi encarregado de lançar a candidatura presidencial de Solano López, a única a ser apresentada. O deputado José Maria Varela apresentou, porém, moção questionando a legitimidade de se passar o poder de pai para filho quando o regime era republicano e a Ley de Administración Política de la República, de 1844, afirmava que “o governo da República não será patrimônio de uma família”. Riveros contra-argumentou que a eleição não se basearia na relação familiar mas, sim, na eleição pelos deputados no livre exercício de seus mandatos. Pressionado, Varela retirou a moção, sendo Solano López eleito, por unanimidade, para mandato de dez anos.*²⁰⁸

A imagem de um Congresso com uma “vontade uniforme”, manipulado ou não, configurada na maioria dos discursos analisados é questionada por Doratioto que analisa o

percurso até Solano López conseguir ser “eleito” por unanimidade. Aponta um processo de articulação política e repressão para alcançar o objetivo de ser eleito por uma “vontade uniforme” do Paraguai.

Burton distancia-se da narrativa de Doratioto, quando diz o seguinte:

*Suas medidas [de Solano López] foram baixadas com tanta cautela que, no dia 16 de outubro de 1862, ele foi designado, sem dificuldade alguma, presidente pelo período de dez anos.*²⁰⁹

Nesta citação, percebe-se que há o entendimento de um reconhecimento do povo paraguaio para com a figura do filho primogênito de ditador Carlos López representado por sua eleição. Já para Doratioto, a eleição unânime de Solano representa a continuação do regime autoritário e intimidador existente por longa data no Paraguai, pois *o Congresso fora convocado para ratificar a permanência de Solano López no poder e não para aprimorar a organização política do país.*²¹⁰ No discurso de Doratioto, o autoritarismo lopizta é ressaltado:

*Os congressistas dissidentes, que ousaram questionar a apresentação da “candidatura” de Solano López, foram presos. José Maria Varela, o sacerdote Fidel Maíz, e Pedro Lezcano, presidente da Corte Suprema, foram condenados à cinco anos de prisão, sob acusação de conspirar contra o Estado e de tentarem promover uma “revolução social, moral e política”. O próprio irmão do presidente eleito, Benigno López, a quem, por suas idéias liberais, se atribuía a autoria da tentativa reformista, foi confinado no interior do país.*²¹¹

Para este autor, seria impossível pensar que a eleição de Solano López aconteceu sem dificuldade alguma. Ao contrário, houve uma violenta repressão para com os

²⁰⁷ Burton, *op. cit.*, p. 76.

²⁰⁸ Doratioto, *op. cit.*, p. 41. (grifos do autor)

²⁰⁹ Burton, *op. cit.*, p. 76-77.

²¹⁰ Doratioto, *op. cit.*, p. 41.

dissidentes, os quais eram expurgados. Até mesmo o irmão de Solano, Benigno, não foi poupado, o que acentuou as diferenças entre eles, já trabalhadas em outro momento.

Em contrapartida, Burton responde e acrescenta a “boa impressão” deixada pelo trâmite dos acontecimentos eleitorais, ao dizer que Solano

*podia vangloriar-se de ser eleito do povo, não um herdeiro ou alguém indicado por testamento. Em 1863, o novo governante foi reconhecido por onze potências européias. E todos, em casa e no exterior, acreditavam que o esclarecido general, que viajara pela Inglaterra e pela França, favorecia o Paraguai com um regime livre.*²¹²

Percebe-se que Burton acentua o contato que Solano López teve com a Europa para caracterizá-lo como uma pessoa “esclarecida”, pois sua narrativa deixa clara a idéia de que os europeus, principalmente os ingleses, eram civilizados, já os americanos estavam muito distantes de assim serem.²¹³

Doratioto, ao contrário do que acreditavam na época — que Solano favoreceria o Paraguai com um regime livre, segundo Burton —, afirma:

*No poder, Solano López deu continuidade à tradição autoritária paraguaia. Por todo o país pululavam os informantes da polícia, que delatavam qualquer comentário que deixasse alguma dúvida quanto à adesão ao governante, e o autor do comentário, no mínimo, obrigado a prestar esclarecimentos à autoridade policial.*²¹⁴

Em contrapartida, Pomer responde:

²¹¹ Idem, p. 41-42. (grifos do autor)

²¹² Burton, *op. cit.*, p. 77.

²¹³ Cf. Burton, *op. cit.*, p. 27

²¹⁴ Doratioto, *op. cit.*, p. 42.

*O Paraguai não é o país barbarizado pela tirania, que enchia a boca de seus difamadores liberais do Prata e do Rio de Janeiro. Há paz naquele país (...).*²¹⁵

Diferente deste autor, percebe-se que a narrativa de Doratioto leva o leitor a construir uma imagem de Solano López como um articulista que para chegar à presidência elimina qualquer foco de oposição e tão logo alcançada dá continuidade ao autoritarismo histórico do Paraguai e se auto-enobrece com decorações provindas do patrimônio público que permanecera em domínio da família López. Nas palavras de Doratioto,

*Pouco depois de assumir a presidência, Solano López procurou adornar sua figura, encomendando jóias na Europa. Em 1863, a empresa parisiense Fontana e Cia., fornecedora de jóias para a Coroa francesa, enviou para o Paraguai uma condecoração ornada de brilhantes, que Solano López mandara fazer para si mesmo, ao custo de 16080 francos, além de um luxuoso cinto em que foram gastos outros 420 francos. Esse fabricante também enviou modelos de espadas incrustadas de diamantes, para apreciação do chefe de Estado paraguaio.*²¹⁶

Já Burton, que também chama atenção para a ostentação, diz que Solano López:

*(...) tem predileção pelo cavalo branco, por botas e esporas de granadeiro napoleônico, o restante da toilette consistindo de um quepe, uma túnica e um poncho escarlate com frisos e gola dourados. Na verdade, ele tem paixão por roupas vistosas.*²¹⁷

Neste caso, o fato de Solano vestir-se de fausto pode ser compreendido por fazer parte do seu estilo, do seu gosto, ou por representar parte da realização de seu sonho de se tornar imperador, como Napoleão. Burton constrói sua narrativa baseando-se na idéia de que Francisco Solano López almejava tornar-se imperador. Por isso, compara a indumentária do ditador com a do imperador francês, além de não poupar sequer o gosto de Solano,

²¹⁵ Pomer, *op. cit.*, p. 54.

²¹⁶ Doratioto, *op. cit.*, p. 42.

semelhante ao de Napoleão, por “cavalo branco”. Nota-se três caminhos (dentre outros possíveis), a serem percorridos na análise dos entendimentos dos autores que desenvolvem argumentos a respeito do luxo “exagerado” de Francisco Solano López. O primeiro seria o fato de representar o poder através de uma luxuosa indumentária. Em seguida, pode se pensar unicamente na questão do estilo do presidente paraguaio que, ao chegar em tal posição, se viu na oportunidade de adquirir artigos nobres. Por último, penso ser interessante colocar em discussão a possibilidade da confluência dos dois caminhos anteriores, ou seja, não, necessariamente, o primeiro inviabiliza o segundo e vice-versa.

Burton, que não conceitua Solano López como um tirano, conta uma experiência enquanto testemunha ocular da relação analisada entre o poder e o luxo:

*Em meu retorno a Buenos Aires, mostraram-me o modelo em gesso de uma coroa, aparentemente igual àquela do primeiro Napoleão e que, presa a uma tábua, fora exposta para receber quaisquer alterações que o marechal-presidente [Solano López] pudesse sugerir.*²¹⁸

A coroa pode representar a investidura simbólica do poder, uma vez que Solano López já detinha a liderança sendo o chefe supremo do Exército e da República do Paraguai. No entanto, a respeito desse assunto Burton já havia sido citado anteriormente quando lançou a idéia da possibilidade de existir uma intenção de Solano López em tornar-se imperador. É justamente esse desejo sôfrego que sustenta um argumento explicativo do viajante Burton para a iniciativa de guerra de Solano López contra seus vizinhos.

²¹⁷ Burton, *op. cit.*, p. 78.

2.2. Presidente e marechal: sua importância no conflito

Entre os autores abordados neste trabalho, nota-se que a figura do presidente paraguaio, Francisco Solano López, como já foi dito, é fundamental para as análises sobre a guerra. Ocorre-me, nesse instante, a lembrança da recente invasão dos Estados Unidos ao Iraque, e a conseqüente deflagração da guerra que derrubou o ditador Sadam Hussein.

²¹⁸ Idem, p. 82.

Neste sentido, é inevitável pensar tanto a Guerra do Paraguai como a do Iraque, sem deixar de se referir aos discursos que configuram os personagens de George Bush e Solano como os grandes autores dos respectivos conflitos bélicos.

Este item é dedicado às análises das múltiplas configurações de Francisco Solano López no momento em que os autores começam a chamar atenção efetivamente para a possibilidade de uma guerra; não por considerá-lo, simplesmente, um personagem importante da guerra em si, mas pela sua importância para a compreensão dos argumentos explicativos deste conflito.

A parte anterior foi encerrada com um excerto do discurso de Francis Burton sobre uma possível intenção de Solano López tornar-se imperador, encomendando até modelos de coroa para um possível ritual de sagração. Tal intenção implicaria em aumentar seu domínio na região platina:

*O presidente López organiza uma força de 80.000 homens e resolve não tolerar interferência alguma, da parte do Brasil, nos negócios dos Estados platinos. Engaja-se em hostilidades e está determinado a coroar-se imperador dos Argentinos, em Buenos Aires.*²¹⁹

Burton entende que Solano López faria qualquer coisa para conduzir os acontecimentos platinos rumo a uma guerra que o consagraria imperador, assim como Napoleão era na França, e Pedro, no Brasil. Solano tinha a intenção de inverter a situação de ameaçado para ameaçador. Afinal, a Argentina demonstrava historicamente seu interesse em anexar o Paraguai. Com a idéia de que Solano López se articulava para a eclosão de uma guerra, Burton continua:

²¹⁹ Idem. Ibidem, p. 25.

*Usando como pretexto o estado de partidos políticos na Banda Oriental [Uruguai], o Presidente López, em princípios de 1864, tratou rapidamente de preparar-se para a guerra. Há poucas dúvidas de que ele pensava travar uma guerra de autopreservação contra seus inimigos mortais do Partido Liberal, que ameaçavam encurralá-lo imediatamente.*²²⁰

Há dois interesses interligados na intenção de Solano em preparar-se para uma guerra: a necessidade de autopreservação do seu *pequenino mas resistente domínio*²²¹ que possibilitava coroar-se imperador dos argentinos. Para Burton, havia uma “guerra anunciada” pelo Paraguai por meio do seu envolvimento nos tensos negócios políticos do Uruguai e pela sua rápida preparação militar.

Fragoso distancia-se de Burton em relação à idéia de uma “guerra de autopreservação”, no entanto, aproxima-se do seu entendimento sobre a “intenção” de Solano López em tornar-se imperador. Para o general brasileiro Fragoso, o presidente paraguaio

*desconfia de nós [Império Brasileiro] e da Argentina, e acaricia o sonho fantástico de desempenhar função tutelar nos povos platenses, não só se recusa a fixar conosco as fronteiras comuns e a facilitar pelas suas artérias fluviais o trânsito do nosso comércio, senão que prepara em silêncio, e com absoluta dissimulação, clava formidável com que tentará derrubar-nos.*²²²

Assim como Burton, Fragoso entende que Solano López se preparava para um conflito contra seus vizinhos, ou seja, concordam com a idéia de uma guerra “anunciada” ainda que em silêncio. Também há uma aproximação entre eles no que diz respeito à situação política na República do Uruguai ter servido de pretexto para o Paraguai entrar em

²²⁰ Idem. Ibidem, p. 82.

²²¹ Idem. Ibidem, p. 22.

²²² Fragoso, *op. cit.*, p. 94, vol. I.

cena e Solano iniciar a guerra. Segundo Fragoso, o envolvimento de Solano López na política uruguaia fazia parte do seu *plano diabólico*.²²³

Chiavenatto concorda que a crise política no Uruguai foi utilizada como pretexto para se iniciar um conflito para além das fronteiras uruguaias. Porém, para este autor, os papéis são invertidos, ou seja, o imperialismo inglês se utilizou desta situação para financiar a guerra contra o Paraguai de Solano López. Por isso, para ele, *o Uruguai foi vítima da agressão para que se fizesse a Guerra do Paraguai*.²²⁴

Burton e Fragoso entendem que Francisco Solano López aproveitou-se da delicada crise política na República do Uruguai e fez dela a razão imaginária para o seu envolvimento nas questões da região platina. No entanto, seu interesse real era expandir-se e firmar seu poder entre os demais países da América do Sul. Fragoso distancia-se sutilmente de Burton, pois este último menciona a possibilidade de Solano preparar-se para um conflito armado para “autopreservação” do Paraguai, mas ambos concordam que houve uma preparação por parte de Solano.

A idéia de que o envolvimento de Solano López nas tensões platinas aconteceu devido uma aproximação entre o governo uruguaio e o governo paraguaio é comum nos textos dos autores pesquisados, com exceção de Burton que não se refere especificamente à questão do conflito interno uruguaio.

Doratioto explica que o Paraguai assumiu a postura de participar dos assuntos platinos

*para manter seu ritmo de desenvolvimento, a economia paraguaia necessitava ampliar o comércio externo, de modo a conseguir recursos para importar tecnologia. Tal quadro levou o Paraguai a ter interesses fora de suas fronteiras, a participar das questões na Bacia do Prata.*²²⁵

²²³ Idem, p. 198.

²²⁴ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 102.

²²⁵ Doratioto, *op. cit.*, p. 44.

Por isso, entende que Solano López tinha interesse em se aproximar do Uruguai

*para buscar uma saída para o oceano, pelo porto de Montevideú, e assim garantir e ampliar suas relações comerciais com os centros capitalistas europeus.*²²⁶

O interesse destacado por Doratioto não é percebido nos discursos dos demais intérpretes selecionados neste trabalho, e quando aparece, como no caso de Fragoso, é para salientar a negação dessa possibilidade. Ao comentar um encontro entre o presidente Solano López e o representante uruguaio em Assunção, o general brasileiro afirma que essa idéia de interesse econômico do Paraguai foi um discurso para convencer o representante uruguaio da sua posição aliada:

*Lapido [representante uruguaio] expôs-lhe a situação delicada em que se debatia o Uruguai em face da República Argentina. López concordou com ele de tal forma, que o induziu a acreditar na aceitação pelo Paraguai de um acordo recíproco dos dois países para a segurança da sua independência e soberania, e o desenvolvimento dos seus interesses econômicos.*²²⁷

Todavia, o que predomina entre os autores é idéia da tentativa do governo uruguaio selar uma aliança com o Paraguai para manter o “equilíbrio” na região platina. Isto demonstra uma inversão do entendimento de Fragoso e Doratioto que, mesmo com explicações diferentes, até então demonstravam o interesse unilateral por parte do governo paraguaio em aproximar-se do governo uruguaio. Nota-se que a análise do decorrer dos fatos possibilitaram uma outra configuração nos discursos desses autores. Por exemplo,

²²⁶ Idem, p. 45.

²²⁷ Idem. Ibidem.

Fragoso utiliza uma citação de Herrera, ministro de Relações Exteriores do Uruguai, para pensar a necessidade de aproximação entre o governo uruguaio e paraguaio:

*O interesse bem entendido de ambos exige o acordo e o concurso recíproco, pelo menos no transcendental, da política a seguir. Esta política, toda ela por fundar-se, deve tender para o “estabelecimento de um equilíbrio”, que a todos proteja, neste trecho agitado da América do Sul, e de uma discreta “defensiva comum” a cujo abrigo possam os nossos povos entregar-se à definitiva organização, tendo por base a confraternização e o repúdio de todo espírito de absorção de um pelo outro.*²²⁸

O governo uruguaio esperava o apoio do Paraguai para uma experiência que ultrapassava os limites de toda experiência vivida até então, uma experiência que teria, pela primeira vez, dois pesos e duas medidas: de um lado, o Paraguai e o Uruguai, de outro, o Brasil e a Argentina. Talvez, por isso que para tal aproximação foi atribuída a idéia do transcendente. Percebe-se que o receio exposto nas palavras acima é o da perda da soberania. É comum nos discursos analisados à alusão de que na Argentina, que selou seu processo de unificação no decorrer da própria Guerra do Paraguai, pairavam intenções de anexar outros territórios que antes pertenciam à Coroa Espanhola. E justamente quando a relação entre o Uruguai e a Argentina é agravada²²⁹, o governo uruguaio busca *pleitear a cooperação do Paraguai*.²³⁰, conforme citação anterior.

Doratioto salienta a importância do local estratégico do Uruguai devido a sua posição geográfica com saída para o mar, sendo esta uma das justificativas do interesse de Solano López em aproximar-se do país, pois dependia até então, do porto argentino para a entrada e o escoamento de mercadorias. Dedicamos alguns parágrafos à análise do processo de

²²⁸ Fragoso, *op. cit.*, p. 161, vol. I. (grifos do autor)

²²⁹ Ver Fragoso, *op. cit.*, p. 100-102, vol. I. Segundo Fragoso, o presidente Berro, do Uruguai, diante da esperada invasão do seu opositor, Venâncio Flores, que estava em território argentino, solicitava absoluta neutralidade por parte da Argentina. No entanto, dois incidentes levaram o rompimento das relações entre as duas Repúblicas. O primeiro foi devido à uma suspeita de que uma navegação argentina tinha a bordo

aproximação entre Solano López e o governo do Uruguai. Deixa evidente que o presidente paraguaio soube aproveitar duas coisas: a tensa situação da política uruguaia e o receio, já comentado, do governo do Uruguai em perder a soberania do país para a Argentina ou até mesmo, para o Brasil. Neste contexto, assim como Fragoso, Doratioto comenta as tentativas do governo uruguaio em firmar uma aliança com o governo paraguaio e a resistência intencional de Solano López. Segundo este autor,

*Para Solano López, a possibilidade dessa aliança significava ampliar o peso, o cacife para barganha, de seu país ante Buenos Aires e, também, o Rio de Janeiro. Desse modo, o país guarani se tornaria presença indispensável na solução dos problemas platinos e assim seria visto pelos governos argentino e brasileiro. Portanto, utilizando-se de uma aliança não concretizada, mas sempre possível, Assunção estabeleceria o equilíbrio regional, pondo fim à hegemonia do Império na área, bem como afastaria a ameaça histórica de uma ação da Argentina contra o Paraguai. Este, além disso, obteria condições favoráveis para negociar as fronteiras com seus dois vizinhos.*²³¹

Percebe-se que Doratioto configura a aproximação e a resistência como um plano do presidente paraguaio, Solano López, para conseguir realizar o que ele chama de “barganha”, esta que consistia em tornar-se reconhecido em posição igualitária entre seus vizinhos, desfazendo, portanto, a hegemonia brasileira.

Chiavenatto e Pomer distanciam-se dos demais autores que consideram a aproximação de Solano López com o governo do Uruguai parte de um plano articulado por ele. Assim como Burton, esses dois autores não tratam das tentativas de aliança do governo do Uruguai junto ao governo do Paraguai. Desenvolvem suas narrativas sobre a relação entre os dois países com base no tratado de 1850 que envolvia o Império do Brasil. Segundo Pomer,

armamentos e munições para os rebeldes uruguaio e, por isso, foi detida por um vapor de guerra uruguaio; o segundo incidente foi por parte dos argentinos que aprisionaram um navio de guerra do Uruguai.

²³⁰ Fragoso, *op. cit.*, p. 164, vol. I.

*Pelo tratado que no dia 25 de dezembro de 1850 o Brasil e Paraguai assinaram, ambos comprometiam-se a manter a independência da República Oriental do Uruguai. Esse tratado foi violado por um dos signatários e pela Argentina, por mais que formalmente o Uruguai continue sendo independente.*²³²

O tratado firmado entre a República do Paraguai e o Império do Brasil chamava atenção para a importância de garantir a independência do Uruguai. Por isso, Pomer assim como Chiavenatto compreendem que a aproximação do governo paraguaio com o governo uruguaio aconteceu por uma “obrigação” do presidente Solano López de cumprir o tratado de 1850.

No entanto, com outra explicação, Fragoso chama atenção para o mesmo tratado:

*Nesse documento, o Brasil comprometia-se a continuar promovendo o reconhecimento da independência paraguaia. Caso a Argentina ou o Uruguai atacassem qualquer dos contratantes, o outro o coadjuvaria com tropas, armas e munição. Ambos se auxiliariam reciprocamente (...) para que se mantivesse a independência da República Oriental do Uruguai. O tratado deveria durar seis anos a partir da troca das ratificações.*²³³

Sua análise, portanto, distancia-se absolutamente de Pomer e Chiavenatto. No rodapé explicativo, diz que o tratado terminaria dia 26 de Abril de 1857, pois que a troca das ratificações se operou em Assunção no dia 26 de Abril de 1851.²³⁴ Posteriormente, narra as tentativas de firmarem outros tratados entre Brasil e Paraguai, mas deixa evidente que o tratado do dia 25 de dezembro de 1850 chegou ao fim.

Chiavenatto mais incisivo que Pomer, concorda com a idéia da existência de um plano que envolveu o contexto político do Uruguai. Todavia, ao contrário dos demais

²³¹ Doratioto, *op. cit.*, p. 49.

²³² Pomer, *op. cit.*, p. 129.

²³³ Fragoso, *op. cit.*, p. 60, vol. I.

²³⁴ Idem.

autores abordados nesse trabalho, entendem que o presidente paraguaio Solano López foi vítima de uma conspiração articulada pelo imperialismo inglês que usou a crise política uruguaia para aumentar o clímax na região platina. Considera que o Paraguai independente política e economicamente, com intenções de manter seu desenvolvimento peculiar, principalmente no governo de Solano López, era uma ameaça aos interesses econômicos do capitalismo britânico. Por isso, diz que *o Uruguai foi vítima da agressão para que se fizesse a Guerra do Paraguai*.²³⁵

Os demais autores, como já foi dito, também consideram a existência de uma articulação, mas por parte do presidente paraguaio. Há entre os que compartilham deste entendimento, uma variação na compreensão das intenções que levaram Solano a objetivar um plano: para Burton, Solano preparava-se para coroar-se imperador e preservar seu domínio; Doratioto alega que ele buscava uma saída para o oceano além da possibilidade de tornar-se importante no cenário platino; e, por último, Fragoso afirma que o presidente paraguaio queria *exercer influência preponderante nos sucessos do Prata (...) em sua incomensurável vaidade*.²³⁶

A vaidade da parte de Solano López, comentada por Fragoso, pode ser percebida em Doratioto, pois este entende que o presidente paraguaio deixava incerta sua ajuda “necessária” para o governo uruguaio por ser uma *oportunidade de o Paraguai impor-se como potência regional*.²³⁷ Como foi dito anteriormente, este autor entende que a cautela de Solano em posicionar-se como uma possibilidade de “equilíbrio” nos negócios do Prata, aumentava o seu “peso” nas relações dos negócios do Prata.

Portanto, independentemente do caráter articulador atribuído ora a Solano, ora ao imperialismo inglês, representado na América Latina pela Argentina e pelo Brasil, a idéia

²³⁵ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 102.

²³⁶ Fragoso, *op. cit.*, p. 200.

²³⁷ Idem, p. 59.

de que a situação no Uruguai foi fundamental para a deflagração da mais sangrenta guerra da América Latina é comum a todos os autores analisados. Somente Doratioto distancia-se do conceito fechado de plano ao buscar construir uma narrativa que mostra um desencadeamento de fatos que tomam rumo diferente de qualquer perspectiva previamente planejada. Segundo ele, (...) *a marcha dos acontecimentos foi outra*²³⁸, ou seja, a situação não se limitou a negociações diplomáticas, que estariam inclusas no plano de Solano López, mas tomou rumos belicosos.

Tal situação é entendida pelos autores como resultado de uma ameaça provinda do articulador do suposto plano. Para Doratioto, a ameaça partiu de um protesto do governo paraguaio ao governo brasileiro:

*(...) Assunção protestou contra qualquer ocupação do território uruguaio por forças de mar e terra do Império, a qual seria “atentatória do equilíbrio dos Estados do Prata”, de interesse paraguaio, e afirmou não assumir a responsabilidade pelas conseqüências de qualquer ato brasileiro.*²³⁹

Esse protesto era uma resposta ao *ultimatum* do Império Brasileiro ao governo uruguaio que avisava sobre uma possível intervenção militar no país. Acrescenta, ainda, que a *ameaça implícita no protesto paraguaio de 30 de agosto não foi levada a sério, quer pelo governo brasileiro, quer pelo argentino.*²⁴⁰

Fragoso concorda com Doratioto no que diz respeito à ameaça paraguaia, feita através do protesto paraguaio de 30 de agosto de 1864, e também cita parte desse documento:

²³⁸ Idem, Ibidem.

²³⁹ Doratioto, *op. cit.*, p. 59. (grifos do autor)

²⁴⁰ Doratioto, *op. cit.*, p. 60.

*“O governo do Paraguai deplora profundamente que o de V. Exa. haja julgado oportuno afastar-se nesta ocasião da política de moderação, em que devia confiar agora mais do que nunca (...). (...) o governo da República do Paraguai considerará qualquer ocupação do território oriental por forças imperiais (...) como atentatória do equilíbrio dos Estados do Prata, que interessa à República do Paraguai como garantia de sua segurança, paz e prosperidade, e que protesta da maneira mais solene contra tal ato, desonerando-se desde já de toda responsabilidade pelas conseqüências da presente declaração.”*²⁴¹

Esse autor entende que por causa do protesto “ameaçador” de Solano López *estava assim dado o primeiro passo decisivo para a guerra da tríplice aliança.*²⁴²

Já Pomer e Chiavenatto fazem suas análises a partir da ameaça brasileira de intervenção na República Uruguaia. Isso porque, segundo Chiavenatto,

*o Uruguai é, estrategicamente, fator decisivo para a sobrevivência do Paraguai como Estado livre. A posição geográfica do Uruguai impõe que ele seja um Estado livre, fora da influência da Argentina e do Brasil, para que o Paraguai possa existir. Qualquer desequilíbrio nesse setor, automaticamente está condenando à morte o Paraguai.*²⁴³

Para esses autores, a ameaça da soberania uruguaia era também uma ameaça ao Paraguai. Esta análise refere-se à sensação de ameaça sentida por Solano López, mas Chiavenatto chama atenção para a “ingenuidade” do presidente paraguaio que *vai fazer a guerra sem entender a verdadeira natureza das suas origens (...)*²⁴⁴, ou seja, sem entender que os motivos eram além do que uma simples violação de tratado que ameaçava a soberania uruguaia e, conseqüentemente, paraguaia. Para ele,

O Império do Brasil em combinação com a Argentina, e apoiado por uma cumplicidade internacional pela Inglaterra, vai invadir o Uruguai, derrubar o seu governo constitucional pretextando motivos vários mas,

²⁴¹ Fragoso, *op. cit.*, p. 199, vol. I.

²⁴² Idem.

²⁴³ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 85.

²⁴⁴ Idem, 110.

*especialmente fechar a bacia do Plata ao Paraguai — é uma premissa de guerra.*²⁴⁵

Em contrapartida, Burton que comunga com Doratioto e Fragoso a idéia de que o presidente paraguaio era autor de um plano para tornar-se importante no cenário platino, mas não trata dos detalhes até agora analisados da relação entre Paraguai e Uruguai, alega que Solano López:

*Usando como pretexto o estado de partidos políticos na Banda Oriental, o Presidente López, em princípios de 1864, tratou rapidamente de preparar-se para a guerra.*²⁴⁶

Burton, assim como Doratioto e Fragoso, chama atenção para a questão da necessária preparação antecipada de Solano López para fazer a guerra contra seus vizinhos. Segundo Doratioto, *de todos os governos que lutaram a Guerra do Paraguai, apenas Solano López se preparara, de fato, para um conflito regional.*²⁴⁷ Fragoso concorda ao dizer que López já *tinha preparado cautelosa e secretamente para nos fazer a guerra (...).*²⁴⁸

Chiavenatto, no entanto, contrariando o entendimento de que Solano se preparava para a guerra, assevera:

*As afirmações de que Francisco Solano López pretendia agredir seus vizinhos, mostram-se descabidas na simples análise do exército paraguaio: o presidente do Paraguai estava formando, rapidamente a partir de 1864 como exigiam as circunstâncias, uma força militar nitidamente defensiva.*²⁴⁹

²⁴⁵ Idem. Ibidem, p. 86.

²⁴⁶ Burton, *op. cit.*, p. 82.

²⁴⁷ Doratioto, *op. cit.*, p. 79.

²⁴⁸ Fragoso, *op. cit.*, p. 218, vol. I.

²⁴⁹ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 110.

Distante desse entendimento, Doratioto chama atenção para que a “lógica dos acontecimentos” não seja invertida, isto é, mostrar *o agressor como agredido*.²⁵⁰ Considera que a agressão partiu do presidente paraguaio Solano López e que o Império Brasileiro foi *envolvido por uma guerra inesperada (...)*.²⁵¹ Fragoso também entende que o Brasil foi surpreendido pela ofensiva paraguaia:

*O Brasil lutará contra os seus bravos vizinhos do Paraguai numa guerra que não desejou, que não provocou e que ainda hoje lamenta, mas que não pôde evitar por lhe ter sido imposta por um adversário que o veio acometer dentro do âmbito de suas próprias fronteiras.*²⁵²

Para Pomer e Chiavenatto, a guerra não era inesperada pelo Brasil como alega Doratioto e Fragoso, pois sustentam a tese de que o Paraguai e seu presidente, Francisco Solano López, eram alvo de uma propaganda ideológica provinda do Império Brasileiro e, principalmente, da Argentina. Chiavenatto afirma:

*Antes mesmo que se liquide a questão Uruguaiana já corre paralelamente a propaganda de guerra contra o Paraguai, visando especialmente Francisco Solano López.*²⁵³

E mais adiante, o mesmo autor reforça sua idéia:

Antes da guerra, portanto, pintou-se um quadro absurdo do Paraguai. O país, na imprensa de Buenos Aires especialmente — sempre a mais extremista — e na do Rio de Janeiro, era dominado por um louco, que se pretendia coroar Imperador da América do Sul, para atender sua enorme egolatria e satisfazer a vaidade de sua amante, que desejava ser a Imperatriz... Dizia-se que López mantinha o povo sob o terror: matava famílias inteiras de moças que se recusavam a ir com ele para cama. Pintado como um sátiro, um selvagem e um louco que como um “Átila

²⁵⁰ Doratioto, *op. cit.*, p. 131.

²⁵¹ Idem, p. 97.

²⁵² Fragoso, *op. cit.*, p. 264, vol. I.

²⁵³ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 101.

*Americano” estava prestes a esparramar a morte sobre as Américas; contando a miséria moral e material do país com detalhes minuciosos, pretendia-se criar um sentimento de “humanitarismo” na opinião pública, para tornar a intervenção e o extermínio do Paraguai mais fácil.*²⁵⁴

Chiavenatto afirma que houve uma propaganda distorcida do Solano López antes da guerra, a qual o configurou com imagens desfavoráveis, *um sátiro, um selvagem, um louco, um “Átila Americano”* que buscava tornar-se imperador para satisfazer a si próprio e a vaidosa Elisa Lynch. Em um momento anterior, a moral da mulher com quem Solano López se casou foi questionada, mas, agora, Chiavenatto chama atenção para a construção, que também critica e considera distorcida, de uma mulher que desejava atrair admirações com um título de imperatriz. Conclui que a intenção dessas invenções sobre o Paraguai, o presidente Solano López e a sua esposa tinham um propósito: *criar um sentimento de “humanitarismo”*, ou seja, envolver a opinião pública a favor da causa final, o extermínio do Paraguai.

Burton, apesar de mencionar o que poderia ser lido ou ouvido na época sobre Solano López, não faz alusão à idéia de “propaganda” como parte de um plano das forças opostas ao presidente paraguaio. Comenta que:

*São muitos os que tacham o marechal-presidente, aliás, o “Tirano do Paraguai”, de “O Monstro López”, um “agressor traiçoeiro e vândalo”, um Nero, um Teodoro, “O Bárbaro do Paraguai”.*²⁵⁵

No entanto, essas imagens não são diferentes das apontadas por Chiavenatto, pois todas são desfavoráveis ao ditador e implicam em um homem egocêntrico e com práticas violentas.

Em contraposição às imagens desfavoráveis, Burton diz que:

²⁵⁴ Idem, p. 132. (grifos do autor)

²⁵⁵ Burton, *op. cit.*, p. 21 (grifos do autor)

Os poucos “lópezguayos” ou “simpatizantes paraguaios”, os “adeptos para o que der e vier” do marechal-presidente fazem dele o “Libertador da América do Sul”, o “Cincinato da América”, o “Rei Leopoldo do Prata”, e citam os nomes que os súditos lhe aplicam, “Grande Homem Branco” (Carai guazú) e “Grande Rei”.²⁵⁶

Esta citação demonstra que era possível encontrar discursos favoráveis ao ditador paraguaio. Diferente, portanto, de Chiavenatto que trabalha a existência de propagandas que somente difamavam Solano López. Burton que aponta a existência de discursos da época da guerra, uns a favor, outros contra a figura de Solano, deixa claro que essas visões são daqueles que o olham do exterior do Paraguai. Mas todas as imagens, favoráveis ou desfavoráveis do presidente paraguaio, demonstram uma coisa em comum: Solano López era entendido como um governante com plenos poderes em seu país, um verdadeiro “rei”.

Fragoso assim como Doratioto igualmente desenvolvem a questão da propaganda. Distanciando-se, no entanto, dos demais autores, entendem que o presidente paraguaio se utilizava desse meio para envolver seus compatriotas na causa divulgada de autopreservação e para motivar seus subalternos. Segundo Doratioto, havia uma distorção dos fatos quando transmitidos à população paraguaia, por exemplo, na batalha de Tuiuti na qual o Paraguai foi derrotado, a informação chegou invertida como se os paraguaios tivessem sido vitoriosos.²⁵⁷ Utilizando-se de citações do jornal *El Centinela*, diz que a propaganda lopizta era comum no Paraguai:

Como sempre, a “vitória” foi atribuída ao “heróico” e “invicto” marechal Solano López, cujos “invencíveis exércitos (...) despedaçaram os negros imbecis” (...). Nesse mesmo número (...) Solano López era classificado de “grande gênio”, “grande guerreiro”(...).²⁵⁸

²⁵⁶ Idem. (grifos do autor)

²⁵⁷ Cf. Doratioto, *op. cit.*, p. 313-314.

Segundo Doratioto, a propaganda lopizta divulgada para os paraguaios colocava Solano em destaque como o único que poderia representar a nação devido a sua inteligência e a sua incomparável capacidade militar. Eram imagens que poderiam estimular o apoio e a resistência de um povo que tinha seu “maior” representante nos campos de batalha defendendo a nação.

*Alega que quanto mais precária se tornava a posição militar paraguaia, mais intenso se tornou o culto à personalidade de Solano López (...), este que sempre procurou, segundo Doratioto, identificar sua pessoa com o Estado, e sua figura era apresentada com aspectos sobre-humanos.*²⁵⁹

Nessa mesma direção, Fragoso complementa a idéia da propaganda lopizta ao afirmar que havia uma distorção também da posição dos aliados frente aos inimigos. Segundo ele, o contato dos soldados paraguaios com a esquadra naval brasileira resultou nas *mais revoltantes calúnias e falsidades, inclusive a de a bandeira paraguaia do (...) vapor ter sido calcada aos pés e cuspidada por um oficial brasileiro.*²⁶⁰

Doratioto traz, em sua obra, a idéia de que o culto à personalidade de López foi aumentando de acordo com as dificuldades vividas nos campos de batalha, inclusive utilizavam-se as missas, além de promoverem

*assembléias populares, reuniões em que mulheres eram induzidas a doar suas jóias para o esforço bélico. Não eram iniciativas espontâneas, embora fossem apresentadas como tal, à época, pelas autoridades paraguaias, versão que simpatizantes de Solano López propagaram décadas mais tarde e que acabou por ser reproduzida por alguns historiadores.*²⁶¹

²⁵⁸ Doratioto, *op. cit.*, p. 314. (grifos do autor)

²⁵⁹ Idem.

²⁶⁰ Fragoso, *op. cit.*, p. 245, vol. II.

²⁶¹ Doratioto, *op. cit.*, p. 315.

Burton, apesar de não ser historiador, mas sim, um diplomata viajante da época, discorda de Doratioto no entendimento de que as doações de jóias pelas mulheres paraguaias não eram iniciativas espontâneas. Para ele,

*A mulher paraguaia sempre foi o homem da família; lavrava a terra e recolhia a safra. Entusiasticamente patriotas e dedicadas à causa do marechal-presidente, as damas de Assunção até entregaram a ele suas jóias, (...) desfizeram-se voluntariamente de toda sua prataria como oferta para a segurança do país.*²⁶²

Mais adiante, Burton alega que um documento datado do dia 26 de setembro de 1867,

*cria uma comissão central para receber dinheiro ou, na falta deste, jóias e pedras preciosas, necessárias para a defesa da pátria. (...) É inútil, portanto, dizer que o Marechal-Presidente López precisa condenar à morte seus súditos a fim de lhes saquear a propriedade.*²⁶³

A análise dessa citação aponta um outro ponto de discordância entre Burton e Doratioto, pois este último volta-se para o entendimento do autor George Thompson para ilustrar a interpretação de que Solano López fuzilava paraguaios quando precisava eliminar suspeitos opositores ou para *apoderar-se de todo dinheiro, público e de particulares, que existia no país.*²⁶⁴ Para Doratioto, os meios de submissão utilizados por López eram piores quando se tratavam de seus súditos militares:

*O chefe de Estado paraguaio infundia terror nos seus subordinados, não lhes dava autoridade e lhes anulava a iniciativa própria (...). Os subordinados de Solano López tinham pavor de serem punidos por não alcançarem objetivos pelos quais eram responsáveis, independentemente das causas do fracasso.*²⁶⁵

²⁶² Burton, *op. cit.*, p. 325.

²⁶³ Idem, p. 405.

²⁶⁴ Doratioto, *op. cit.*, p. 347.

E continua sua análise sobre Solano López diante do seu Exército:

*Nesse contexto, ponderação, moderação, senso de equilíbrio, o respeito ao inimigo e a economia de vidas não eram características valorizadas nos oficiais paraguaios, mas, sim, sua ousadia, suas bravatas, seu desprezo pelo inimigo, sua valentia em atacar forças bem mais superiores.*²⁶⁶

Próximo ao entendimento de Doratioto, Fragoso narra dois exemplos de crueldade de Solano López, nos quais é configurada uma imagem de cruel e insano:

*López mostrou-se indignado com o procedimento da guarnição de Curuzu, sobretudo com a do 10º batalhão, que se encontrava no flanco esquerdo, e não soube anteparar a manobra dos brasileiros. Ordenou que este corpo fosse dizimado. Todas as praças a quem tocou por sorte o número 10 padeceram o castigo do fuzilamento. Os oficiais foram sorteados por meio de palhas compridas e curtas. Os que tiravam as primeiras eram imediatamente passados pelas armas. Os demais sofreram rebaixamento à posição de meros soldados.*²⁶⁷

Outro exemplo mencionado por Fragoso foi o episódio ocorrido em Itanaramí:

*Nesse acampamento continuou a praticar as atrocidades que caracterizam a sua vesânia. Novas vítimas imbeles sucumbem ao seu furor sanguinário. A devassa funciona ininterruptamente para a colheita de novos suspeitos. Ninguém se sente seguro nessa atmosfera aterradora de desconfiança e de morte. Dir-se-ia que ele se compraz em vingar-se nesses inocentes dos golpes sucessivos que lhe desferem os adversários.*²⁶⁸

Em contrapartida, Chiavenatto explica que as crueldades atribuídas a Francisco Solano López são determinadas, não raras vezes, como uma defesa da própria disciplina do seu exército (...).²⁶⁹

²⁶⁵ Idem, p. 151.

²⁶⁶ Idem. Ibidem, p. 152.

²⁶⁷ Fragoso, *op. cit.*, p. 79, vol. III.

²⁶⁸ Idem, p. 119, vol. V.

²⁶⁹ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 133.

Burton, por sua vez, difere de Fragoso, Doratioto e Chiavenatto, pois considera impossível o conhecimento do que de fato acontecia nos acampamentos paraguaios. Apesar disso, comenta que era popular ouvir dizer sobre as “*atrocidades de López*” que englobavam *suas*

*“monstruosas e inauditas crueldades”, sua extorsão do testemunho de funcionários estrangeiros mediante tortura, a matança de prisioneiros de guerra por inanição; o chicoteamento de homens, mulheres e crianças até à morte; a morte pela fome e a matança dos feridos, e os repetidos fuzilamentos e baionetadas de irmãos, irmãs e até do bispo, entre outros (...).*²⁷⁰

Sobre esses comentários populares, Burton diz ter uma *certa reserva de opinião*, mas acrescenta que

*Depois que se espalha pelo mundo, nos termos mais indiscutíveis e com os detalhes mais reais, a notícia da execução de um criminoso (ou vítima) de alta (ou baixa) posição, bastam poucos dias para provar que tudo não passou de uma sólida e circunstancial mentira.*²⁷¹

O viajante mais adiante retoma a questão dos comentários sobre Solano López à frente do seu Exército ao desenvolver suas análises sobre os valentes soldados paraguaios:

*Os inimigos do marechal-presidente afirmam que ele obriga seus súditos a combater; que a primeira linha tem ordens de vencer ou morrer, a segunda de atirar em todos os fugitivos ou matá-los a baioneta, e assim por diante até que, finalmente, os fins se juntem numa única e desapiedada mão (...).*²⁷²

Assim como os demais autores, Burton entende que para Francisco Solano López o lema era “vencer ou morrer” e não era permitido o meio termo. Chiavenatto utiliza outras

²⁷⁰ Burton, *op. cit.*, p. 22. (grifos do autor)

²⁷¹ Idem.

²⁷² Burton, *op. cit.*, p. 37.

palavras e outra entoação para dizer que o Exército de López *estoicamente enfrenta um inimigo absurdamente superior em número e força material e só se derrota na destruição total: não se rende.*²⁷³ Já Doratioto recorre às palavras do próprio presidente paraguaio:

*“(...) sinto a mais viva pena em saber que muitos [paraguaios] foram feitos prisioneiros (...) porque é necessário que o soldado paraguaio morra e não se renda, vendendo caro sua vida ao inimigo, antes de servir de escárnio e [ser] objeto de crueldades e infâmias (...) A mais imponente arma que temos na guerra deve ser a de vencer ou morrer, jamais render-se. (...) Assim, nos imporemos ao inimigo que não sabe morrer, porque não tem fé em Deus e por carecer de justiça a causa que defende”.*²⁷⁴

Para este autor, a disciplina pregada por Solano estava longe de ter como base a “fé” ou a “justiça de causa”, mas sim, tratava-se de não valorizar a vida de seus súditos. Mesmo assim, Fragoso que comunga da mesma idéia, em várias partes da sua narrativa comenta sobre a energia dos soldados paraguaios em campo de batalha.

Percebe-se, até aqui, que os autores atribuem todos os feitos militares à pessoa de Solano López, porém, penso ser interessante inserir uma parte da narrativa de Fragoso que aponta uma posição diferenciada a defendida até esse momento, em que o marechal-presidente recebeu um documento de intimidação do Exército brasileiro e agiu da seguinte forma:

*Reuniu todos os chefes e oficiais e perguntou-lhes se aceitavam a intimidação feita. Foram unânimes em repeli-la dizendo “preferirem mil vezes a morte a sofrer semelhante ignomínia”.*²⁷⁵

Portanto, um questionamento com múltiplas respostas possíveis pode ser feito: o que estimulava a persistência desses homens em lutar bravamente? Talvez por não

²⁷³ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 113.

²⁷⁴ Doratioto, *op. cit.*, p. 181.

²⁷⁵ Fragoso, *op. cit.*, p. 123, vol. IV.

vislumbrar outra alternativa, uma vez que a mesma ferocidade encontrada nos inimigos, poderia também ser vista e sentida provinda de Solano López. Ou por terem se envolvido nos discursos do presidente paraguaio que sustentavam a idéia de defender a soberania do país. Ou ainda, pela consciência, como alega Chiavenatto, de lutarem pelo *direito à terra; à alimentação; enfim à autonomia do país*.²⁷⁶ Para Burton,

*O soldado paraguaio certamente tem lutado, em seu ódio contra a anarquia estéril da raça mais pura e, ao resistir às usurpações de seus vizinhos, com uma tenacidade de propósito, com uma furiosa intrepidez e com um impassível menosprezo pela morte que lhe fazem a mais elevada das honras. Por outro lado, ele é um selvagem que se compraz em mutilar o cadáver do inimigo (...).*²⁷⁷

Mas além dessas duas possibilidades apontadas, Burton alega que a “causa” do Paraguai, pela qual os paraguaios lutam, está sustentada na pessoa de Solano López e *se ele cair, a causa do Paraguai (...) está completamente perdida; enquanto viver, o país tem esperança*.²⁷⁸ Assim, qualquer que seja a explicação da garra dos paraguaios ao lutar na Guerra do Paraguai, possivelmente estará envolvida, mais ou menos, a configuração de Solano López.

A idéia da figura do presidente López manter o conflito contra a Tríplice Aliança é desenvolvida não só por Burton que vincula a “causa” defendida pelos paraguaios com a pessoa do presidente, como também, pelos demais autores. Pomer, para ilustrar sua concordância, cita um *despacho privado do Marquês de Caxias*, Marechal do Exército Brasileiro, onde salienta a importância de Solano López na conduta dos paraguaios:

“López tem também o dom sobrenatural de magnetizar seus soldados, infundindo-lhes um espírito que não pode se apreciar com palavra, o caso é

²⁷⁶ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 158.

²⁷⁷ Burton, *op. cit.*, p. 37.

²⁷⁸ Idem, p. 79.

*que se tornam extraordinários; longe de temer o perigo o combatem com um arrojo surpreendente; longe de economizar sua vida, parece que buscam com frenético interesse a ocasião de sacrificá-la heroicamente e de vendê-la por outra vida ou por muitas vidas de seus inimigos...*²⁷⁹

A conjuntura apresentada pelas análises das configurações de Francisco Solano López pode levar o leitor a concluir que não há espaço para se pensar a possibilidade de se tentar um acordo de paz em plena guerra. No entanto, Doratioto assim como Fragoso trabalham com algumas tentativas frustradas. Para Doratioto, com o avanço dos aliados em solo paraguaio, restaria para Solano negociar a paz. Mas isso não aconteceu, pois López tinha esperança de uma negociação que pudesse mantê-lo no comando do Paraguai, como a tentativa na conferência de Iataiti-Corá conforme narrativa de Fragoso.

A análise de Fragoso é de que a culpa da inviabilidade de um acordo de paz é unilateral, ou seja, do próprio Solano que *não queria submeter-se à condição preliminar de abandonar o governo*. E continua: *por outro lado os aliados não podiam depositar a mínima confiança num homem que já havia praticado para com eles as maiores deslealdades*.²⁸⁰ Adiante, Fragoso assim como Doratioto comenta sobre a tentativa aliada de fazer com que Solano López se rendesse e diante da negação, considera que o presidente paraguaio

*Pôs a sorte da pátria e de seus generosos filhos na mão de Deus e consciência com que o tem feito e continuará fazendo, até que o mesmo Deus e as suas armas (dele López), decidam a contenda de modo definitivo.*²⁸¹

²⁷⁹ Pomer, *op. cit.*, p. 293 (citação do *Despacho privado do Marquês de Caxias, Marechal do Exército na guerra contra o Governo do Paraguai, à sua Majestade, o Imperador do Brasil, Dom Pedro II*, Biblioteca do Museu Mitre).

²⁸⁰ Fragoso, *op. cit.*, p. 99, vol. III.

²⁸¹ Idem, p. 124, vol. IV.

Para Pomer e, principalmente, Chiavenatto, a resistência de Solano López representava a *resistência popular ante o avanço do imperialismo colonizador*.²⁸² Por isso, o final da guerra, mesmo praticamente todo território paraguaio dominado pelos aliados, se resumiu em uma *caçada a Francisco Solano López e aos que o seguiam*.²⁸³

Segundo Burton,

*O Marechal-Presidente López, bem protegido pelas montanhas, decide-se por uma guerra de guerrilha e, em favor desse objetivo, agrupa os restos da condenada raça paraguaia.*²⁸⁴

Enfim, o presidente paraguaio nas configurações do turbilhão da região platina em meados do século XIX, recebe o papel de personagem principal, seja como articulador ou vítima de uma trama que vai ocasionar a sua própria destruição e, ao mesmo tempo, a sua inserção na memória histórica, pois se tornou fundamental para as análises do que ficou conhecido por Guerra do Paraguai.

2.3. Construções de símbolos: herói ou tirano sanguinário?

Burton, que terminou sua obra antes mesmo do desfecho da guerra, profeticamente diz:

²⁸² Chiavenatto, *op. cit.*, p. 58.

²⁸³ Idem, p. 153.

*(...) não posso deixar de admirar a estupenda energia e a vontade indomável do Marechal-Presidente López e seu pequenino mas resistente domínio, que jamais serão esquecidos nem lhes faltarão admiradores enquanto existir história.*²⁸⁵

Apesar de marcar sua admiração pela resistência de Solano não deixa de chamar atenção para a audácia percebida nos seus atos. Este entendimento foi possível depois do desenvolvimento das variações das imagens construídas do ditador a partir dos discursos da época. Semelhante variação foi notada nos discursos analisados, pois tecem imagens favoráveis e desfavoráveis de Solano López.

Estas construções são desenvolvidas com mais clareza ao narrarem, com exceção de Burton que finaliza sua obra antes do término da guerra, o fim da resistência paraguaia, representada pela figura de Solano López, com a sua morte, em 1870. Esse episódio abre brechas para discussões sobre a imagem do ditador paraguaio que ainda é constantemente (re)construída.

Tanto Doratioto como Fragoso narram a morte do ditador baseando-se em documentos expedidos por militares da época. O general Fragoso, apesar de citar diferentes versões do fato, concorda com o argumento que considera “irretorquível” do coronel brasileiro Silva Tavares. Eis aqui:

*“(...) Intimado López para render-se ao comandante da força, respondeu já com dificuldade: ‘Morro por minha pátria com a espada na mão’, deixando-a cair para o lado do general brasileiro. Nessa ocasião, tendo-se-lhe puxado pelo punho para ser desarmado, recebeu sobre a região dorsal um ferimento de bala”.*²⁸⁶

²⁸⁴ Burton, *op. cit.*, p. 85.

²⁸⁵ Idem, p. 22.

²⁸⁶ Fragoso, *op. cit.*, p. 161-162, vol. V.

Doratioto alega que a versão do general Câmara, que estava à frente do comando para aprisionar Solano López, é insuspeita e com suas próprias palavras diz que:

*Diante da intimação de Câmara para que se rendesse, Solano López respondeu, “com voz ainda clara e em tom arrogante”, que não se rendia, não entregava a espada e que morria com ela por sua pátria.*²⁸⁷

Além disso, em uma nota no final do livro, o autor faz o seguinte comentário a respeito da frase proclamada por López:

*A frase exata que Solano López disse foi motivo de polêmica. Para uns, ele teria dito que morria ‘pela’ pátria e, para outros, avessos ao ditador, o correto seria ‘morro com minha pátria’, o que estaria mais correto, vista a situação de destruição a que ele levou o país, ao estender inutilmente a guerra. O testemunho insuspeito do general Câmara põe fim à polêmica.*²⁸⁸

Nesta citação, Doratioto deixa evidente seu entendimento sobre a responsabilidade de Solano López pela destruição do Paraguai.

Já Chiavenatto, configura o mesmo episódio de outra forma:

*Finalmente alguns soldados brasileiros cercaram Francisco Solano López à margem do riacho Aquidaban-nigui e o intimaram a render-se. Negando-se, avançou a cavalo contra os soldados e exclamou: “Muero com mi Pátria!”*²⁸⁹

E continua a narrativa contando que López foi perfurado, mas mesmo assim, resiste até o momento em que se encontra

²⁸⁷ Doratioto, *op. cit.*, p. 451. (grifos do autor)

²⁸⁸ Idem, Nota 214 do Capítulo “A caça a Solano López”. p. 555. (grifos do autor)

²⁸⁹ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 161. (grifos do autor)

*(...) quase sem sentidos, não enxerga mais, brande a espada frouxamente. (...) o marechal ainda tenta resistir com suas últimas forças. É quando um tiro pelas costas o mata.*²⁹⁰

Chiavenatto aproxima-se da versão de Silva Tavares apresentada por Fragoso, mas em sua narrativa percebe-se uma tentativa de induzir o leitor a comover-se pelo sofrimento de um homem que lutou bravamente e resistiu até *suas últimas forças* em nome da causa que defendia: a “liberdade” do seu país.

Ao terminar seu capítulo sobre a morte do paraguaio, Chiavenatto repete a frase “¡Muero com mi Pátria!” e diz: *Jamais um homem entrou para a história com uma frase tão tragicamente verdadeira.*²⁹¹

Em contrapartida, Fragoso em suas reflexões finais argumenta sobre a participação do Brasil no conflito e, depois de lamentar que Solano López não tivesse saído com vida, faz a seguinte análise:

*Embora vendo que a volta da paz ao seio do povo paraguaio só dependia d'ele, não hesitou em colocar a vaidade pessoal acima do interesse colectivo. Preferia que a 'sua Pátria moresse com êle' a sacrificar-se apenas por ela, isto é, 'morrer' pela Pátria.*²⁹²

Percebe-se, portanto, que Doratioto configura a imagem de Solano López muito semelhante à configuração de Fragoso, ou seja, atribuindo à este personagem uma certa culpa pela guerra e por todas as vidas que nela pereceram. Já Chiavenatto, ao contrário, reconhece que a morte de Solano marcou o final da tentativa de resistir ao imperialismo inglês, mas que marcaria também, a maior injustiça cometida contra *uns dos grandes heróis latino-americanos (...).*²⁹³

²⁹⁰ Idem.

²⁹¹ Idem. Ibidem, p. 162.

²⁹² Fragoso, *op. cit.*, p. 187, vol. V. (grifos do autor)

²⁹³ Chiavenatto, *op. cit.*, p. 14.

Enfim, as diversas imagens trabalhadas pelos autores resultaram na reconstrução de Solano López como uma importante representação simbólica da Guerra do Paraguai que contribui para a compreensão de suas narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto neste trabalho foi analisar criticamente as elaborações discursivas de alguns estudiosos da Guerra do Paraguai — os historiadores Francisco Doratioto e León Pomer, o jornalista Julio Chiavenatto, o general Tasso Fragoso e o viajante e cônsul inglês *Sir*. Richard Burton — a fim de perceber as singulares imagens que configuram duas importantes representações simbólicas da Guerra do Paraguai: o Paraguai e Francisco Solano López. Esta análise é uma possibilidade para se compreender alguns dos diferentes argumentos explicativos que resultaram em múltiplas interpretações da guerra.

No decorrer das análises, ficou evidente que tanto o Paraguai quanto Francisco Solano López são tratados com um acento diferencial nos discursos em relação aos demais países e seus representantes. Isto retrata a singular importância das imagens que divergem, convergem, ou, simplesmente, se complementam, e configuram representações que são consideradas fundamentais para os entendimentos, principalmente, das origens do conflito.

Considereei importante questionar os próprios autores sobre o porquê da atenção especial à história remota do Paraguai para as suas narrativas. Em busca de respostas, verifiquei que há justificativas variadas, mas todas com a intenção de legitimar a situação configurada desse país no momento em que se envolveu num conflito bélico contra a Tríplice Aliança. Para isso, alguns discursos demonstram a necessidade de retomar a história do Paraguai desde a colonização, outros, a partir da sua independência. O recorte feito por cada autor, no entanto, foi levado em consideração nas análises realizadas e corroborou com o entendimento de que a preocupação percebida nos discursos não era outra senão justificar o peso ou a falta dele como uma das representações simbólicas sobre

a Guerra do Paraguai. O Paraguai foi representado, pelos autores, com imagens múltiplas, as quais foram trabalhadas por eles para atribuírem sentido às explicações configuradas para os motivos que levaram para a deflagração do conflito.

De maneira geral, as elaborações discursivas apontam que o governo era ditatorial, no entanto, há distanciamentos no que se refere às intenções dessa política autoritária. Para uns, o poder autoritário era a única maneira de se tentar construir um país desenvolvido, com igualdade social; para outros, ao contrário, era uma forma de não dividir o poder. Apesar das divergências interpretativas, os autores estão de acordo quanto a idéia de que havia o interesse e a necessidade de se manter uma determinada “ordem” interna nacional em meio a uma conturbada realidade de conflitos civis nas repúblicas vizinhas devido às disputas políticas. Dessa forma, analisar os governos e suas práticas políticas foi fundamental nas compreensões distintas por parte dos autores sobre as duas representações simbólicas analisadas nesta dissertação.

As imagens que configuram a sociedade paraguaia como parte da representação simbólica do Paraguai foram analisadas nos discursos e possibilitaram perceber que há uma complexidade em torno dessa questão, pois ao mesmo tempo em que ela é compreendida como passiva em relação às administrações autoritárias, não apresentando, portanto, nenhuma resistência à dominação por parte dos governantes, é também compreendida como uma sociedade valente diante da possibilidade de dominação por parte dos estrangeiros. Neste caso, os autores chamam atenção para a relação que os governantes paraguaios estabeleceram com o seu povo. De acordo com alguns autores, o povo paraguaio era consciente da “intenção” da política autoritária, ou seja, tinha consciência de que era usada em benefício da população em geral. Em contrapartida, outros autores configuram um povo absolutamente fácil de ser manipulado e sem consciência alguma de qualquer “intenção” política dos governantes que se utilizavam do trabalho desse povo

para enriquecer os cofres públicos e privados, ou seja, configuram os governantes com interesses públicos em benefício do privado.

Independente da capacidade ou não de pensar a sua própria condição, a sociedade chama atenção dos autores pelo seu caráter militar. Esse foi o gancho que possibilitou verificar a importância do aspecto militar. O incentivo político às práticas militares é consensual, mas retomo a questão da “intenção” política variada para se compreender o motivo desse incentivo. Algumas confusões são percebidas entre os autores que se entrecrocavam nas explicações sobre essa característica do Paraguai. Defender o país ou defender a política autoritária do país? Esse questionamento permitiu relacionar o caráter militar à condição do povo paraguaio, pois uma vez consciente, o povo defenderia sua pátria, ou uma vez massa de manobra, defenderia o interesse do ditador que detinha o poder político nas mãos. Burton, para além dessas duas possibilidades de entendimento, volta-se para a psicologia para buscar compreender o que levava os paraguaios a terem esse caráter “violento”, militar tão aguçado. Com isso, esse autor configura uma outra explicação: a questão da “raça semibárbara” que tinha por natureza a característica de violência.

O investimento financeiro aplicado no aparato militar é ponto passivo nos discursos. Entretanto, Doratioto limita-se a essa compreensão quando se refere a qualquer possibilidade de desenvolvimento no Paraguai, ou seja, o Paraguai investia no desenvolvimento do seu caráter militar, enquanto os outros autores reconhecem investimentos em outros setores da sociedade. Conforme o entendimento de cada autor sobre esses investimentos, configurações distintas são elaboradas: de um país com um alto desenvolvimento em relação ao restante dos países da América do Sul, ou de um país que dentro das suas condições atrasadas conseguia não precisar de investimento estrangeiro

para realizar algumas obras públicas, ou, ainda, de um país que tinha o aparato militar um pouco moderno.

Os desdobramentos da compreensão distinta dos autores de cada discurso analisado possibilitaram um saber que deu visibilidade ao Paraguai — ora entendido como uma ameaça devido ao seu antagonismo em relação ao sistema capitalista, ou devido às ambições de seu ditador Solano López em coroar-se imperador, ou, ainda, por buscar tornar-se peça importante nos negócios do Prata, ora entendido como uma nação que com dor e sofrimento buscou defender-se de ameaças externas, ou seja, como ameaçado — enquanto representação simbólica para se pensar os múltiplos entendimentos sobre a guerra.

Após analisar a importância e a diversidade da representação do Paraguai nos discursos trabalhados, voltei minhas análises para outra representação simbólica: a figura de Francisco Solano López. Ao levantar-se militarmente contra a Tríplice Aliança, o Paraguai era governado por Solano López, o qual se tornou referência para os estudos sobre o conflito.

Os deslocamentos de perspectivas de análise dos autores possibilitam diferentes configurações do ditador paraguaio e, principalmente, diferentes explicações sobre os motivos que o levou a colocar seu país em guerra contra o Brasil, a Argentina e o Uruguai. Solano López é tratado, pelos autores, com um acento diferencial, assim como seu país, e o percurso de sua vida até à sua morte, em 1870, a qual marcou o fim da Guerra do Paraguai, é colocado em evidência nos discursos trabalhados. Por isso, desenvolvi as análises sobre a figura de Solano em momentos distintos relacionados à sua trajetória que culminou na presidência do Paraguai (1862) em lugar do seu pai Carlos Antonio López até sua morte, oito anos depois.

Há uma aproximação entre os autores sobre a presença e o destaque de Solano López no Exército paraguaio. No entanto, o que o levou a uma posição militar privilegiada é motivo de discórdias entre eles. Uns atribuem os altos cargos no Exército simplesmente pela sua condição de filho do presidente, outros, entendem que havia uma necessidade de se ter uma pessoa de confiança à frente da instituição de defesa do país, aliás, ficou evidente que os altos postos militares eram restritos devido à possibilidade de traição. Mais uma vez, volto à questão do entendimento sobre a intenção por parte dos personagens, ou seja, os autores, conforme compreensão a respeito do caráter dos governantes e daqueles que estavam ligados à política, configuram distintas imagens de Francisco Solano López.

Dessa forma, a trajetória da vida militar e política de Solano López, com algumas breves abordagens sobre a vida pessoal, é trabalhada nos discursos como um meio de levar o leitor a construir um conceito sobre a sua pessoa para, assim, entender e se convencer dos argumentos apresentados por um determinado autor para explicar a Guerra do Paraguai. Tudo ao redor de Solano é tratado da mesma forma, como por exemplo, a índole duvidosa da sua esposa, a madame Elisa Lynch.

Neste sentido, a postura de Solano diante da morte de seu pai é compreendida e narrada com acentuados distanciamentos. Há discursos que entendem que Solano era o favorito de Carlos López, pois tinha sido um filho participativo dos acontecimentos mais importantes do seu governo; em contraposição, há outros que atribuem a chegada de Solano à presidência como resultado de uma ambição sustentada por toda sua vida que viveria seu ápice ao coroar-se imperador. A forma como Solano conseguiu chegar à presidência é igualmente conflituosa entre os autores que defendem idéias contrárias, entretanto, concordam que o novo presidente passou pela eleição dos parlamentares que, coagidos ou não, elegeram por unanimidade Solano López para o cargo.

A atuação de Solano López enquanto presidente é motivo de divergência entre os autores que a compreendem de forma bastante variada: uns defendem a idéia de que Solano deu continuidade à política de seu pai, inclusive com a mesma cautela em relação às questões externas; outros, no entanto, defendem uma mudança radical que o levou a almejar a condição de contrapeso do Império Brasileiro nas questões platinas, o que resultou em um conflito com seus vizinhos. Esta discordância é percebida, principalmente, no entendimento sobre a origem da guerra, pois Solano López é configurado ora como um articulador cujo único objetivo era justamente colocar-se com mais intensidade nos negócios do Prata ou para, simplesmente, preservar seu domínio, ora como um defensor da pátria contra uma conspiração que ameaçava a soberania paraguaia. Sentimentos contraditórios são atribuídos a Solano nos discursos analisados. Fragoso, por exemplo, é o mais incisivo ao considerar o presidente paraguaio um homem que devido à sua vaidade e orgulho conduziu a nação paraguaia à destruição. Em contrapartida, outros, como Chiavenatto, asseguram que Solano conduziu com determinação a nação paraguaia para um exemplo de resistência diante do imperialismo inglês e da máquina capitalista.

Essas imagens favoráveis ou desfavoráveis que foram criticamente analisadas por constituírem, em cada discurso, uma representação simbólica de Francisco Solano López são enfocadas com mais clarividência a partir de um fato que possibilita inúmeras interpretações: sua morte. A partir desse episódio, a representação de Solano passou a circular na historiografia sobre a guerra, em diferentes épocas, com imagens de tirano sanguinário a herói.

As análises das duas representações simbólicas desenvolvidas nesse trabalho deixaram clara a idéia de que não há, em hipótese alguma, uma visão homogênea e, menos ainda, uma objetividade que possa determinar um discurso sendo a “verdade” sobre a Guerra do Paraguai. Assim como toda narrativa histórica, as imagens que constituíram a

representação simbólica do Paraguai e de Francisco Solano López tiveram como base os recortes, as perspectivas peculiares de análise e as intenções objetivadas por cada estudioso abordado.

A proposta desta pesquisa permitiu perceber que as múltiplas imagens construídas nos discursos, as quais constituem o Paraguai e Solano López enquanto representações simbólicas, são importantes porque dão embasamento às diferentes compreensões sobre a Guerra do Paraguai. Em outras palavras, digo que a maneira peculiar que cada discurso representou o Paraguai e o Solano em suas respectivas narrativas, atribuindo-lhes um acento diferencial, teve a finalidade de legitimar sua tese defendida sobre os motivos que levaram a deflagração da grande guerra do cone sul, no século XIX. Para este entendimento, busquei, a cada instante desse trabalho problematizar o estatuto de verdade que os discursos, embasados na coerência e na convicção de suas idéias, tentam imprimir em suas narrativas.

As elaborações discursivas analisadas permitiram a reflexão da importância das representações configuradas para uma intenção além da simples “contextualização”, ou seja, nesta análise percebe-se que cada autor, ao tecer sua narrativa, apresentou, na coerência de suas idéias e na necessidade de confirmá-las, os motivos que o levou a atribuir peso às imagens trabalhadas por ele, que, neste caso, representaram importantes figuras: o Paraguai e Solano.

Esta pesquisa é uma das muitas tentativas possíveis de se pensar a Guerra do Paraguai, pois essa temática instigou uma enorme produção historiográfica e, provavelmente, continuará instigando outros historiadores que acreditam que a narrativa histórica seja uma arte e, portanto, repleta de infinitas possibilidades. Por acreditar nisso, deixo explícito que busquei um fio com o qual teci esta trama. Escolhi minuciosamente os pontos, mais detalhados ou mais simples, que saíram, ora mais frouxos, ora mais

apertados; escolhi as cores que para mim permitiu uma combinação perfeita. O resultado final foi esta única e acabada tapeçaria, meu trabalho artesanal.

BIBLIOGRAFIA

Livros

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *História das Sociedades Americanas*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro* [1961]. 3ªed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna interpreta o Brasil*. Tese de Titular apresentada ao Departamento de História/UNICAMP, 2002.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURTON, Richard Francis. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Tradução e notas de José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1997.

CALDEIRA, Jorge. *Mauá: empresário do império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CERQUEIRA, General Evangelista de Castro Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai: 1865-1870*. 4 volumes. Rio de Janeiro: Livraria de A. G. Guimarães, 1870

CERTEAU, Michel de. *Primeira Parte: As Produções do Lugar*. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmocles: o exército, a guerra do Paraguai e a crise do Império*. São Paulo: HUCITEC/ Ed. da UNICAMP, 1996.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOZER, Donald Marquand. *América Latina, uma perspectiva histórica*. São Paulo: Globo, [s.d.]

DUARTE, General Paulo de Queiroz. *Os voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

DUBY, Georges. *O historiador, hoje*. In: DUBY, G. et alii. *História e nova história*. Campinas: Editora Teorema UNICAMP, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *O que é um autor?* Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3ª ed. [s.l.] Passagens, [s.d.].

FRAGOSO, Augusto Tasso. *A história da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 5 volumes. Rio de Janeiro: Imprensa Maior do Exército, 1934.

GINZBURG, Carlo. “Apontar e citar. A verdade da História” [1989], in *Revista de História*, IFCH, UNICAMP, 1991.

GRANZIERA, Rui Guilherme. *A guerra do Paraguai e o capitalismo no Brasil: moeda e vida urbana na economia brasileira*. São Paulo: HUCITEC/ Ed. da UNICAMP, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil monárquico*, v. 4: declínio e queda do Império. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

JENKIS, Keith. *A história repensada*. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001.

LACERDA, Sônia e et al. org. por Tânia Navarro Swain. *História no Plural*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

LACONTE, Wanderlei. *Guerra do Paraguai*. [s.l.] Ática, [s.d.].

MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães, org. *A guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

MENEZES, Alfredo da Mota. *Guerra do Paraguai: como construímos o conflito*. São Paulo/Cuiabá: Contexto/Editora da UFMT, 1998.

POMER, Leon. *A guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. Tradução de Yara Peres. São Paulo: Global, 1980.

RAGO, Margareth; GIMENEZ, Renata Aloízio de Oliveira. *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SCHULZ, John. *O exército na política: origens da intervenção militar -- 1850 – 1894*. São Paulo: Edusp, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TAUNAY, Alfredo d' Escagnolle. *A retirada da Laguna*. São Paulo: Melhoramentos, 1946.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História; Foucault revoluciona a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correa de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

Documentos manuscritos

Biblioteca Nacional

Documentos oficiais diplomáticos; despachos confidenciais; tratado de aliança; protocolo da Conferência da Tríplice Aliança; missão especial; 00/04/1865 – 00/07/1865: Fac-simile. Manuscrito. 67f. Fundo/Coleção Guerra do Paraguai.

FERREIRA, Antônio da Costa, e outros. Requerimentos de Antônio da Costa Ferreira, Luis Pedreira do Couto Ferraz, Claudiano Silveira, Manuel Chagas e outros ao presidente da Republica, pedindo a abolição dos festejos comemorativos pela vitória brasileira das batalhas de Tuití e Riachuelo. São Félix, Bahia, 21 Jan. 1916.

GAY, João Pedro. Invasão paraguaya na fronteira brasileira do Uruguay desde seu principio até seu fim. (10 jun a 18 set 1865).

Instruções confidenciais ao marquês de Caxias. Rio de Janeiro, 00/03/1865 – 00/05/1867. Fac-simile. Manuscrito. 33f. Anexo projeto de convenção acerca dos direitos da Bolívia ao território da margem direita do Paraguay, entre Foz e a Baía Negra. Fundo/Coleção do Paraguay.

Revistas e jornais

A Guerra do Paraguai: as origens que sacudiu o continente. *Nossa história*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Ano 2, nº 13, nov. 2004. (edição especial sobre a Guerra do Paraguai)

ALCALÁ, Guido Rodrigues. Recordações familiares à sombra de López. *Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 2, nº 13, nov. 2004. p. 34-37.

ASSUNÇÃO, Moacir. A tragédia paraguaia. *Revista Problemas Brasileiros*, São Paulo, 13ª ed., jun. 1999.

BONALUME, Ricardo. Tríplice desafio. *Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 2, nº 13, nov. 2004. p. 24-27.

COLOMBO, Sílvia. As últimas do Chaco. *Jornal Folha de São Paulo*, 30 mar. 2002. cad. Ilustrada. p. E 10.

DORATIOTO, Francisco. Nova luz sobre a Guerra do Paraguai. *Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 2, nº 13, nov. 2004. p. 18-23.

DOURADO, Maria Teresa Guarritano. Tropas femininas em marcha. *Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 2, nº 13, nov. 2004. p. 38-39 e 41.

GONÇALO, Jr. A outra guerra do Paraguai. *Jornal Gazeta Mercantil*, 5 mai. 2002. cad. Cultura. p. 4.

FRAGA, Rosendo. Uma guerra e muitas versões. IZECKSOHN, Vitor. Recrutas da pátria. *Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 2, nº 13, nov. 2004. p. 42-44.

IZECKSOHN, Vitor. Recrutas da pátria. *Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 2, nº 13, nov. 2004. p. 31-32.

ORTOLAN, Fernando Lóris. Guerreiras paraguaias. IZECKSOHN, Vitor. Recrutas da pátria. *Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 2, nº 13, nov. 2004. p. 40.

SALLES, Ricardo. Negros guerreiros. *Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 2, nº 13, nov. 2004. p. 28-30.

VIEYRA, Hernán Santiváñez. As cores da luta. IZECKSOHN, Vitor. Recrutas da pátria. *Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 2, nº 13, nov. 2004. p. 46-49.

Palestra

Flávia Biroli, em palestra transcrita com o título *O “atual” e o “histórico” no jornalismo — uma discussão sobre a imprensa e história no Brasil contemporâneo*. Palestra proferida no Imes/Fafica – Instituto Municipal de Catanduva, em setembro de 2002.